

NELSON GONÇALVES



um homem para
além do seu tempo

Organizadoras

Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

Maria Aparecida Rocha Gouvêa

Beatriz Pacheco



NELSON GONÇALVES

um homem para
além do seu tempo

AUTORAS

Angélica Aparecida Silva Arieira

Beatriz Pacheco

Fabiola Amaral Tomé de Souza

Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

Maria Aparecida Rocha Gouvêa

COLABORADORES

Arthur Moreira Ramos

Douglas Baltazar Gonçalves

Felipe Esteves Duque

Gabriel Uehara

Maria Luiza de Lima Spolidoro

2025

EDITORA
FOA


FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA

Presidente

Eduardo Guimarães Prado

Diretor Administrativo Financeiro

Iram Natividade Pinto

Diretor de Relações Institucionais

Júlio César Soares Aragão

Superintendente Executiva

Josiane da Silva Sampaio

EDITORA FOA

Editor-chefe

Laert dos Santos Andrade

Diagramação / Capa

Ubiracy Junior

Digitalização de imagens

Miguel Guerra

Pamela C. Feliciano

Revisão textual

Maria Aparecida Rocha Gouvêa

Beatriz Pacheco

editora.unifoa.edu.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA - UniFOA

Reitora / Procuradora

Educacional Institucional

Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

Pró-reitor Acadêmico

Bruno Chaboli Gambarato

Pró-reitora de Extensão

Ana Carolina Callegario Pereira

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

Ana Carolina Dornelas Rodrigues

Pró-reitor de Educação a Distância e Tecnologias de Ensino

Rafael Teixeira dos Santos

Pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Washington de Macedo Lemos

CONSELHO EDITORIAL

Adilson Pereira

Centro Universitário de Volta Redonda

Lucrecia Helena Loureiro

Centro Universitário de Volta Redonda

Luiza Angélica Paschoeto Guimarães

Centro Universitário Geraldo Di Biase

Mônica de Carvalho Teixeira

Centro Universitário de Valença

Roberto Carlos Sales

Fundação de Apoio a Escola Técnica

FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECÁRIA

ALICE TACÃO WAGNER - CRB 7/RJ 4316

O48n Oliveira, Ivanete da Rosa Silva de
Nelson Gonçalves: um homem para além do seu tempo. / Ivanete da Rosa Silva
de Oliveira; Maria Aparecida Rocha Gouvêa; Beatriz Pacheco
(Orgs.); Angélica Aparecida Silva Arieira; Fabíola Amaral Tomé de Souza.
Volta Redonda: FOA, 2025. 252 p. il.

ISBN: 978-85-5964-189-9

1. Nelson Gonçalves - biografia. 2. Biografia. 3. Políticos - biografia. I.
Fundação Oswaldo Aranha. II. Centro Universitário de Volta Redonda. III. Título

CDD 932.2

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - NELSON(S)	
1.1 Os primeiros Gonçalves.....	13
1.2 Nelson Gonçalves chega a Volta Redonda	20
1.3 Esporte e Medicina: duas paixões.....	23
1.4 O destino já estava traçado: Nelson seria prefeito da Cidade do Aço.....	26
1.5 Duas tragédias no mesmo ano.....	27
1.6 As crianças crescem e as lembranças ficam.	28
1.7 De volta à prefeitura para seu último mandato	34
1.8 Nascem os primeiros netos	36
1.9 “A despedida” com um casamento marcado pelo luto	40
CAPÍTULO 2 - PRIMEIRO GOVERNO: DE REPENTE, PREFEITO	
2.1 A morte do irmão	54
2.2 O primeiro mandato.....	57
CAPÍTULO 3 - SEGUNDO GOVERNO: “JUNTOS PARA O RUMO CERTO”	
3.1 Realizações do segundo governo	81
3.2 Administração municipal	82
3.2.1 Centro Municipal de Processamentos de Dados – CMPD	82
3.2.2 Assessoria de Comunicação, Divulgação e Turismo.....	83
3.2.3 Equipamentos e veículos para o município.....	83

3.2.4 Comissões de Valorização do Trabalhador e de Concursos	84
3.2.5 Homenagens ao Funcionalismo e aumento salarial.....	85
3.2.6 Apoio à criação da Associação dos Servidores Municipais de Volta Redonda (Asvre)	87
3.2.7 Plantões nos bairros de Volta Redonda	87
3.2.8 Benefícios para a classe trabalhadora	89
3.3 Infraestrutura	89
3.3.1 Plano Estrutural de Desenvolvimento Local Integrado de Volta Redonda – PEDI-VR.....	89
3.3.2 Grandes obras	90
3.3.2.1 Viaduto Heitor Leite Franco	91
3.3.2.2 Elevado Castelo Branco	91
3.3.2.3 Ponte Presidente Médici (Atual Ponte D. Valdir Calheiros).....	93
3.3.2.4 Passarela sobre a via férrea	95
3.3.2.5 Via Almirante Adalberto Nunes (Beira Rio)	98
3.3.2.6 Estrada do Aço (atual Rodovia dos Metalúrgicos).....	100
3.3.2.7 Saneamento básico e pavimentação asfáltica	102
3.3.3 Outras obras	112
3.3.3.1 Nova sede do SAAE.....	112
3.3.3.2 Fórum Municipal e Câmara de Vereadores.....	113
3.3.3.3 Monumento à Bíblia.....	116
3.3.3.4 Modernização da Rodoviária Francisco Torres	117
3.3.3.5 Reconstrução do Estádio Sylvio Raulino de Oliveira.....	118
3.3.3.6 Via Sérgio Braga.....	121
3.3.3.7 Iluminação de ruas e praças e humanização do trânsito.....	121
3.4 Educação e Cultura	123
3.4.1 Auditório do Colégio Getúlio Vargas.....	124

3.4.2 Colégio Municipal Nelson Gonçalves (Atual Professora Themis de Almeida Vieira).....	125
3.4.3 Fanfarra da Fevre.....	127
3.4.4 Casa Infantil Perpétua Gonçalves – Fundação Beatriz Gama	128
3.4.5 Convênio com o Mobral	130
3.4.6 Eventos culturais	130
3.4.6.1 Jogos universitários	130
3.4.6.2 VII Festival de Música Popular de Volta Redonda	131
3.4.6.3 Ornamentação da cidade para o Carnaval e Natal	132
3.4.6.4 Desfile cívico-militar de Volta Redonda	134
3.4.6.5 Apoio à Feira da Primavera	135
3.4.6.6 Investimentos em comunicação: televisão e frequência FM	137
3.5 Saúde.....	137
3.5.1 Ampliação do Hospital São João Batista	137
3.5.2 Pronto-socorro Municipal	139
3.5.3 Serviço Odontológico	144
3.5.4 Vacinação contra meningite.....	145
3.6 Sucessão do governo municipal	146

CAPÍTULO 4 - VOLTA REDONDA FUTEBOL CLUBE: A CONSTRUÇÃO DE UM SONHO POPULAR

4.1 Origem do estádio: campo do Guarani Esporte Clube	152
4.2 Desafio dos 60 dias: articulações políticas e compromissos sociais	159
4.3 A fundação do Voltaço: um clube com alma de aço	166
4.4 O grande jogo: a vitória histórica contra o Botafogo.....	175
4.5 Outros momentos: a construção de uma identidade	180
4.6 Quando o sonho se veste de ouro	192

POSFÁCIO	197
-----------------------	------------

REFERÊNCIAS	198
VOZES QUE ECOAM O NOME DE NELSON GONÇALVES	208
GALERIA DE FOTOS.....	212
SOBRE AS AUTORAS	248
SOBRE OS COLABORADORES	251

APRESENTAÇÃO

Este livro é mais do que uma biografia. É um tributo à memória afetiva, política e social de um homem que ajudou a moldar a cidade de Volta Redonda com sua generosidade, visão e dedicação incondicional ao serviço público. Médico de vocação, político por destino e humanista por essência, Nelson Gonçalves deixou marcas indelévels nos corações e nos espaços urbanos da “Cidade do Aço”.

A narrativa desta obra é conduzida principalmente por seu filho primogênito e homônimo, Nelson dos Santos Gonçalves Filho, que, assim como o pai, escolheu a medicina e a vida pública como forma de servir. Ao seu lado, o irmão Ricardo dos Santos Gonçalves também contribuiu para resgatar memórias familiares e reconstruir o legado do pai com carinho e precisão. E há, ainda, a presença sensível de sua filha, Therezinha dos Santos Gonçalves Assumpção, que, além de atuar como Secretária de Educação de Volta Redonda, deixou um legado próprio de dedicação à cidade e à cultura, lembrada com especial ternura nesta obra.

A pesquisa também ganha força por meio dos depoimentos de amigos, colaboradores, servidores públicos e personalidades que conviveram com Nelson Gonçalves e puderam testemunhar seu modo único de fazer política: com empatia, escuta e ação.

O Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA), mantido pela Fundação Osvaldo Aranha (FOA), presidida por Eduardo Prado, recebeu, com orgulho e senso de missão, o desafio lançado pelo prefeito Antônio Francisco Neto: transformar a história de Nelson Gonçalves em livro — e realizar esse feito em menos de quatro meses. Uma tarefa audaciosa, mas, assim como Nelson Gonçalves, é o desafio que nos move. E foi esse espírito que norteou toda a equipe envolvida na produção da obra.

Com capítulos que equilibram a intimidade familiar e o contexto histórico de uma cidade em transformação, retratamos o Nelson médico, o Nelson prefeito, o

Nelson pai e, acima de tudo, o Nelson ser humano — aquele que ouviu, acolheu, decidiu e construiu a cidade com amor e coragem.

Convidamos o leitor à reflexão sobre o papel transformador da política, quando exercida com ética, coragem e empatia. E, sobretudo, lembramos que grandes líderes não se medem apenas pelas posições que ocupam, mas pelas vidas que tocam.

Esta é a história de Nelson Gonçalves — contada com saudade, orgulho e um profundo sentimento de gratidão.

Professora Ivanete da Rosa Silva de Oliveira
Reitora do UniFOA

PREFÁCIO

Este projeto nasceu do desejo de preservar e compartilhar a trajetória de um homem que marcou profundamente a história de Volta Redonda: Nelson Gonçalves. Médico, prefeito, professor universitário, pai, avô e, acima de tudo, um ser humano generoso e apaixonado pela Cidade do Aço.

A ideia desta obra surgiu de forma natural, em conversas com meus irmãos, Tetê e Ricardo. Sentimos que era hora de reunir memórias, relatos e fatos que registrassem não apenas a atuação política de Nelson Gonçalves, mas também o homem por trás do cargo — alguém que, com sensibilidade e coragem, conquistou o respeito e o carinho da população durante seus dois mandatos à frente da prefeitura.

Conhecido como o “Mestre das Grandes Obras”, Nelson foi um visionário que ajudou a moldar Volta Redonda, deixando marcas que permanecem vivas até os dias de hoje. Sua dedicação e amor pela cidade se expressaram em cada projeto, em cada decisão e, principalmente, no cuidado com as pessoas.

Agradeço imensamente aos amigos e familiares que contribuíram com seus depoimentos, prestando homenagens sinceras e emocionantes. Suas palavras são fundamentais para manter viva a memória de uma figura que tanto fez por sua gente.

Não posso deixar de registrar, publicamente, o profundo agradecimento da nossa família ao prefeito Antônio Francisco Neto e à equipe do UniFOA. Nossa gratidão ao presidente Eduardo Prado, à reitora Ivanete Oliveira, aos autores e colaboradores Angélica Arieira, Cida Gouvêa, Bia Pacheco, Fabíola Tomé, Artur Ramos, Felipe Duque e Gabriel Uehara, pelo apoio e acolhimento na realização deste projeto.

Que este livro seja, para todos que o lerem, uma oportunidade de se emocionar, de revisitar momentos marcantes e de conhecer um pouco mais dos bastidores da vida de alguém que deixou sua marca na eternidade. Com alegria, saudade e, principalmente, muito amor, contamos aqui a história de Nelson Gonçalves.

Nelson dos Santos Gonçalves Filho

INTRODUÇÃO

Ao ler uma biografia, o que o leitor espera é conhecer a vida de um indivíduo — sua história, seus feitos, suas conquistas, ou seja, a trajetória do protagonista é o que conduz a narrativa. Nesta obra, não é diferente. No entanto, quem nos guia pelas memórias de Nelson Gonçalves¹ é Nelson dos Santos Gonçalves Filho. E, embora ele afirme contar a vida do pai, o que se apresenta aqui é, inevitavelmente, também a sua própria história.

Nelson Filho é o grande responsável por este enredo. Sua voz é a que ecoa em todos os capítulos. Não é apenas a vida do pai que se resgata aqui, mas também a do filho que cresceu à sombra — e à luz — de uma figura admirada por muitos. É a vida de quem enxergou o pai com os olhos de menino, de rapaz e de homem. O médico, o político, o realizador de grandes obras — essa era a imagem de Nelson Gonçalves projetada para o mundo.

Revisitamos com ele, além das manchetes dos jornais e dos registros protocolares da prefeitura, as lembranças de um filho. Memórias marcadas não pelo oficialismo dos cargos, mas pelas emoções, pelos gestos, pelo afeto — por tudo o que ultrapassa os palanques.

É certo que, ao longo desta obra, serão ouvidas outras vozes. Contudo, a que ressoará com mais força será a do filho, primogênito e homônimo do pai, iguais também nas escolhas profissionais — ambos médicos, ambos apaixonados pelo ato de cuidar. E semelhantes, ainda, no ímpeto pela vida pública.

No capítulo 1, abordaremos a trajetória de vida de Nelson Gonçalves, como também a de sua família: sua origem, seus hobbies, suas aptidões e como construiu sua vida profissional.

¹ Nesta pesquisa, usaremos Nelson Gonçalves para nos referirmos ao pai; Nelson Filho, para nos referirmos ao filho, e Nelsinho, para nos referirmos ao neto.

No segundo capítulo, o leitor encontrará o início de sua vida pública: a candidatura a vice-prefeito e, como, a seguir, se tornou prefeito de uma cidade em construção e endividada.

Já no terceiro capítulo, abordaremos seu segundo mandato e as grandes obras pelas quais é conhecido até hoje.

No quarto e último capítulo, será contada a verdadeira história do Voltaço, time de futebol criado por Nelson Gonçalves na década de 1970.

Longe de esgotarmos uma vida tão repleta de significados humanos e políticos, esperamos que esta obra seja uma referência histórica para os cidadãos volta-redondenses e, principalmente, para pesquisadores interessados na construção do município.

Capítulo 1 - Nelson(s)

“Papai montou um consultório e ali atendia a todos. Era um cara muito caridoso, quase não cobrava. Atendia a quem precisava. Foi aí que o povo mais humilde começou a ver quem era papai” (Nelson Filho, 2025c).

Esta biografia começa antes do nascimento de Nelson Gonçalves — o pai — e se desenha a partir do olhar amoroso do filho, que se torna aqui narrador e testemunha.

Filho Nelson (à imagem e semelhança). Nelson Gonçalves
Filho em frente à foto do pai em sua casa.



Fonte: Próprios autores.

1.1 Os primeiros Gonçalves

O pai de Nelson Gonçalves, Manoel dos Santos Gonçalves, vivia em Tavira, Portugal. Movido pelo desejo de uma vida mais próspera, Manoel decidiu embarcar rumo ao Brasil. Já havia por aqui um irmão que o incentivou a se estabelecer em São Paulo e tentar a sorte no comércio. Foi nesse contexto que Manoel conheceu Perpétua Cardoso Gonçalves, também filha de portugueses. Os dois se casaram, e Perpétua se tornou mãe de 11 dos 12 filhos de Manoel — essa contagem será abordada mais adiante.

Os filhos do casal foram registrados em Marília, interior paulista, inclusive Nelson. Há, porém, uma desconfiança familiar de que os nascimentos não tenham ocorrido todos lá. O registro em Marília pode ter sido uma alternativa para evitar as pesadas multas impostas a quem registrava filhos fora do prazo legal. “Meus avós moravam na capital, mas registraram todos os filhos em Marília. Todo mundo acha que era confusão ou mais fácil conseguir a certidão lá. Saber mesmo, ninguém sabe” (Gonçalves Filho, 2025a)¹, comentou ele, entre risos.

Nelson Gonçalves nasceu em 1926. Era o quarto dos irmãos e o segundo entre os homens. Ainda menino, viu a família se mudar com “mala e cuia” para Niterói, no Rio de Janeiro. O destino foi a casa de um compadre de Manoel. “Vovô era representante comercial, vendia café. Imagina a cena: ele manda uma carta dizendo ‘Compadre, estou indo para sua casa. Eu, a esposa e onze filhos’”, narra Nelson Filho (2025a) com bom humor.

Nelson Gonçalves com os irmãos e a mãe.

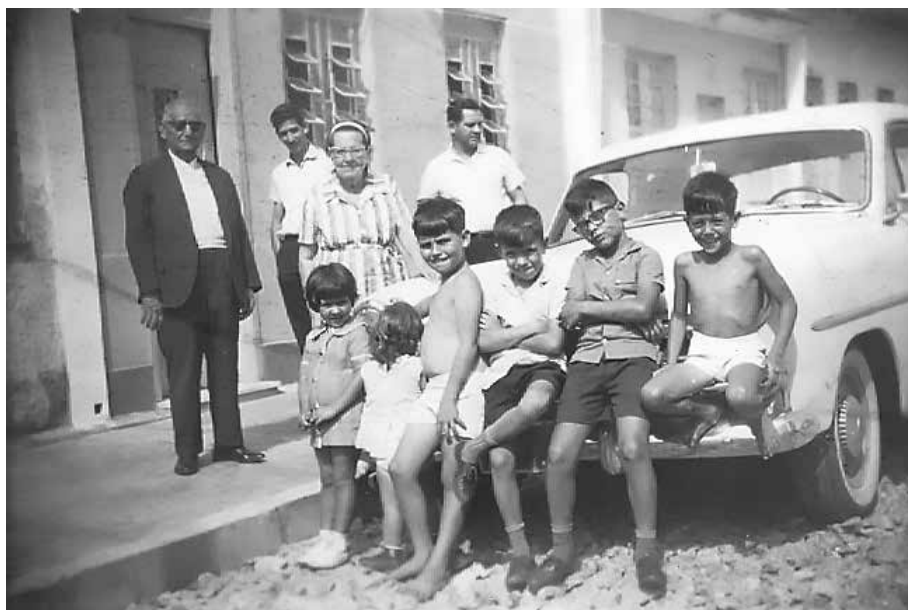


Fonte: Arquivo familiar

1

Para maior fluidez do texto, as marcas de oralidade, típicas do gênero entrevista, foram retiradas.

Nelson Gonçalves com pai, irmão Reinaldo, mãe, filhos e sobrinhos.



Fonte: Arquivo familiar.

Se a ousadia da chegada foi grande, maior ainda foi a decisão que veio com o tempo: a separação do casal. Pouco depois do nascimento do último filho, os avós de Nelson Filho se separaram.

Nunca soubemos de nenhuma ausência do meu avô na vida dos filhos. Após a separação, meu tio mais velho assumiu a responsabilidade da casa, mas o vovô sempre estava por perto, presente na rotina da família (Gonçalves Filho, 2025a).

Entre as memórias infantis que Nelson Filho (2025a) consegue resgatar do pai, uma se destaca: o apelido carinhoso dado pela tia Neide. “Ela chamava papai de Tico. Acho que era de pequetito, pequenininho”, disse com alegria, ao recuperar a lembrança.

Tico, no entanto, não tardaria a mostrar que a pequenez do apelido nada dizia sobre sua disposição. Ao lado do irmão Walter — a quem chamava de sua “dupla dinâmica” — embarcou em inúmeras aventuras. A ida para Niterói foi apenas o início.

Walter, o mais velho, conseguiu ainda jovem um emprego promissor na *Shell*. Aos 15 anos, já era o arrimo da família, e dividir o sustento de uma casa tão cheia era desafiador. Nelson Filho recorda:

meu pai e meu tio eram virões. Vendiam peixe, faziam pipas, inventavam coisas para ganhar um dinheirinho. Tinham uma canoa na praia de Icaraí. Pescavam e levavam o que conseguiam para as irmãs mais velhas que ajudavam a criá-los. Era uma dupla ajustada (Gonçalves Filho, 2025a).

Da esquerda para direita, Walter, o irmão mais velho, Nelson Gonçalves Filho (criança) e o pai Nelson Gonçalves.



Fonte: Arquivo familiar.

Essa parceria ultrapassava o afeto fraterno. Um inspirava o outro. Nelson Filho (2025a) conta orgulhoso que

o político nato era o Walter. Papai sempre o teve como modelo. Ele era popularíssimo. Tanto que, mesmo depois de papai já ter sido prefeito e estar na vida pública, quando a gente chegava a Niterói, era assim: antes da ponte, eu era o filho do Nelson; depois da ponte, era o sobrinho do Walter (Gonçalves Filho, 2025a).

Apesar das dificuldades e das muitas responsabilidades dentro de casa, o jovem Nelson Gonçalves também soube viver sua juventude com certa leveza. Era um rapaz aplicado, mas também tinha seus momentos de lazer — e a Praça do Barreto, em Niterói, era o cenário preferido para isso.

Aos domingos, a praça se transformava no ponto de encontro da juventude. Meninas e moças circulavam no espaço, passeando em grupos, enquanto os rapazes se sentavam nos bancos, atentos a qualquer troca de olhares ou sorrisos que indicassem uma chance de aproximação. Foi ali, em meio a esse ritual social típico da época, que Nelson conheceu aquela que seria sua esposa, Gecy. Nelson Filho (2025b) conta, com um misto de orgulho e ternura, revelando o imprevisto cúmplice que moldou o início do relacionamento dos pais.

Mamãe era contadora. Se formou e foi trabalhar na Secretaria da Fazenda do Estado. Já estudava quando conheceu papai. A paixão cresceu entre encontros discretos e gestos silenciosos. Papai não tinha dinheiro e, naquela época, era malvisto o homem deixar a mulher pagar qualquer coisa. Ela passava o dinheiro escondido para ele poder pagar os ônibus e os bondes (Gonçalves Filho, 2025b).

Enquanto se dividia entre os compromissos familiares e os primeiros passos do namoro, Nelson já acalentava um sonho: ser médico, mais especificamente cirurgião. Era um desejo antigo, sempre declarado. No entanto, surpreendentemente, ao prestar vestibular, ele se inscreveu para o curso de Odontologia.

Quem descobriu a alteração foi Walter, seu irmão mais velho e eterno aliado. Sem aceitar o desvio de rota, foi tirar satisfações: “Tio Walter soube que ele se inscreveu para Odontologia e foi perguntar por quê. Papai respondeu que era para acabar mais rápido e poder ajudar os demais irmãos”, relata Nelson Filho. Mas Walter, firme, não deixou por isso mesmo: “Foi lá e trocou a inscrição. Disse que ele seria médico, sim.”

Nelson Gonçalves, acadêmico de medicina, sexto ano.



Fonte: Arquivo familiar.

E assim foi. Nelson ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, em 1947. Em 1953, formava-se médico com 27 anos. Durante o último ano da graduação, trabalhou no Hospital Antônio Pedro e fazia plantões no Hospital Rocha Faria — mas nem tudo foi simples.

“Papai não tinha pistolão. Se inscreveu para trabalhar no Rocha Faria e não foi aceito por não conhecer ninguém importante”, conta Nelson Filho. Aborrecido com a situação e movido por sua já conhecida audácia, tomou uma decisão inusitada. Ao passar pelo Centro do Rio de Janeiro — que ainda era capital federal —, entrou em um prédio ministerial sem marcar audiência.

Segundo relata o filho (2025b), aproximou-se do balcão e disse ao atendente:

- Quero falar com o ministro.

- Qual o assunto? — perguntou o funcionário.

- Assunto do interesse dele — respondeu Nelson, firme, encarando o absurdo com naturalidade.

Foi atendido. E lá, contou ao Ministro que havia tentado vaga no Hospital Rocha Faria, mas fora recusado por não ter influência. O ministro escreveu uma carta e lhe entregou:

- Leva isso lá. Agora você entra.

Nelson voltou ao hospital, com a carta em mãos — e foi aceito. “Era muito audacioso e cara de pau”, conclui Nelson Filho (2025b), entre risos e admiração.

Nelson Gonçalves, acadêmico de medicina no Hospital Rocha Faria – na ambulância.



Fonte: Arquivo familiar.

Além de Nelson, quarto filho e segundo entre os homens — e personagem central desta obra —, há uma história pouco conhecida que veio à tona apenas após a morte de Manoel: a existência de um filho mais velho, nascido ainda em Portugal, fruto de uma relação anterior.

Antônio, irmão de Nelson, fora deixado na Europa, quando Manoel partiu rumo ao Brasil. O contato com a família brasileira só aconteceu décadas depois, quando Antônio veio rapidamente ao país em uma missão militar. Procurou pelos irmãos, que jamais duvidaram da veracidade do laço: a semelhança física com Manoel era inegável.

Quem o acolheu foi um dos tios de Nelson Filho, que ajudou a conectar Antônio aos demais membros da já extensa família Gonçalves, que àquela altura chegava à terceira geração. Foi um reencontro breve, mas intenso. Pouco tempo depois, Antônio faleceu, deixando uma memória silenciosa e inesperada no seio da família.

Nelson Filho (2025c) relembra: “foi uma surpresa para todos nós, mas ninguém questionou. A semelhança com o vovô era tão grande que não havia como negar. Uma pena termos tido tão pouco tempo com ele”, lamenta.

1.2 Nelson Gonçalves chega a Volta Redonda

Eis o momento de sua chegada a Volta Redonda, fase que será detalhada no próximo capítulo.

Nos primeiros meses, Nelson hospedou-se em hotéis, como muitos dos que chegavam atraídos pela promessa de trabalho na crescente Cidade do Aço. Era um tempo de migração em massa, gente de todo o Brasil corria à região em busca de oportunidades. A CSN fazia tudo girar.

O namoro com Gecy, iniciado na juventude em Niterói, já completava doze anos. Com o diploma em mãos e o emprego consolidado, não havia mais por que esperar. Em junho de 1955, Nelson e Gecy se casaram e se mudaram para Barra Mansa, instalando-se na Rua Jansen de Mello. A vida conjugal começava sob o signo da estabilidade, mas logo viria uma grande mudança.

Casamento de Nelson Gonçalves e Gecy, após 12 anos de namoro.



Fonte: Arquivo familiar.

No ano seguinte, no dia 9 de abril — data simbólica, aniversário da própria CSN —, Gecy, grávida do primeiro filho do casal, planejava ir a Niterói para concluir o enxoval do bebê, aproveitando a folga do marido, mas não deu tempo. Às 21h20 daquele dia, nascia Nelson dos Santos Gonçalves Filho — o primogênito, aquele que seguiria os passos do pai, tanto na medicina quanto na vida pública.

Nelson Gonçalves com o filho Nelson e a esposa.



Fonte: Arquivo familiar

Com o nascimento do filho e a vida estabilizada, Nelson mergulhou de vez na rotina profissional. Tornou-se cirurgião geral no hospital da CSN e, paralelamente, conquistou uma vaga como médico no posto de saúde do estado, localizado no bairro São João. Mas não parou por aí: abriu também seu consultório particular na Avenida Paulo de Frontin, no bairro Aterrado, centro da cidade.

Ali se consolidou a imagem de médico popular e humanista. “O hospital da Companhia, só atendia funcionários e seus dependentes. No posto, eram realizados atendimentos em geral.” (Gonçalves Filho, 2025c).

A família ainda teria mais alegrias a celebrar. Dois anos depois, em 12 de outubro de 1958, nascia o segundo filho do casal: Ricardo dos Santos Gonçalves. E é, a partir desse ponto, que Ricardo, o filho do meio, passa também a engrossar esta narrativa — ao lado do irmão — na construção da biografia do pai.

À primeira vista, os irmãos poderiam até parecer rivais na disputa pela atenção de Nelson — afinal, a diferença de idade entre eles era pequena. Mas, como esclarece Nelson Filho (2025c): “Que nada. Ambos partilhavam a mesma admiração, o mesmo encantamento”. Nelson (2025c) revela com emoção:

Ricardo foi meu companheiro de jornada. Tanto eu como ele tínhamos papai como ídolo e exemplo. Papai sempre foi carinhoso, brincalhão e irreverente. Papai era o amor de nossas vidas e passou esse amor que ele tinha com os irmãos dele para nós.

O amor fraterno entre os dois filhos também se fortaleceu nesse afeto comum pelo pai. E, com o passar do tempo, as memórias de Ricardo passaram a ocupar um lugar importante na reconstrução desse passado, trazendo detalhes e nuances que ampliam o retrato de Nelson — não apenas como médico ou político, mas como homem, pai e exemplo.

Em 1961, nasceu Therezinha dos Santos Gonçalves, a caçulinha. A essa altura, o médico-prefeito já atuava com vigor na política e na (re)construção da cidade, como veremos adiante.

1.3 Esporte e Medicina: duas paixões

Foi Ricardo quem trouxe à tona outra faceta curiosa e pouco conhecida do pai: a paixão pelos esportes. Sua carreira futebolística começou bem antes da medicina. Ainda garoto, Nelson integrou o time do Humaitá, de Niterói.

Time de Futebol Humaitá, de Niterói. Da esquerda para direita (agachado), Nelson Gonçalves é o terceiro.



Fonte: Arquivo familiar.

Também jogou no Time Manufatura, de Niterói.

Nelson (da direita para a esquerda), o sétimo.



Fonte: Arquivo familiar.

Ao entrar para a faculdade, passou a compor a seleção universitária do Rio de Janeiro e viajou por diversos estados, incluindo a Bahia, para disputar as Olimpíadas Universitárias.

Sempre chamado pelos amigos para jogar, Nelson mantinha a paixão ativa mesmo conciliando a vida médica. Nelson Filho (2025c) recorda com bom humor:

num desses jogos da Olimpíada, papai, numa cabeçada meio truncada, quebrou um dente. O doutor Jairo (Jogaib), que era dentista, fez o atendimento ali mesmo, dentro das quatro linhas. Ninguém saía ileso, mas todo mundo era atendido na hora.

Seleção de futebol da CSN. Da esquerda para direita (agachado), Nelson Gonçalves é o segundo.



Fonte: Arquivo familiar.

A habilidade era tamanha que Nelson chegou a ser convidado a integrar o elenco do Botafogo, atuando como zagueiro — ou, como se dizia à época, beque. Entretanto, mesmo diante de uma oportunidade que poderia mudar sua trajetória, ele manteve o foco em seu verdadeiro propósito.

Depois de recusar o Botafogo, Nelson continuou jogando por amor ao futebol. Era presença constante em peladas e, mesmo depois de se mudar para Volta Redonda, ainda atuava em times locais — entre eles, o da própria CSN. Ricardo lembra:

Papai sabia que o futuro dele era a medicina. O futebol, naquele tempo, não era como hoje. Além disso, nem era o Fluminense. No Rio, ele era Fluminense; em São Paulo, São-Paulino; e, em Volta Redonda, torcedor fiel do Voltaço, o Tricolor de Aço. (Gonçalves, 2025).

1.4 O destino já estava traçado: Nelson seria prefeito da Cidade do Aço.

No mesmo ano em que Ricardo nasceu, em 1958, nascia também — de forma quase orgânica — a carreira política de Nelson Gonçalves. Como bem definiu Iram Natividade (2025) — ex-prefeito, farmacêutico, adversário e grande amigo de Nelson: “ele atendia a todos os pacientes, fosse rico ou pobre, com a mesma gentileza. Tinha uma bondade, era do povo. Quando se tem essas características, é fácil identificar. Foi fácil trazê-lo para a política.”

O convite formal veio após um imprevisto, que será abordado no próximo capítulo. Cabe, aqui, destacar que Nelson Gonçalves discutia com a esposa para tomar decisões acerca da vida política. Sobre isso, Nelson Filho relembra: “Nenhuma decisão política do meu pai era tomada de forma apressada. Ele conversava primeiro com a família — e, naquela época, claro, era com a mamãe. A gente ainda era muito pequeno” (2025d).

Nelson aceitou o desafio de se candidatar e foi eleito vice-prefeito em 1958.

Com o novo cargo, a vida da família sofreu mudanças — literalmente. Nelson teve de se mudar com urgência para Volta Redonda. O casal e os filhos passaram a residir na Rua 26, na Vila Santa Cecília, bairro central da cidade. Antes disso, quando ainda residia em Barra Mansa, Nelson, após os plantões no Hospital da CSN, precisava pegar o trem da meia-noite e dez em direção à antiga casa. Era o único meio de transporte coletivo disponível naquela época. Só após a mudança definitiva, pôde abandonar essa exaustiva rotina.

Nelson e filhos na casa em que moraram na Vila Santa Cecília



Fonte: Arquivo familiar.

Apesar da nova posição política, não abandonou a medicina. Funcionário da CSN e, naquele momento, um dos líderes do executivo municipal, Nelson se viu em uma posição delicada. A Companhia, ainda estatal, via com desconforto a atuação de um de seus médicos cobrando melhorias e posicionamentos em nome do município. Essa tensão se tornaria ainda mais intensa nos anos seguintes.

1.5 Duas tragédias no mesmo ano

Desde pequenos, Walter e Nelson Gonçalves foram mais do que irmãos: eram parceiros de vida e de ideais, unidos não apenas pelo sangue, mas por uma visão comum de justiça social. A eloquência, a liderança e a preocupação com o outro estavam presentes em ambos.

Walter, sendo o mais velho entre os irmãos, assumia um papel de protetor. “Quando se casou, levou todos os irmãos solteiros para morar com ele”, conta Nelson Filho (2025c). A família era numerosa: Judith, Inácia, Flávio, Reinaldo, Neide, Éder, Wainer, Ysnaldo, Moacir (irmão adotivo), além de Nelson e Walter. “Hoje, apenas a tia Neide está viva. Ela tem 97 anos. Cuidou do meu tio Éder até o fim da vida dele, já que ele nasceu com deficiência mental”, recorda Nelson Filho (2025c).

Em 1959, Walter era presidente da Frente Universitária Progressista e militava ativamente por causas sociais. Foi em meio a uma dessas ações que sua vida foi ceifada, episódio que será detalhado mais adiante.

Ainda em 1959, outro episódio marcaria profundamente a trajetória de Nelson. Após participar de uma homenagem ao médico Falcão Neto, em Niterói, Nelson retornava com colegas em dois automóveis. Um acidente trágico resultou na morte de Falcão, diretor do Hospital da CSN, e sua esposa. Nelson, que estava no mesmo carro, sobreviveu, assim como os filhos do casal.

Ele sofreu uma fratura no esterno, bem no centro do peito. Durante anos conviveu com dores na região, atribuindo-as às sequelas do acidente. Nunca relacionou o incômodo a problemas cardíacos — que, ironicamente, seriam a causa de sua morte anos depois.

Foi um ano de perdas, dores e recomeços. E, ainda assim, Nelson Gonçalves seguiria em frente, escrevendo com coragem e sensibilidade os próximos capítulos de sua história na cidade que o acolheu.

1.6 As crianças crescem e as lembranças ficam.

Fora da prefeitura, Nelson continuou atuando como médico, agora com a vida mais estabilizada. A política, ainda que importante, passava a ser pano de fundo. O centro da narrativa se desloca para aquilo que sempre foi essencial para ele: a família.

Instalados em uma nova casa, no bairro Laranjal, Nelson e Gecy viam os filhos crescerem. E, à medida que os meninos se tornavam adolescentes, começavam também a reunir lembranças, impressões e admirações ainda mais profundas sobre o pai. Cabo Frio, com seu mar e rotina leve, tornava-se o cenário das memórias mais afetuosas da família. Ricardo Gonçalves (2025) relembra com carinho:

Papai era um paizão. Nelson, como primeiro filho, era mais cobrado. Eu, o do meio, um pouco mais livre. E Tetê era o xodozinho da família. Papai era uma figura: engraçado, amável, sacana. Bem-humorado, fazia tudo ficar mais divertido.

Nelson Gonçalves com filha Tetê, na praia de Itacoatiara, Niterói, janeiro 1967.



Fonte: Arquivo familiar

Nelson Filho (2025d) completa: “Cabo Frio era o nosso refúgio. Rara era a vez que as férias não eram por lá. Papai dava caldo na gente no mar, saía com a cara lavada e nos fazia rir.”

A rotina afetuosa de pai amoroso também incluía preocupações com o futuro dos filhos. “Ele falava sobre os estudos, mas nunca nos impôs nada. Nelsinho quis ser médico. Eu comecei Engenharia, mas segui para a Administração. Tetê virou professora. Ele tinha orgulho de todos nós”, conta Ricardo Gonçalves (2025).

E a relação com a única filha era de um zelo especial, como lembra Nelson Filho (2025d): “Tetê sempre foi muito bonita, e papai nos pedia para cuidar dela. Se puxava a orelha, era sempre de forma sutil.”

O bom humor, no entanto, nunca faltava, nem mesmo com a filha. Ricardo Gonçalves (2025) relembra, rindo: “Certa vez, papai estava com um ovo na mão e perguntou se ela duvidava que ele quebraria na cabeça dela. Ela duvidou. E ele quebrou. Na hora, ela ficou muito brava, mas todos riram muito.”

Quando questionado sobre as memórias do pai que mais o marcaram durante a juventude, Ricardo Gonçalves (2025) relembra momentos em que Nelson estava “mais solto”, segundo suas palavras, com a família em Cabo Frio.

Ele era um paizão. Muito presente, dentro das possibilidades da medicina e da política. Depois do mandato dele, toda vez que ele ia ao Rio, eu também ia com ele. Então, eram horas de diálogo para lá e para cá, ainda mais na época. Teve uma passagem, quando fomos para Cabo Frio. Chegamos lá, e ele ganhou dois convites para assistir às escolas de samba junto a diplomatas, na época em que a Sapucaí ainda era de madeira. Eu não estava com vontade nenhuma de assistir, mas senti que meu pai queria muito ir. Não pude deixá-lo ir sozinho. Fomos então — pai e filho — assistir ao desfile. Foi uma das lembranças mais vívidas que tenho com ele.

Outras memórias também ganharam lugar especial. Certa vez, Nelson recebeu um paciente acidentado — segundo ele, “todo arrebitado” — à beira da morte. Ricardo Gonçalves (2025) relembra:

Ele fez todo o procedimento padrão, por desengano de consciência, apesar do prognóstico. E o paciente sobreviveu. Viveu por muitos anos depois. Como tantos outros que foram pacientes de papai e sempre elogiaram sua dedicação como profissional.

A relação entre Nelson e Gecy também era marcada pelo companheirismo e pelas brincadeiras. Ricardo (2025) relembra com humor: “Mamãe era companheirona. Na época da política, chegou a formar um grupo de mulheres. Foi um pilar para ele. Mas bastava um tempinho livre e ele já estava mexendo com ela, implicando de leve”.

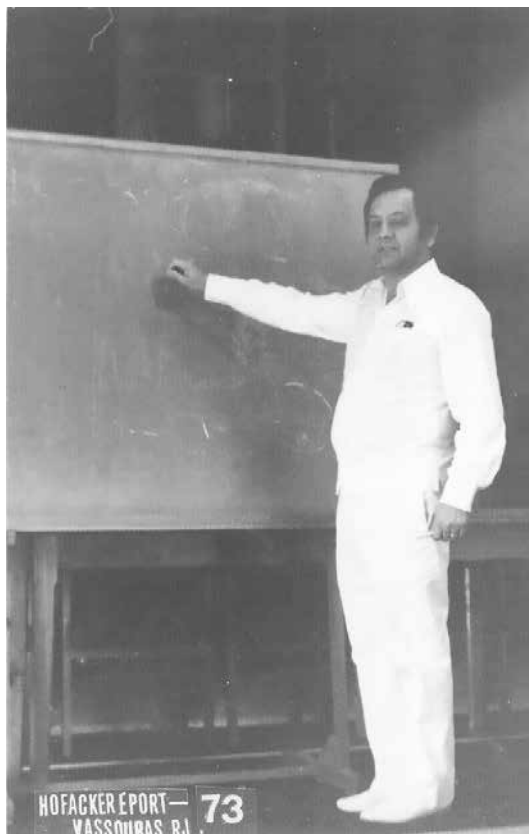
Além de apoiar Nelson, Gecy cuidava de tudo, inclusive da vida doméstica. Ela conciliava o papel de mãe, esposa e aliada política com leveza. Segundo os filhos, era firme quando precisava, mas também carinhosa, inteligente e muito bem-humorada.

Coragem é outra palavra que os filhos usam para definir o pai. Nelson Filho (2025d) afirma: “Papai era audacioso, cara de pau, corajoso. Tem a história do ministro, do exército, da CSN. Mamãe tentava segurar a onda, mas ele ia mesmo assim”.

Quando ele saiu da prefeitura, em 1977 — em plena ditadura militar —, durante seu discurso de despedida como prefeito de Volta Redonda, Nelson surpreendeu a todos. Ricardo (2025) conta sobre a sua última fala no cargo: “Eleições diretas em todos os níveis do poder público, inclusive presidente da república”, um gesto em favor da democracia. “Tivemos mais orgulho por sua coragem”, completa Ricardo Gonçalves (2025).

Nelson Gonçalves conciliou a medicina com a política por muitos anos e até chegou a lecionar. Teve passagem por escolas médicas de várias cidades do Sul Fluminense.

Nelson Gonçalves em sala de aula na Faculdade de Medicina de Vassouras (1973).



Fonte: Arquivo familiar

Nelson Gonçalves em cirurgia.



Fonte: Arquivo familiar

Sua atuação como médico, sempre inquestionável e humana, inspirou muitos aspirantes que viam nele um modelo profissional. No entanto, seu filho foi seu pupilo mais próximo. Nelson Filho (2025c) conta como foi quando o pai soube que ele havia passado para medicina: “Papai ficou em êxtase. Muito feliz. Na minha formatura fez uma bagunça danada, quebrou protocolo. Ele era assim”.

Nelson Gonçalves na formatura do filho.



Fonte: Arquivo familiar.

Mesmo com tantos compromissos, Nelson sempre arranjava tempo para a família. A imagem que seus filhos guardam é a de um homem que soube equilibrar a firmeza da liderança com a ternura do afeto — e que, mesmo nos intervalos da vida pública, nunca deixou de ser, acima de tudo, pai, marido e amigo. Estava presente nos aniversários, nas reuniões escolares e, principalmente, nas pequenas alegrias do dia a dia.

Aniversário do filho Ricardo.



Fonte: Arquivo familiar

1.7 De volta à prefeitura para seu último mandato

Em 1970, quando houve um mandato tampão para separar as eleições municipais das eleições federais, o nome de Nelson ganhava força mais uma vez, mas a repressão o impediria de concorrer. Nelson Filho (2025d) conta esse episódio:

Papai era meio audacioso. Foi chamado pelo Exército para dar explicações a respeito de um manifesto a favor de Brizola. O manifesto havia a suposta assinatura dele de apoio. Ele conta que ficou lá muito tempo sendo interrogado. Queriam que ele admitisse que assinou o tal manifesto. E papai não afirmava. Foi então que, em um dado momento, papai falou ao coronel que lhe desse 50 minutos que ele ia até uma gráfica fazer um texto colocando a assinatura do coronel e isso seria prova de apoio ao Brizola, tanto quanto a que estavam falando que ele tinha assinado. O coronel acabou deixando papai ir sob a condição de que não viesse candidato naquele ano. E, assim, foi impedido de concorrer.

Nelson só voltaria ao cenário político nas eleições seguintes. Em 1972, após quase uma década afastado da prefeitura, retornou ao cenário político municipal. Os filhos e a família foram fundamentais nessa nova fase. Já grandes, eram cabos eleitorais, chefes de campanha, panfleteiros e tudo o que precisasse.

Nelson Gonçalves Filho (à esquerda, em pé), Ricardo Gonçalves (sentado), Therezinha Gonçalves (à direita, em pé) e primas. Comemoração da eleição de 1972.



Fonte: Arquivo familiar

Vale lembrar que os “nelsistas”, nome dado a quem seguia o político, conseguiram fazer uma campanha simples, mais forte, de corpo-a-corpo, tanto que, até hoje, o *jingle* usado é uma referência publicitária na região, e a cor branca, do jaleco médico, passou a ser a identidade política.

O “mestre das grandes obras” voltou à prefeitura em janeiro 1973 com um compromisso ainda maior com a população, fato que será abordado mais adiante no capítulo 3.

Uma história que merece destaque e retoma como Nelson fazia da prefeitura um lugar de acolhimento foi lembrado pelo ex-funcionário e, como ele mesmo disse, “pau para toda obra”, Paulo Groke (2025). Funcionário público aposentado, ele revelou que participou de quase todos os governos de Volta Redonda, desde sua emancipação.

Nelson foi um paizão para os funcionários. Muito austero. Digo com voz alta: sou da turma dos nelsistas. Nelson era tão querido que tudo que ele nos pedia fazíamos com bom grado. Cumprimentava a todos a qualquer hora que chegasse à prefeitura. Entrava pela porta da frente.

Groke (2025) ainda acrescentou:

Nelson fazia churrasco na garagem da prefeitura. Ele fazia amigos no trabalho. Lembro muito de uma vez minha esposa estar grávida, meu carro ter quebrado e ele liberou, com tamanha generosidade, uma licença prêmio que eu tinha. Na ocasião, o abono e qualquer pagamento extra havia sido suspenso até que as contas da prefeitura fechassem. Pedi a ele meio sem graça e mais que depressa ele liberou. Tinha um coração enorme, se preocupava com a saúde do funcionalismo, era diferenciado.

O ex-funcionário ainda lembrou de como se fazia fila na prefeitura para se conseguir “consulta” com o médico. “Ele atendia a todo mundo que fosse à prefeitura, até mesmo se fosse procurar o médico. Dava amostra grátis de medicamento. Era carinhoso e, ao mesmo tempo, divertido. Um ser humano diferente, único”, contou emocionado (Groke, 2025).

Nelson ficou na prefeitura até 1977 e voltou a se dedicar à medicina. Pouco tempo depois, nasceria seu primeiro neto.

1.8 Nascem os primeiros netos

Em 10 de agosto de 1980, chegaria à família Nelson Kruschewsky dos Santos Gonçalves, primeiro neto de Nelson e aquele que, assim como ele, seria vice-prefeito e prefeito de Volta Redonda, inclusive quebrando o recorde do avô como o mais jovem prefeito do país.

O nome do avô trouxe ao neto não só a inspiração, mas compromisso e responsabilidade e, embora o nome possa parecer tê-lo favorecido, foi motivo de disputa judicial em ano eleitoral.

Nelsinho (Gonçalves; Assumpção, 2025) conta: “Meu nome seria Tiago, parece que, na hora da cesárea, minha mãe, Graça, já estava meio anestesiada. Meu pai negociou com ela, colocou Nelson. Ela aceitou o Nelson. E é uma responsabilidade muito grande”.

Dois dos vice-prefeitos mais jovens já eleitos no Brasil: Nelson Gonçalves e Nelsinho Gonçalves, na casa do Laranjal.



Fonte: Arquivo familiar.

Segundo o neto, não fosse o nome que recebeu, talvez a história política da família tivesse findado com seu pai.

Tem uma carga tão grande, um peso no nome. Tanto que os adversários, em uma das eleições que disputei, entraram na justiça para dizer que estávamos confundindo o eleitor. Mas esse é meu nome, não o criei (Gonçalves; Assumpção, 2025).

Além disso, Nelsinho lembra que o nome sempre abriu portas para ele, mas também chegou carregado de expectativas. Conta que, em uma das eleições, o pai estava cotado para compor chapa para a prefeitura, mas estava meio adoentado. Nelsinho (Gonçalves; Assumpção, 2025) relata como entrou na política.

No meu caso foi totalmente aleatório (ser candidato). Aleatório porque, na época, eu não tinha 23 anos. Sim, eu sempre acompanhei e participei muito das campanhas do meu pai, mas, até então, nunca tinha pensado em ser candidato a absolutamente nada. Só que, em 2004, meu pai seria candidato, teve alguns problemas de saúde e não pôde concorrer. E aí o prefeito Neto chamou ele pra conversar. Veio até a minha casa e sugeriu que eu devesse ser o vice. Realmente era uma responsabilidade muito grande.

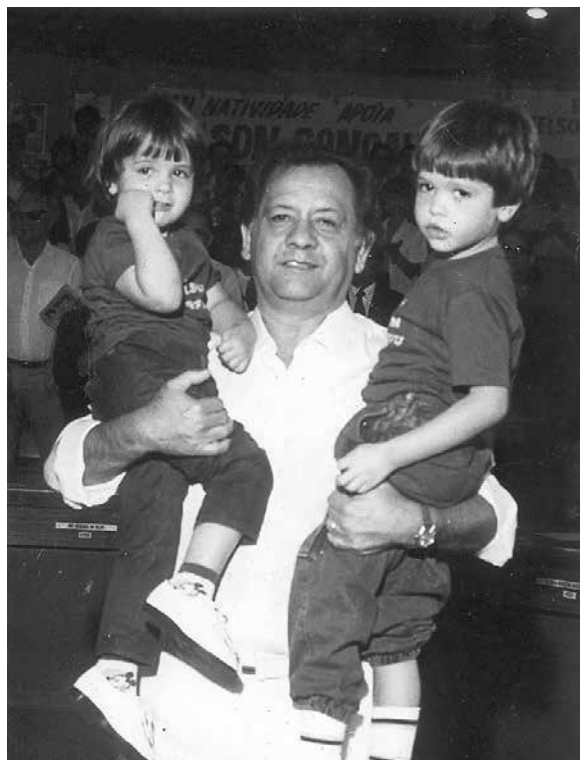
Nelsinho conta que seu avô era muito amoroso e fazia de tudo para garantir a brincadeira com ele e sua irmã Aline. Sobre isso, conta: “Não era comum haver piscina nas casas e nem em muitos clubes. Num dia, eu queria ir a uma piscina, meu avô jogou um monte de almofadas ao chão e fingiu nadar sobre elas, me chamou e começamos a natação assim.” (Gonçalves; Assumpção, 2025)

Nelson Filho também conta sobre como o pai realizava as vontades dos netos. “Nelsinho cresceu em torno da política e queria brincar com o avô. Certo dia, cheguei em casa e estava meu pai em cima da mesa, fazendo um comício para o neto assistir. Tudo era alegria e brincadeira.” (Gonçalves Filho, 2025d)

Nelson Gonçalves com netos Aline e Nelsinho, e sobrinho Rodrigo (filho do Ysnaldo).



Nelson Gonçalves, Aline e Nelsinho na convecção de 1985.



Fonte: Arquivo familiar.

Além de Nelsinho Gonçalves, outra neta a conhecer o avô foi Aline, também filha de Nelson Filho. Ela nasceu em 24 de julho de 1982 e, apesar da pouca convivência, diz que o lado amoroso e carinhoso de Nelson foi demonstrado em um presente recebido: uma bicicleta azul, que veio a ser a sua primeira bicicleta. Todo o recebimento do presente foi feito de uma forma muito lúdica, não apenas uma entrega. Com afeto, Aline Kruschewsky dos Santos Gonçalves (2025) relembra: “Meu vô disse que iria fazer uma mágica, com todo um cenário preparado me fazendo acreditar que a bicicleta realmente tinha aparecido lá em um passe de mágica, transformando o momento em algo marcante para mim”.

1.9 “A despedida” com um casamento marcado pelo luto

Nelson era um homem público e sua vida foi forjada pela política. Sua última disputa eleitoral teria deixado marcas tristes, mas ele não foi o único a sofrer com a derrota amarga e mal justificada, segundo os familiares. Os filhos, irmãos e, até mesmo, quem estava fora do pleito não entendeu, mas esse detalhamento será abordado no capítulo 3.

Mais do que triste, a despedida de Nelson foi trágica. Nelson Filho relembra que, antes de falecer, seu pai chegou a ensaiar a entrada na igreja com a filha, brincando que daria o braço a ela e que o outro ficaria livre para cumprimentar o povo. A filha, em tom de brincadeira, respondendo à fala do pai, perguntou se ele iria fazer política no casamento, quando Nelson Gonçalves respondeu: “eu sou político”.

“Foi uma tragédia. Lembro do bolo de casamento na sala e o caixão no mesmo ambiente. As felicitações do casamento chegavam seguidas das condolências”, relembra Ricardo (2025).

Tetê não se casou naquele dia. A igreja autorizou o casamento fora da paróquia, dada as circunstâncias. A cerimônia, e dessa vez, sem convidados, ocorreu uma semana após o velório de seu pai.

Casamento da Tetê, uma semana após o falecimento do pai.



Fonte: Arquivo familiar

Therezinha dos Santos Gonçalves, Tetê, também teve uma vida marcada pela política. Foi, por várias vezes, secretária de Educação de Volta Redonda, mas há poucos anos, após complicações de saúde, não resistiu e faleceu. Seu único filho, Thiago dos Santos Gonçalves Assumpção (Gonçalves; Assumpção, 2025) contou o que ela falava sobre o casamento e sobre a dor que sentia pelo pai não ter conhecido o neto.

Esse era um assunto difícil, pouco comentávamos em casa. Evitava-se mesmo. O que ela dizia era que meu avô certamente teria muito a me ensinar e me amaria muito. Sua principal fala sobre o pai era como ele era amoroso, caridoso e responsável com a coisa pública. Ela tinha tanta admiração por ele que carregava seu nome com muito orgulho.

Tanto Nelsinho como Thiago trabalham na prefeitura e a imagem do avô nas galerias dos prefeitos os fazem refletir sobre a herança e legado que Nelson deixou, seja na administração pública seja no exemplo paternal.

Netos em frente à galeria de prefeitos no Palácio 17 de Julho.



Fonte: Próprios autores.

A última neta de Nelson Gonçalves a nascer foi Bruna Paiva Gonçalves Metcalf. Residindo, atualmente, na Inglaterra, a gerente de marketing replica com admiração o retrato que seus tios, pai e conhecidos do avô construíram em seu imaginário.

Meu pai idolatra meu avô. Todas as vezes que nos encontramos, ele traz uma nova história e eu fico muito contente de saber que grande homem era ele. Minhas lembranças remontam ao que minha avó me contava, que foi com quem eu convivia. Ela sempre chorava (Metcalf, 2025).

Bruna que, ao conceder a entrevista, estava grávida de seu primeiro filho e revelou não saber o sexo do bebê. Apesar de já ter escolhido nomes para ambos os sexos, se disse balançada em replicar o nome Nelson em seu rebento.

Sou apaixonada por Volta Redonda e quero muito voltar. Cresci vendo meu pai apontando as obras e coisas que meu avô fez. Quero que meu filho ouça e saiba de todo o carinho que meu avô teve pela cidade. Quem sabe não vem aí um novo Nelson (Metcalf, 2025).

Ricardo Gonçalves e a filha Bruna Gonçalves Metcalf.



Fonte: Arquivo familiar.

Capítulo 2 - Primeiro Governo: de repente, prefeito

*“Como político, quero ser sempre o médico que deseja ser
útil, que deseja servir aos seus semelhantes.”*

Nelson Gonçalves (trecho de seu discurso de posse como vice-prefeito)

Volta Redonda foi o centro de atenção de diversos partidos políticos no pós-45 e, desde as eleições para a Assembleia Constituinte, em 1946, o debate político esteve presente. Afinal, era o projeto de cidade que visava ao desenvolvimento econômico do Brasil.

“Do início ao final da década de 1940, a população do oitavo distrito de Barra Mansa saltou de 2.782 para 35.964 habitantes, fato que coincide com a implementação do Plano A de construção da usina, que terminou em 1947” (Silva e Silva, 2011, p. 89). E, após a sua emancipação, em 1954, Volta Redonda era uma cidade que crescia a taxas exponenciais: dos quase 36 mil habitantes, em 1947, para quase 80 mil, no início dos anos 1960. Esse crescimento desordenado gerava enormes desafios urbanos – da falta de infraestrutura básica à segregação espacial entre bairros planejados pela CSN e áreas de ocupação espontânea (Dinius, 2001).

A CSN atuou como promotora do espaço urbano de Volta Redonda pelo viés do planejamento urbano, assumindo os encargos com equipamento e serviços urbanos (construção das casas, esgoto, água, luz, manutenção de casas, limpeza urbana, telefone) da porção destinada a construção da Vila Operária. Ocorrendo nesta fase uma maior estratificação do espaço urbano, a “cidade velha”, surge como alternativa ao déficit habitacional da CSN, e acaba por abrigar os operários menos qualificados e aqueles excluídos do benefício habitacional, e também a população sem qualquer vínculo direto com a CSN, que chegava à cidade atraída pela possibilidade de beneficiar-se do ganho social gerado pelo empreendimento, mas nem sempre eram diretamente absorvidas por ele. Este movimento se intensifica no período compreendido entre os anos de 1947 até meados dos anos 1960 (Santos, 2021, p. 11) [sic].

Politicamente, o cenário era de instabilidade. Embora a CSN concentrasse poder econômico e influência sobre a administração pública, a população ansiava por lideranças locais que representassem seus interesses de forma mais direta.

Posteriormente, a CSN assumiu integralmente a responsabilidade tanto pelo fornecimento quanto pela manutenção dos principais serviços urbanos, como o abastecimento de água, o sistema de esgoto, a iluminação pública, a construção e conservação de moradias e as comunicações telefônicas. Somente na década de 1960, parte dessas responsabilidades foi transferida

para a prefeitura. Nessa época, a população da cidade havia alcançado a marca de 100 mil habitantes, dos quais 13 mil eram empregados diretamente pela usina siderúrgica (Carvalho, 2017, p. 592) (Tradução nossa).

Era um momento em que a política municipal oscilava entre a submissão ao projeto industrial e a tentativa de construir um poder público independente.

Se a criação de Brasília no início dos anos 1960 refletia a ideologia desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek, a fundação de Volta Redonda espelhava a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas. Uma combinação de paternalismo estatal, extração de mais valia absoluta e “coronelismo” – e a interpenetração da cidade, da companhia e da nação como partes da “família siderúrgica” (Morel, 2001)

Isso atravessava as divisas entre o público e o privado.

A CSN aparecia como a “mãe” de Volta Redonda. O poder da “mãe” emanava da autoridade do presidente Vargas, o “pai”, que elegia pessoalmente o presidente e a direção da usina que levava o seu nome. Tudo isso produzia ainda mais confusão na percepção das relações entre o público e o privado. A maioria dos espaços públicos da cidade era de propriedade da empresa, ainda que controlados pelo Estado. A cidade era, como já dissemos, uma extensão da CSN; assim como a CSN poderia ser considerada um microcosmos da cidade. Não havia como os conflitos relativos à usina deixarem de se tornar conflitos sociais mais amplos, impactando o espaço público urbano; nem como os conflitos sociais urbanos deixarem de impactar a vida da “Companhia” (Santana; Mollona, 2013, p. 131).

O movimento de emancipação de Volta Redonda surgiu, segundo Morel (1989), na década de 1950, por iniciativa de políticos ligados ao Partido Social Democrático (PSD), articulados com um grupo de profissionais liberais e comerciantes locais reunidos na Loja Maçônica Independência e Luz, liderados por Lucas Evangelista de Oliveira Franco, e se consolidou em 17 de julho de 1954.

É, nesse período, janeiro de 1954, que chega à cidade o Dr. Nelson dos Santos Gonçalves, a convite de seu amigo, Dr. José Joaquim Figueiredo Filho, para trabalhar no hospital da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Ali, o recém-formado se

tornou o cirurgião geral e médico do Posto de Saúde do Estado. Amigos relatam e ressaltam a empatia do homem, simples e humano, estimado pelos pacientes do hospital e que também assistia gratuitamente os mais necessitados (Moreira, 2004).

Fernandes (2001) relata que a CSN não se opôs ao processo de emancipação da cidade; pelo contrário, já estava interessada em se desvincular de algumas atribuições em relação aos equipamentos urbanos. Cabral de Souza (1992, p. 42) ressalta que a instalação do município não trouxe a unidade territorial desejada, pois o espaço permaneceu dividido. Dentro da área municipal, sobrevivia a cidade operária como unidade autônoma gerida pela CSN. Dois mundos numa mesma cidade: dois espaços geograficamente bem delimitados, submetidos a governos diferentes e a condições de vida radicalmente contrastantes.

Há quem atribua ao acaso o motivo que levou Dr. Nelson a ingressar na vida pública. Gostamos de pensar (e os fatos nos ajudam) que os problemas da cidade para a qual ele se mudou, na qual começou a formar sua família e para a qual trabalhava falaram mais alto. Em 1958, Dr. Nelson estava casado com D. Gecy e já tinha dois filhos, Nelson Gonçalves Filho e Ricardo dos Santos Gonçalves.

Os irmãos, Nelson Gonçalves Filho e Ricardo dos Santos Gonçalves.



Fonte: Arquivo familiar.

O deputado estadual Bernardo Benfeito procurava um candidato a vice-prefeito do município — naquela época, prefeito e vice não eram vinculados por partido e tinham votação em separado. Essa busca se deveu ao fato de seu candidato a vice já em campanha, o comerciante José Brás Vieira, haver sido operado às pressas pelo Dr. Nelson Gonçalves e não se sentir, à época, em condições de continuar a jornada. O próprio médico, então, foi indicado pela Chefe da Administração do Hospital da CSN e irmã de Benfeito, Bergonsil de Oliveira Magalhães, que, obviamente, já observava como o doutor, para além da competência médica, era bastante solicitado e querido (Moreira, 2004). Dessa forma, em 1958, com uma campanha iniciada meses antes da eleição, o jovem médico foi eleito com 5.715 votos, mais do que o candidato a prefeito, Cesar Lemos, que obteve 5.486.

Sua campanha política foi calcada em símbolos tangíveis, como a promessa de pavimentação de ruas, coleta regular de lixo e melhorias nos serviços públicos — elementos que, para uma população carente de infraestrutura, proveniente de uma cidade recém-nascida, representavam progresso real e imediato.

“Santinho” da campanha de Nelson Gonçalves a Vice-prefeito do município de Volta Redonda.



Fonte: Arquivo familiar.

Nelson visitava bairros esquecidos, participava de festas populares e, em muitas ocasiões, atendia pacientes gratuitamente, reforçando sua imagem de servidor público dedicado (Gonçalves Filho, 2025e). A prática médica de Nelson Gonçalves revelava um entendimento da saúde como um direito e não como mercadoria, uma visão que mais tarde influenciaria sua atuação política. Assim, ao transitar entre o consultório, o hospital e as praças públicas, foi costurando uma rede de confiança popular que se transformaria no alicerce de sua trajetória política.

Sua capacidade de escuta, a dedicação sem distinções e a crença em um atendimento humano sedimentaram sua reputação de homem público muito antes de qualquer campanha eleitoral. Dessa forma, identificamos que a entrada de Nelson Gonçalves na política não foi um movimento isolado ou oportunista: ela respondeu a uma demanda social concreta por líderes locais legítimos e solidificou-se no cruzamento entre o crescimento urbano desordenado, o protagonismo da CSN e as necessidades básicas de uma população que aspirava mais do que a sobrevivência — aspirava cidadania.

Dia da Posse: Cesar Lemos e Nelson Gonçalves.



Fonte: Arquivo familiar.

Mesmo sem experiência prévia na administração pública, seu nome tornou-se sinônimo de esperança em uma cidade que ainda se ressentia da tutela excessiva da CSN.

Segundo Fontes e Lamarão (2006), a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) exerceu um papel central no controle e na organização do espaço urbano de Volta

Redonda durante grande parte do século XX. Desde sua instalação, foi responsável por implantar e administrar o núcleo urbano central da cidade, assumindo funções que extrapolavam sua atividade industrial e alcançavam o campo da gestão urbana. Mesmo após a emancipação político-administrativa do município, a empresa manteve o domínio sobre áreas estratégicas da cidade, conservando sob sua tutela a infraestrutura central enquanto a malha urbana se expandia. Apenas a partir do final da década de 1960, iniciou-se um processo gradual de transferência de seu patrimônio e encargos urbanos para a prefeitura municipal, evidenciando como a CSN se constituiu como um verdadeiro poder local que moldou o território e a dinâmica social de Volta Redonda segundo seus interesses empresariais.

A forte identificação entre Nelson Gonçalves e os operários da CSN, que já se delineava durante sua prática médica, consolidou-se ainda mais com sua atuação política. Aqui, poderíamos explicar o sucesso de Nelson com o conceito de identificação emocional espontânea: a população não apenas conhecia Nelson — ela se reconhecia nele.

A emergência de Nelson Gonçalves como figura pública — um médico acessível, defensor dos humildes e homem de ações concretas — dialogava diretamente com essa cultura política trabalhista. Sua ascensão inesperada, primeiro como vice-prefeito eleito com votação expressiva e depois como prefeito em decorrência da crise política, pode ser lida como a tradução do desejo popular por uma liderança capaz de reforçar o pacto entre Estado e sociedade civil, rompendo com a dependência simbólica em relação à CSN.

Poucos meses depois de iniciar seu mandato como vice-prefeito, a cidade mergulhou em uma grave crise administrativa. O prefeito César Lemos passou a ser alvo de uma série de denúncias de má gestão e irregularidades que incluíam atraso sistemático no pagamento de servidores, exoneração de profissionais da educação em contexto de déficit escolar, contratação de funcionários fantasmas, fechamento de escolas e postos de saúde, além de descumprimento de resoluções da Câmara Municipal. A situação agravou-se com seu afastamento não autorizado da cidade e a suspeita de envolvimento indireto no assassinato do líder sindical Rubens Machado.

Manifestação da revolta popular pelo assassinato de Rubens Machado.



Fonte: *Última Hora*, 1960.

Contingentes armados (metralhadoras e baionetas caladas) da Polícia Militar continuam ocupando estrategicamente toda a Cidade de Volta Redonda — conforme documentam as fotos obtidas pelos nossos enviados especiais — para dominar as manifestações de revolta popular geradas pela morte do líder sindical Rubem Machado. O Prefeito **César Lemos**, apontado como o mandante intelectual do bárbaro homicídio, em última forçada e a Câmara local exige sua imediata deposição (*Última Hora*, 1960) (**grifo nosso**).

Diante da ausência prolongada e da pressão popular, a Câmara Municipal instaurou uma comissão de inquérito e, em 8 de fevereiro de 1960, aprovou por maioria o *impeachment* de César Lemos por crime de responsabilidade. O processo, amplamente noticiado por *O Jornal*, envolveu forte mobilização popular e foi acompanhado de

perto por deputados da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, que sinalizaram apoio à homologação da decisão (*O Jornal*, 1959–1960)¹.

A crise política que afastou o prefeito César Lemos, em 1960, não apenas abriu uma vaga no comando da prefeitura de Volta Redonda — abriu também espaço para a ascensão de um novo tipo de liderança. Se, até então, o poder municipal gravitava em torno dos interesses técnico-burocráticos da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a emergência de Nelson Gonçalves representava uma inflexão: a

1 Sobre isso ver:

APELA também para a Justiça o prefeito de Volta Redonda. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 3 fev. 1960, edição 12.089, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pagfis=1007. Acesso em: 10 abr. 2025.

CÂMARA abrirá inquérito contra prefeito de Volta Redonda. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 30 dez. 1959. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22C%C3%A9sar%20LEMO%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=140. Acesso em: 10 abr. 2025.

CÂMARA de Volta Redonda vai decidir a sorte do prefeito. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 3 fev. 1960, n. 12.089. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22Cesar%20Lemos%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1013. Acesso em: 10 abr. 2025.

CONTINUA a greve em Volta Redonda. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1959, edição 12.054, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=82220. Acesso em: 10 abr. 2025. EM ESTUDO o impeachment do prefeito de Volta Redonda. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 jan. 1960, edição 12.081, p. 16. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22C%C3%A9sar%20LEMO%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=140. Acesso em: 10 abr. 2025.

GOVERNO estadual deve quase 160 milhões a Volta Redonda. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1959, edição 12.054, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=82220. Acesso em: 10 abr. 2025.

"IMPEACHMENT" do prefeito de Volta Redonda: povo sambou depois da decisão dos vereadores. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10 fev. 1960, edição 12.095, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22Cesar%20Lemos%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1224. Acesso em: 10 abr. 2025.

POVO EM Volta Redonda pede o afastamento do prefeito. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 dez. 1959, edição 12.053, p. 10. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=82256. Acesso em: 10 abr. 2025.

PREFEITO retornou prometendo pagar. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 30 dez. 1959, edição 12.060, p. 3. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=82447. Acesso em: 10 abr. 2025.

PREFEITO foragido: o ódio e o desejo de vingança dos trabalhadores. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1960, edição 12.076, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=542. Acesso em: 10 abr. 2025.

PREFEITO de Volta Redonda vai ser afastado do cargo. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1960, edição 12.135, p. 8. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pagfis=2734. Acesso em: 10 abr. 2025.

PREFEITO tem cinco dias de prazo para fazer a sua defesa. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 28 jan. 1960, edição 12.084, p. 7. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22Cesar%20Lemos%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=787. Acesso em: 10 abr. 2025. SERÁ declarada vaga a função de prefeito em Volta Redonda. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1960, edição 12.078. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22Cesar%20Lemos%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=579. Acesso em: 10 abr. 2025.

VEREADORES de Volta Redonda pedem deposição do prefeito. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1960, edição 12.093, p. 18. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22Cesar%20Lemos%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1108. Acesso em: 10 abr. 2025.

cidade começava a se reconhecer em um prefeito que vinha das ruas, das pequenas clínicas, dos ônibus lotados entre Barra Mansa e Volta Redonda, e não dos gabinetes.

Em 28 de março de 1960, Nelson Gonçalves assumiu interinamente a prefeitura de Volta Redonda. O jovem médico via-se diante do imenso desafio de administrar uma cidade marcada por dívidas, serviços públicos precários e desconfiança generalizada.

2.1 A morte do irmão

A transição não foi apenas institucional, mas também profundamente pessoal. Durante esse período, Nelson sofreu uma tragédia íntima: a morte de seu irmão e parceiro de tantas batalhas, Walter dos Santos Gonçalves. Segundo testemunhos coletados em entrevistas, a morte de Walter abalou profundamente Nelson, mas não o afastou de suas responsabilidades públicas. Pelo contrário: reforçou ainda mais seu senso de missão (Gonçalves Filho, 2025e).

Nelson dos Santos Gonçalves e seu irmão Walter dos Santos Gonçalves.



Fonte: Arquivo familiar.

Nelson Gonçalves Filho (2025e) relata a morte do tio:

O meu tio Walter morreu novo, lá em Niterói. Foi naquele negócio das Barcas, sabe? O quebra-quebra das Barcas em Niterói. Ele estava estudando lá e acabou se envolvendo. Dizem que foi uma confusão danada, polícia, gás, tiro, aquela bagunça toda, e ele acabou sendo atingido, morreu na hora. Foi muito difícil para o meu pai, porque eles eram muito ligados e foi tudo muito trágico, muito inesperado (Gonçalves Filho, Entrevista, 2025e).

Walter, estudante de Direito da Universidade Federal Fluminense (UFF), faleceu de forma trágica no episódio que ficou conhecido como o Quebra-quebra das Barcas, em maio de 1959, na cidade de Niterói. O movimento popular, motivado pelas péssimas condições do transporte aquaviário e pelos abusos cometidos pelas empresas privadas responsáveis pelo serviço, acabou sendo violentamente reprimido pelas forças de segurança (Basile, 2020).

À época, o transporte entre Niterói e o Rio de Janeiro era controlado pelo Grupo Carreiro, acusado de má gestão, superlotação das embarcações, constantes atrasos e reajustes abusivos nas tarifas. Em meio a uma greve dos marítimos por melhores condições de trabalho, o serviço foi parcialmente paralisado, o que resultou em filas gigantescas na Estação Cantareira. Sem preparo para lidar com a multidão, os fuzileiros navais convocados para garantir a travessia recorreram à violência. A repressão culminou em disparos de armas de fogo em meio à população, o que desencadeou uma revolta generalizada (Basile, 2020).

Estação das Barcas de Niterói, no dia do quebra-quebra.

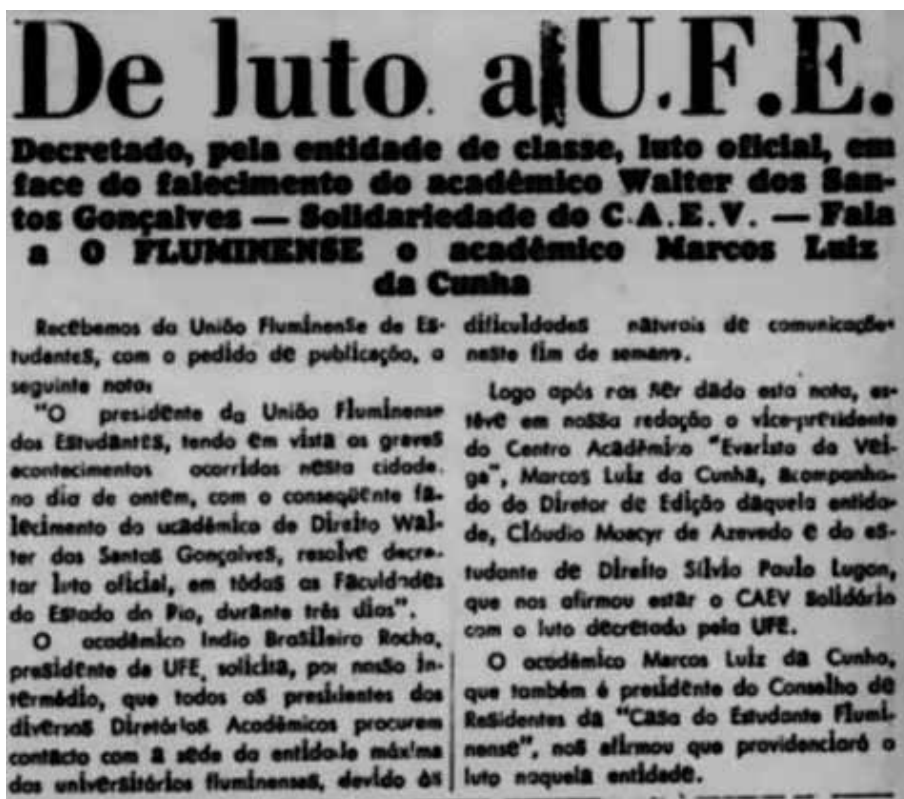


Fonte: Arquivo Nacional.

A estação foi incendiada, embarcações destruídas e a sede da empresa depredada. Em meio à confusão, Walter foi atingido por disparos e morreu no local, enquanto tentava socorrer outra vítima da repressão, conforme denunciado publicamente pelo diretor da Faculdade de Direito de Niterói (*Última Hora*, 1959 p. 3).

O saldo final da revolta foi trágico: oficialmente, seis mortos e mais de 100 feridos, entretanto veículos da imprensa reportaram números ainda maiores (Almeida, 2005). O episódio, que ficou conhecido como uma “pequena Bastilha”, tornou-se símbolo da luta popular contra a exploração e a precarização dos serviços públicos (*O Globo*, 2019). Após a revolta, o transporte aquaviário foi estatizado, passando ao controle do governo estadual.

UFF decreta luto pela morte de Walter Gonçalves.



Fonte: O Fluminense, 23 de maio de 1959.

2.2 O primeiro mandato

Essa maneira de governar, muito antes de estratégias modernas de marketing político, firmava-se na prática concreta da presença: um prefeito que caminhava entre os seus, que ouvia, que se deixava interpelar. Como ele próprio registrou em uma anotação pessoal, encontrada entre seus papéis arquivados: “É preciso mais que autoridade: é preciso ter credibilidade construída no olho a olho, na palavra que se cumpre” (Gonçalves, 1960)

Não por acaso, em seus discursos, Nelson Gonçalves insistia que a política deveria ser o espaço do compromisso público e não da realização pessoal. Como escreveu em seu discurso de posse: “Não busco aqui glória nem recompensa. Busco

a construção de uma cidade que pertença a todos os seus filhos, e não a interesses de poucos.” (Gonçalves, 1960)

Manuscrito do discurso de posse de Nelson Gonçalves na íntegra.



Fonte: Arquivo familiar.

Essa visão ampliada da política — que unia eficiência administrativa à sensibilidade social — é reconhecida por estudiosos contemporâneos como Dinius (2001), que aponta que o surgimento de lideranças locais mais autônomas foi um fenômeno fundamental para o amadurecimento político de cidades industriais, como Volta Redonda. Nelson Gonçalves foi uma dessas figuras liminares, transitando entre o mundo técnico e o mundo popular, entre a medicina e a política, entre o cuidado individual e a gestão pública.

O carisma de Nelson Gonçalves não se explica por estratégias eleitorais nem por articulações partidárias sofisticadas. Ele se enraiza na vivência partilhada, na capacidade de compreender o outro, na coragem de assumir responsabilidades em momentos críticos e no compromisso inabalável de servir. Sua trajetória ensina que a grandeza de um governante não reside no poder que exerce, mas na confiança que inspira.

Assim, a Câmara Municipal convocou o vice-prefeito, Nelson dos Santos Gonçalves, para assumir a direção da prefeitura em 28 de março de 1960 com apenas 33 anos. O jovem prefeito, ao se inteirar das contas da prefeitura, ainda apresentou queixa-crime contra Cesar Lemos. Nesse documento, relatava que o dinheiro público

havia sido desviado até para a compra de óculos e requeria apuração e responsabilidade criminal do ex-prefeito (Moreira, 2004).

Manifesto público ao povo de Volta Redonda.

AO POVO DE VOLTA REDONDA

Assumimos o governo do Município pela vontade do Povo expressa na resolução unânime da Câmara Municipal. Curvando-nos diante da Lei e da Justiça, governaremos sem ressentimentos ou prevenções contra quem quer que seja. Faremos administração com todos os partidos políticos, entidades representativas e, especialmente, com a utilíssima e indispensável solidariedade e crítica construtiva do Povo. Fazemos um apêlo a todos os voltarredondenses.

Auxiliem-nos a administrar em clima de ordem, de trabalho e de honestidade. Dispomo-nos a servir a terra de meus filhos, com o coração voltado principalmente, para os que necessitam da assistência e da ação do governo em seu benefício. Esperamos contar com a colaboração dos dedicados servidores municipais e com as entidades sindicais, notadamente com as agremiações trabalhadoras, reais construtoras, e artífices do progresso de Volta Redonda.

Finalmente, queremos contar com a imprensa esforçada de nossa terra e com a boa vontade das famílias da Cidade do Aço, a fim de propiciar dias de paz, de realização construtiva e de operosidade administrativa, para nossa terra, somando a todas essas forças a maciça "ajuda do povo e a proteção de Deus".

Prefeitura Municipal de Volta Redonda, 29 de março de 1960.

ass.) *Dr. Nelson dos Santos Gonçalves*
PREFEITO

Fonte: Arquivo familiar.

Em manifesto distribuído na cidade, já se via com nitidez como o médico iria administrá-la. De maneira ímpar, já havia ali o espírito colaborativo de sua administração. Um vídeo feito em sua homenagem pelas *Mercearias Nacionais* e o *Supermercado Merci*, o último já instalado na cidade, revela seu estilo único — pai, esposo, médico, prefeito. O filme mostra a casa na rua 26, onde o médico-prefeito descansava com sua mãe, esposa e filhos, mas também atendia com frequência pessoas da comunidade. Ao mesmo tempo que administrava a cidade, trabalhava no Hospital da CSN, no qual exercia sua função com afincio e dedicação, sobretudo com a saúde pública. Contou com o apoio incondicional de seu secretário-geral, Olívio José dos Santos, a quem sempre foi agradecido. Era ele quem levava até o Dr. Nelson os problemas mais urgentes e o acompanhava nas inspeções nos diversos setores da cidade sob a administração da prefeitura.

Sr. Olívio José dos Santos e Nelson Gonçalves.



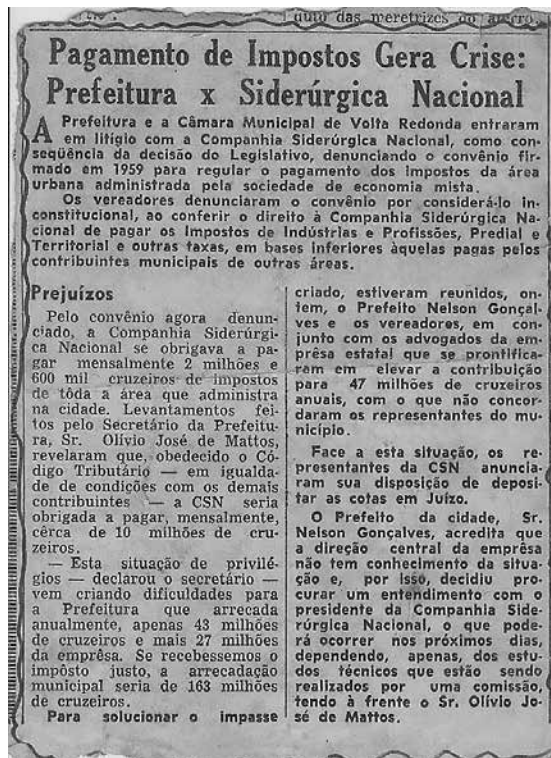
Fonte: Arquivo familiar.

Em programa de 1987, em homenagem ao Dr. Nelson Gonçalves, a essa altura, já falecido há um ano, seu antigo secretário-geral da administração, Sr. Olívio, relata que, no governo de César Lemos, testemunhou acontecimentos desagradáveis de

professores do Colégio Getúlio Vargas, com atraso de 10 meses de salário, e da Câmara, com 11 meses. Enfatiza também que, no período, a situação era de não ter papel higiênico nas repartições públicas.

Em entrevista para esta pesquisa, seu filho (2025c), conta que o pai, buscando alternativas para sanar o rombo das contas públicas, rompeu o convênio com a CSN que, como já dissemos, cuidava de parte da cidade e não pagava impostos. O jovem prefeito entrou na justiça e ganhou. Com isso, acabou por ter alguns problemas, quando voltou a exercer apenas seu ofício como médico no hospital de propriedade da siderúrgica.

Litígio CSN X Prefeitura, noticiado por jornal.



Fonte: [s.n]

Suas atitudes, dessa forma, tiveram consequências sérias para sua vida privada; em contrapartida, fortaleceram sua vida pública, pois, como já mencionamos, viram

nele um verdadeiro líder. Seu governo organizou a administração pública, realizou obras de benefício popular, valorizou o funcionalismo público municipal e restaurou as finanças. Sua gestão teve como característica principal ouvir seus colaboradores mais diretos — os funcionários municipais — e atendeu, com isso, a um planejamento especial de saneamento (Costa, 1999, p. 72).

Conforme relato do ex-Secretário-geral, Olívio José dos Santos,

Nelson foi a Niterói, conversou com o governador Roberto Silveira e conseguiu ajuda. Constatamos que estávamos com um débito de CR\$ 64.000,00 com os prestadores de serviço. Setenta por cento do pessoal estava sem pagamento. Convém fazer um comentário; esses funcionários ficavam nas esquinas das ruas da Vila Santa Cecília e da Amaral Peixoto com a bandeira nacional nas mãos. Nós enfrentamos essa situação e também o acréscimo de 9 meses de atraso na Câmara Municipal. Conseguimos liquidar quase tudo no período do governo dele (Moreira, 2004).

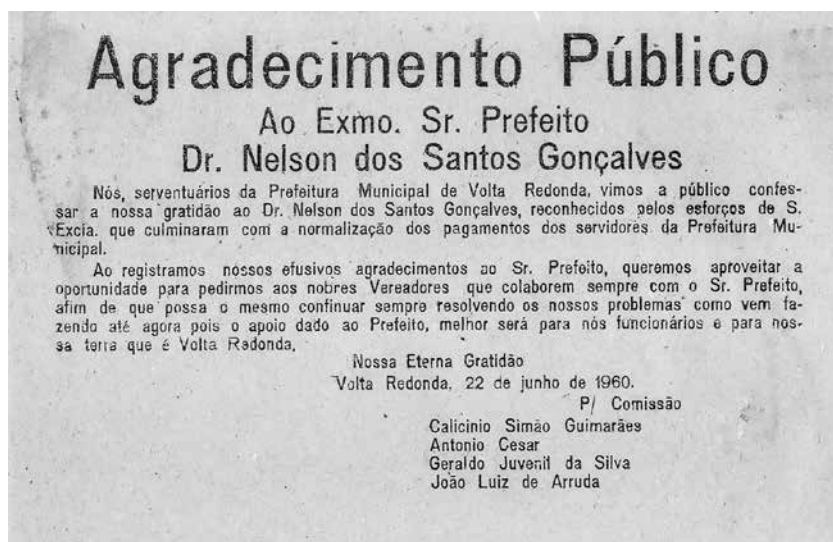
Reunião no Gabinete do Governador Roberto Silveira. Na foto, Prefeito Nelson Gonçalves, Governador Roberto Silveira, Deputado Estadual Bernardo Benfeito, Vereador Dercides Guimarães, Vereador Demerval Pereira, Diretor Social da CSN Wandir de Carvalho.



Fonte: Arquivo familiar.

Dessa forma, saiu dessa situação com a moralização do serviço público e o apoio da população. Naquela época, Nelson Gonçalves se notabilizou por ser também o primeiro prefeito a pagar a “gratificação natalina” (décimo terceiro salário) no Brasil, aos servidores municipais (Moreira, 2004), tendo recebido o agradecimento formal do funcionalismo.

Agradecimento público do funcionalismo municipal.



Fonte: Arquivo familiar.

Há que se fazer uma observação importante: a construção de Volta Redonda envolveu, além de um projeto político do Estado na construção da grande siderurgia, a imagem de um novo trabalhador/cidadão responsável pelos destinos da nação (Pacheco, 2001, p. 109). Ao restabelecer as contas públicas, Nelson reclamou de contribuintes habituados a uma série de facilidades para resolver problemas de interesse pessoal que relutavam em seguir posturas municipais (Moreira, 2004). Era um tempo em construção. Como sabemos, cidadania é construída aos poucos com muita insistência, competência e respeito com as contas públicas.

Sua administração, no entanto, não se fez apenas no gabinete. Quando tinha oportunidade, buscava chamar atenção para a cidade e suas necessidades, seja recebendo grandes autoridades, seja participando de eventos diversos. Os eventos cívicos eram grandes oportunidades para esses encontros.

Desfile de 7 de Setembro.



Fonte: Arquivo familiar.

Em 9 de outubro de 1960, Nelson Gonçalves recebeu o presidente Juscelino Kubitschek, o ministro Lúcio Meira e outras autoridades, em Volta Redonda.

Visita do presidente Juscelino Kubitschek. Na foto, ministro Lucio Meira, Juscelino Kubitschek, Nelson dos Santos Gonçalves, Governador Amaral Peixoto, Deputado Estadual Paulo Mendes e outros.



Fonte: Arquivo familiar.

Nelson Gonçalves entendeu muito cedo o papel da mídia na busca de melhorias para Volta Redonda. Em 1961, participou do programa “Meio Dia” com o apresentador Jacy Campos, na TV Tupi (Moreira, 2004).

Programa Meio Dia.



Fonte: Arquivo familiar.

Nelson Gonçalves e Nelson Filho no Programa Meio Dia.



Fonte: Arquivo familiar.

Junto ao funcionalismo, Dr. Nelson buscou priorizar as obras necessárias para a cidade. Uma das primeiras realizações do seu governo foi o asfaltamento de parte da Avenida Amaral Peixoto (da Light até a UGH - União Hospitalar Gratuita). Daí, partiu-se para o abastecimento dos bairros São Geraldo, Eucaliptal e São João, com rede de esgoto e água potável com poços artesianos que obtinham água cedida pela CSN.

Inauguração do asfaltamento da Av. Amaral Peixoto.



Fonte: Arquivo familiar.

Em seguida, a construção da ponte, Francisco Betim Paes Leme (nome atual), sobre o Rio Secades, que dá acesso à Avenida São Lucas, além de redes de esgoto, águas pluviais e água potável, num convênio firmado com a Companhia Siderúrgica Nacional que cedia funcionários habilitados para o trabalho.

Na saúde, postos de atendimento foram abertos e um convênio foi estabelecido com a União Hospitalar Gratuita (UHG). A saúde pública recebeu, em 1961, investimentos de mais de quatro milhões de cruzeiros (Moreira, 2004).

Na educação, tivemos a ampliação do Ginásio Getúlio Vargas e um convênio assinado entre a prefeitura, o governo do estado, Celso Peçanha, e o ministro da Educação, Antônio de Oliveira Brito, para implementação do Plano Piloto de Erradicação ao Analfabetismo e de Educação Primária de Volta Redonda, com o custo de doze milhões de cruzeiros (Moreira, 2004).

Em um folheto de prestação de contas, distribuído pela cidade, o médico-prefeito enumera quinze trechos pavimentados, setenta e sete obras em redes de esgoto e em redes de águas pluviais, cinco obras em pontilhões, colocações de meios

fios (6.470 metros, ao todo), acréscimo de 2.365 tubos para a rede de água potável, entre várias outras realizações.

Vale o destaque aqui também que, em 17 de julho de 1961, a Escola de Engenharia Industrial Metalúrgica de Volta Redonda foi criada, visando à formação de profissionais qualificados para atuar na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A cerimônia da pedra fundamental contou com a presença do presidente Jânio Quadros, que proferiu aula magna.

Presidente Jânio Quadros, Governador Celso Peçanha e Nelson Gonçalves, em 17 de julho de 1961.



Fonte: Arquivo familiar.

Ao passo que sua família crescia, em 2 de fevereiro de 1961, o nascimento de sua terceira filha, Therezinha dos Santos Gonçalves, a cidade também progredia. A presença da família era uma constante na sua administração, o que colaborava com a imagem do administrador prático, equilibrado e humano.

Nelson Gonçalves e os filhos, Ricardo e Therezinha.



Fonte: Arquivo familiar.

A partir daí, o médico intensificou seu envolvimento com a política e se candidatou também a deputado estadual. Nesse curto período (07/09/62 a 08/10/62), se licenciou para a campanha eleitoral (Costa, 1999, p. 76).

Campanha de Deputado Estadual, em 1962, na Avenida Amaral Peixoto.



Fonte: Arquivo familiar.

Muitas vezes, indagado por obras nesse primeiro governo, respondia que não desenvolveu mais atividades no setor para não agravar a situação do executivo municipal. A recuperação das contas públicas, por diversas pessoas, é tida como a grande obra de seu primeiro mandato.

Acabado o mandato de prefeito, enfatizou sua vida profissional e acadêmica, ao mesmo tempo em que um laço o ligava à política: não foi eleito como deputado, mas figurava como suplente.

Dr. Nelson em aula.



Fonte: Arquivo familiar.

Capítulo 3 - Segundo Governo: “Juntos para o rumo certo”

*“O povo gosta é de obras. Cuido de realizar.”
Nelson Gonçalves (A Cidade do Aço, 18 jul. 1974)*

Após campanha popular que incluiu vários comícios, nos quais era habitual vê-lo sendo carregado pela multidão e batendo de porta em porta para conversar com moradores dos bairros da cidade, com carreatas pelas ruas, Nelson Gonçalves foi eleito prefeito para o segundo mandato. Tinha como filosofia a humanização do município e como objetivos traçar diretrizes educacionais, de saúde, de produção, de assistência social e de infraestrutura para uma cidade em ampla fase de progresso, como registra o jornal Sul do Estado (1972 apud Moreira, 2004).

É das mais válidas essa lembrança, quando nos recordamos de que, atualmente, Volta Redonda está no limiar de uma fase de progresso sem precedentes, em sua história [...]. Porque então lembrarmos agora [...] as palavras crise e dificuldade? Porque, dentre todos os candidatos da atual campanha, apenas um já foi testado – e aprovado – num momento que talvez, tenha sido o mais difícil de toda a história da Cidade do Aço: o Dr. Nelson Gonçalves.

Carreata durante a campanha.



Fonte: Arquivo familiar

Campanha de Nelson Gonçalves.



Fonte: Arquivo familiar

Nelson foi eleito com mais de vinte mil votos, ganhou em todas as urnas, com exceção de uma. Foi o prefeito arenista mais votado no estado, com o compromisso de governar uma cidade jovem com 19 anos de emancipação (Moreira, 2004).

Final da apuração no Recreio do Trabalhador.



Fonte: Arquivo familiar

Logo após sua vitória, o prefeito Francisco Torres faleceu, vítima de um ataque cardíaco. Nelson acompanhou o enterro em solidariedade à família e aos cidadãos de Volta Redonda e, no dia 20 de dezembro de 1972, participou da inauguração da Rodoviária Francisco Torres, em homenagem ao ex-prefeito (Moreira, 2004).

Inauguração da Rodoviária Pref. Francisco Torres. Da esquerda para direita, Iram Natividade, Ivlaír Carraro, Mariana Torres e Nelson Gonçalves.



Fonte: Arquivo familiar

O novo prefeito tomou posse no dia 31 de janeiro de 1973, para exercer seu mandato. Foi eleito pela Aliança Renovadora Nacional (Arena) em 15 de novembro de 1972 e teve como vice-prefeito o vereador José Augusto da Costa.

Nelson e D. Gecy chegam para a posse do 2º mandato.



Fonte: Arquivo da PMVR

Discurso de posse.



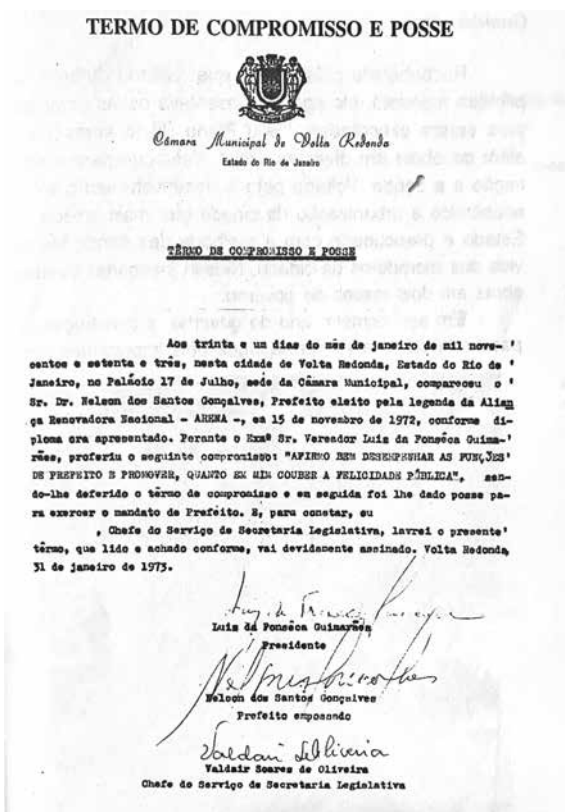
Fonte: Arquivo familiar

Nelson Gonçalves com o secretariado do segundo governo.



Fonte: Arquivo familiar

Termo de Compromisso e Posse.



Fonte: Moreira, 2004.

Durante as comemorações da posse, Nelson e sua esposa, Gecy Gonçalves, receberam a bênção de D. Valdir Calheiros, bispo de Volta Redonda, em missa na Igreja Nossa Senhora das Graças.

D. Valdir Calheiros, Nelson e D. Gecy.



Fonte: Arquivo familiar

No início do seu segundo mandato, precisamente em 29 de maio de 1974, por meio do Decreto 1273, Volta Redonda se tornou Área de Segurança Nacional, situação que durou de 1974 a 1985, motivada pela presença da Companhia Siderúrgica Nacional, na época, uma empresa estatal. Entretanto Nelson Gonçalves foi preservado como prefeito do município pelos militares, por sua popularidade e por seu expressivo resultado nas urnas. A partir daí, Nelson se mostrou um exímio estrategista, pois estava sempre sob os olhares do governo federal. Com tal habilidade, o novo prefeito atuava como um grande líder da Arena na região e tinha como hábito dialogar com os governos federal e estadual, com militares, políticos, empresários, servidores e com a população da cidade.

Com vistas à popularização e humanização de seu governo, como prometido, criou a Operação Comunidade, acompanhado de seus auxiliares, deputados e vereadores, com o intuito de verificar de perto as diversas obras de infraestrutura no município e de estabelecer um contato mais próximo com a população, tomando

ciência dos reais problemas da cidade. Criou também a Operação Quebra Gelo, passando as audiências públicas para uma sala mais ampla, de forma que a população pudesse participar com sugestões e colaborar com a município (*O Fluminense*, 8 jun.1973).

Em 8 de junho de 1973, com apenas quatro meses de governo, em entrevista ao jornal *O Fluminense*, estabeleceu metas e previu a inauguração de diversas obras em andamento: estrada ligando o bairro São Geraldo à Rodovia Presidente Dutra; via de acesso de Volta Redonda a Barra Mansa (Beira Rio); edital de concorrência pública para elaboração do Plano Diretor da cidade; criação de posto de Central de Medicamentos, em parceria com as esferas federal e estadual; asfaltamento da Av. Beira Rio (margem esquerda do Rio Paraíba) e recapeamento da Via Sérgio Braga (margem direita), em parceria com o governo estadual; obras de asfaltamento e calçamento, após a instalação de galerias de águas pluviais e rede de esgoto. Informou também sobre a assistência ao menor abandonado, pela Fundação Beatriz Gama (*O Fluminense*, 8 jun. 1973).

Além disso, registrou que solicitou estudos visando à construção de duas pontes sobre o Rio Paraíba: uma ligando os bairros Belmonte e Ponte Alta e outra ligando os bairros Aterrado e Aeroclube (*O Corujão*, 9 jun. 1973). Também implementou alterações no sistema viário do município, principalmente na Vila Santa Cecília, Av. Amaral Peixoto e Av. Paulo de Frontin, visando à melhoria do tráfego nos principais centros comerciais da cidade (*O Fluminense*, 16 jun.1973).

Nelson Gonçalves (de chapéu) em visita à Beira Rio, com Luiz Guimarães, presidente da Câmara; Nicodemos Reis, assessor e companheiro político e outros.



Fonte: Arquivo da PMVR

Cabe registrar que, com menos de seis meses de governo, o 19º aniversário de emancipação de Volta Redonda foi marcado pela inauguração de várias das obras listadas acima, em festa que durou vários dias, amplamente divulgada e registrada pela imprensa, com a presença do povo volta-redondense, autoridades, militares e políticos.

3.1 Realizações do segundo governo

Uma coisa é certa: não deixaremos de fazer o que for preciso em bem da terra, pois aprendemos que, na vida, o mais importante, nem sempre, é dizer o que se pensa ou pensar o que se diz, mas, sobretudo, é fazer o que se deve. E, para nós, o que devemos fazer é trabalhar, [...] cumprindo o nosso dever com o Município, com o Estado e com o Brasil.

Nelson dos Santos Gonçalves (*O Corujão*, 14 jul. 1973)

O segundo governo de Nelson Gonçalves foi marcado pelo desenvolvimento socioeconômico, pela urbanização da cidade e pela preocupação com a melhoria de qualidade de vida dos cidadãos do município. Suas propostas de governo alavancaram o progresso da cidade e tiveram também apoio dos governos estadual e federal. É importante ressaltar que a produtividade de Nelson Gonçalves foi reconhecida inclusive pelos vereadores do partido opositor, MDB.

Mesmo pertencendo ao partido oposicionista, não poderíamos ficar alheios a mais esta conquista do Prefeito Nelson Gonçalves. Nosso papel, como oposicionistas – salientou o emedebista – não se restringe somente às críticas ao Chefe do Executivo. Devemos, a bem da verdade, reconhecer o seu trabalho e aplaudi-lo no momento em que conquista um precioso benefício para o povo (Vereador Djalma de Oliveira do MDB, no momento em que Nelson Gonçalves conseguiu redução no preço da passagem de ônibus) (*O Corujão*, 15 mar. 1975).

O prefeito demonstrou, ao tomar a feliz decisão, que está perfeitamente sintonizado com os problemas que envolvem a “Cidade do Aço”, mostrando-se concomitantemente que está vigilante quanto ao funcionamento de sua administração (Vereador Jorge Pantaleão, MDB, sobre a revisão do Código Tributário, em *O Corujão*, 10 maio 1975).

3.2 Administração municipal

3.2.1 Centro Municipal de Processamentos de Dados – CMPD

Localizado no 3º pavimento do Palácio 17 de Julho, o CMPD foi criado em fevereiro de 1974 pelo governo municipal para controle dos serviços administrativos, fiscais, de emissão e estatística. “Com apenas 60% de sua capacidade produtiva absorvida pela municipalidade, ficarão os restantes 40% à disposição das empresas privadas, estendendo-se esse *know-how* às iniciativas, o que tornará o empreendimento autossustentável”, afirmou o prefeito na época. O CMPD foi considerado um importante setor de informatização dos serviços, “para atender às prioridades municipais de desenvolvimento, principalmente visando à transferência de tecnologia para a infraestrutura econômica”, afirmou o Secretário de Fazenda, Eduardo Bastos Campos (*O Corujão*, 26 jan. 1974).

3.2.2 Assessoria de Comunicação, Divulgação e Turismo

A Assessoria de Comunicação, Divulgação e Turismo teve um importante papel no segundo mandato de Nelson Gonçalves. Foi criada como instrumento de comunicação social, visando à “formação de opinião em torno do governo do município, com o objetivo de manter o grupo social coeso através de laços de interesses comuns” (*O Corujão*, 27 out. 1973). Segundo o jornal, o setor tinha como objetivo informar-se para educar e dar conhecimento à população.

Para informar-se, a Assessoria coleta, analisa e interpreta a contribuição individual e coletiva do povo, buscando subsídios destinados ao planejamento da ação do Chefe Executivo. Campanhas educacionais, visando ao fortalecimento do caráter municipal, atendem ao propósito de educar e informar. E quanto à divulgação, campanhas periódicas procuram destacar aspectos da realidade voltarredondense, com realce para o desenvolvimento municipal. Finalmente, o setor que trata do turismo ainda se encontra em fase de planejamento, notadamente no que se refere ao turismo industrial (*O Corujão*, 27 out. 1973) [sic].

No 20º aniversário de emancipação do município, a Assessoria de Comunicação, Divulgação e Turismo realizou a I Feira Industrial e Comercial do Vale do Paraíba, no Aero Clube, durante 14 dias, com várias atrações que incluíam teatro, cinema, parque de diversões, etc. A abertura do evento contou com a presença do Ministro da Indústria e Comércio, Severo Gomes, além de autoridades militares e o presidente da CSN. Ao jornal *O Fluminense* (19 fev. 1974), o Assessor de Comunicação, Divulgação e Turismo, Antônio Reis Cavalcanti, afirmou que

o objetivo dessa iniciativa não é apenas mostrar o que já temos para oferecer. É também atrair para Volta Redonda e todo o sul fluminense os grandes grupos empresariais que estão em expansão. Nosso município, localizado no eixo Rio-São Paulo, é sem dúvida uma área adequada para novos e grandes empreendimentos (*O Fluminense*, 19 fev. 1974).

3.2.3 Equipamentos e veículos para o município

Em seu governo, Nelson Gonçalves adquiriu vários equipamentos para a limpeza e iluminação da cidade, como caçambas estacionárias coletoras de lixo, e

torre hidráulica para troca de luminárias e sinais luminosos (*Sul do Estado*, 30 ago. 1974). Segundo Moreira (2004), o Setor de Limpeza Urbana também adquiriu seis viaturas para coleta de lixo do município. Em outubro de 1974, o prefeito investiu em 10 novos caminhões para reforçar a frota da prefeitura, destinados ao Departamento de Serviços Urbanos, órgão que, na época, estava executando mais de 45 frentes de trabalho (*Sul do Estado*, 3 out. 1974). A saúde também foi contemplada com aquisição de ambulâncias e raio X importado da Alemanha (*O Fluminense*, 19 fev. 1974).

Torre hidráulica para troca de luminárias e sinais luminosos.



Fonte: Arquivo familiar.

3.2.4 Comissões de Valorização do Trabalhador e de Concursos

Em 1975, Nelson Gonçalves assinou dois decretos, criando a Comissão de Valorização do Trabalhador (CESVAL) e a Comissão Permanente de Concurso. A CESVAL era composta de 7 membros e tinha como objetivo cuidar do bem-estar, segurança, higiene e aprimoramento de todos os servidores efetivos e contratados. A Comissão Permanente de Concursos era encarregada da promoção e acesso ao

funcionalismo público. Na ocasião da assinatura dos decretos, o prefeito ressaltou que “cumpria, naquele momento, uma das metas do Poder Federal, que se constitui no processo de valorização daqueles que, com o seu trabalho, contribuem efetivamente para o desenvolvimento do Brasil.” (*O Corujão*, 5 abr. 1975)

Em 1975, em conformidade com a Portaria 3.237 do Ministério do Trabalho, Nelson criou a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) para atuar em todos os setores da prefeitura.

3.2.5 Homenagens ao Funcionalismo e aumento salarial

No sexto mês de governo, Nelson Gonçalves concedeu aumento aos professores da Fundação Educacional de Volta Redonda (Fevre), elevando a hora-aula de Cr\$ 9,14 para Cr\$ 12,00, concedendo também 20% de aumento aos demais funcionários da instituição. Segundo *O Corujão* (23 jun. 1973), “a decisão do Executivo repercutiu favoravelmente em toda cidade”.

Em janeiro de 1974, o prefeito concedeu novo aumento aos servidores públicos. Na ocasião, foram corrigidas distorções de salários entre funcionários do mesmo nível. Na época, a prefeitura tinha cerca de 3.500 servidores entre efetivos e contratados (*O Fluminense*, 2 out. 1973). O prefeito também enquadrou todos os professores contratados no regime CLT, atendendo a uma antiga reivindicação da classe.

Em sua estreita relação com o funcionalismo municipal, em outubro de 1974, o prefeito Nelson Gonçalves homenageou os servidores pelo *Dia do Funcionalismo*, com entrega de medalhas de prata e ouro aos funcionários mais antigos – 10 e 20 anos, respectivamente. Além disso, por meio do Decreto 773, constituiu comissão para estudar a implantação de normas de segurança, higiene e medicina do trabalho, inclusive prevenção de acidentes e de educação, e aprimoramento cultural do servidor municipal (*Sul do Estado*, 15 nov. 1974). No evento, afirmou:

É com justo orgulho que comemoramos o Dia do Funcionalismo. No início do corrente ano, conforme havia prometido, promovi a reclassificação de cargos e funções, reparando os desníveis que até então existiam. Pela estreita cooperação que sempre recebi de todos os servidores, tanto em minha primeira administração, como na atual, sou grato a todos e quero demonstrar essa

satisfação em muitas outras oportunidades, como está ocorrendo hoje (*O Corujão*, 2 nov. 1974).

Nelson Gonçalves homenageia funcionários públicos, juntamente com o Secretário de Administração, Sérvulo Fragoso.



Fonte: Arquivo da PMVR

Homenagem às professoras no Aero Clube.



Fonte: Arquivo da PMVR

Na ocasião, o prefeito também informou ao funcionalismo a concessão de 30% de aumento salarial e o pagamento de férias aos professores municipais.

Minha administração está empenhada em propiciar a todos os servidores o abono de 10 por cento decretado pelo Governo Geisel. Já criamos, inclusive, uma comissão que estudará a concessão, de uma melhoria de 30 por cento, logo no início de 1975. [...] As professoras contratadas através de decreto sancionado recentemente, receberão o período de férias, inclusive de janeiro do corrente ano, o que significa a renovação autêntica do compromisso para 1975 (*O Corujão*, 16 nov. 1974).

Em 1976, Nelson foi homenageado pelos servidores municipais, em seu gabinete. Os funcionários entregaram uma placa de ouro ao prefeito pela correção das distorções salariais. Na ocasião, Nelson destacou a efetiva colaboração dos servidores em sua administração, o que permitiu que ele atingisse 80% das metas traçadas em 3 anos de governo (*O Corujão*, 14 fev. 1976). No mesmo ano, Nelson concedeu 45% de aumento salarial a todos os funcionários públicos (*O Fluminense*, 3 out. 1976).

3.2.6 Apoio à criação da Associação dos Servidores Municipais de Volta Redonda (Asvre)

Em 1976, Nelson Gonçalves apoiou a criação da Asvre, entidade que visa à “assistência médica, dentária, hospitalar, educacional, cultural, financeira, fundação de cooperativas, entre outros benefícios” para o funcionalismo municipal (Moreira, 2004). A entidade, até os dias atuais, atua como defensora dos direitos dos funcionários municipais, oferecendo convênios e parcerias com instituições de saúde e descontos médicos para o funcionalismo.

3.2.7 Plantões nos bairros de Volta Redonda

Em 1975, Nelson Gonçalves iniciou plantões nos bairros do município, uma nova dinâmica em sua administração, oportunizando diálogo com o povo. As audiências públicas em todos os bairros da cidade tinham como objetivo ouvir as reivindicações da população e verificar *in loco* os problemas de cada área (*O Fluminense*, 15 jan. 1975).

Nelson é recebido por crianças em bairro da cidade.



Fonte: Arquivo da PMVR

População recebe Nelson Gonçalves em bairro da cidade.



Fonte: Arquivo da PMVR

3.2.8 Benefícios para a classe trabalhadora

Juntamente com a bancada municipal da Arena, o prefeito incentivou a compra de imóveis onde residiam os empregados na época de propriedade da indústria. Além disso, a Arena

reivindicou o pagamento do tempo anterior à opção por todos os metalúrgicos e a conclusão da assinatura do convênio com o INPS e Departamento Hospitalar para atendimento gratuito da classe e seus dependentes [...] e a reclassificação geral do quadro de funcionários da siderúrgica para permitir salários compatíveis com os aumentos do custo de vida e o controle e eliminação da poluição da usina (Moreira, 2004).

Nelson Gonçalves também propôs a construção de projetos habitacionais financiados pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), para minimizar o problema habitacional da cidade. Para isso, foram destinados cerca de CR\$ 25.000.000,00 em urbanização, com “obras de infraestrutura básica, calçamento e águas pluviais e equipamento comunitário, praças de esporte, recreação, escolas, postos de saúde, centro social e policial” (Moreira, 2004), em diversos bairros da cidade.

Em 1976, o prefeito concedeu desconto de 50% no IPTU a todos os cidadãos de Volta Redonda que tivessem apenas um imóvel e pagassem o referido imposto à vista (*Sul do Estado*, 29 out. 1976).

3.3 Infraestrutura

Ele previa o futuro, não queria fazer obras só para o presente. As grandes obras de Volta Redonda foram feitas no governo dele. Se a cidade não tivesse essas obras, estaria estrangulada (Délío Avelar, ex-secretário de Finanças da PMVR, apud Moreira, 2004).

3.3.1 Plano Estrutural de Desenvolvimento Local Integrado de Volta Redonda – PEDI-VR

O Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PEDI-VR) teve como objetivo ordenar, controlar e promover o desenvolvimento físico e urbanístico do município, realizando o levantamento socioeconômico da comunidade, a elaboração de cadastro técnico-imobiliário, incluindo um Centro de Comércio e Serviços de Caráter

Regional (CECOR). O PEDI-VR atuava nos seguintes âmbitos: zoneamento básico territorial, sistema viário municipal, programação das prioridades relativas a obras e instrumentação legal necessária à institucionalização e implantação do projeto. Na ocasião de sua criação, Nelson Gonçalves destacou que o plano propiciaria “condições de acelerar o desenvolvimento do município, além de resultar em meios necessários para equacionar todos os problemas de maneira racional e mais humana” (*O Corujão*, 2 fev. 1974).

Uma das metas do PEDI-VR foi realizar o censo municipal, recolhendo dados relativos à habitação, situação econômica, social, de serviços públicos, saúde, educação e cultura, além dos setores industrial e comercial e as condições da comunidade. O bairro Aterrado foi escolhido como setor-piloto para o início do planejamento proposto (*O Fluminense*, 11 dez. 1974).

3.3.2 Grandes obras

Nelson era um homem para além do seu tempo, com visão de que Volta Redonda seria uma cidade próspera. Dentre as várias obras propostas no plano do segundo governo, estavam a construção do viaduto Heitor Leite Franco, o elevado Castelo Branco, a ponte Emílio Garrastazu Médici (atual ponte D. Valdir Calheiros), a passarela sobre a via férrea, a via Almirante Adalberto Nunes (Beira Rio), a Estrada do Aço (atual Rodovia dos Metalúrgicos, que liga o bairro São Geraldo à Rodovia Presidente Dutra), o Colégio no bairro Conforto, o Pronto-socorro e o Estádio Municipal.

Sobre o visionário Nelson Gonçalves, cabe, aqui, o registro de Aloísio Alves Mateus (Mexerica), que foi contratado como soldador pela prefeitura de Volta Redonda há 50 anos e, ainda hoje, exerce a profissão. Em entrevista concedida para esta pesquisa, Mexerica registra:

Ele (Nelson) enxergava o que iria acontecer no futuro (os viadutos e vias). Ele preparou a cidade para o futuro. Se você ver a Rodovia dos Metalúrgicos, a cidade praticamente acabava ali, onde hoje tem o posto de gasolina, tinha um curral que vendia leite (Mateus, 2025). [sic]

3.3.2.1 Viaduto Heitor Leite Franco

O Viaduto Heitor Leite Franco, com 240 metros de extensão e 14 metros de largura, foi projetado para ligar a Rua Gustavo Lira, paralela à Av. Amaral Peixoto, importante área comercial do município, à Av. 7 de Setembro, no bairro Aterrado, com o objetivo de propiciar o escoamento do tráfego local, em linha direta, com a ponte Presidente Médici. Em direção contrária, o viaduto também dá acesso à Rodovia Tancredo Neves (Rodovia dos Metalúrgicos), que desemboca no quilômetro 95 da Via Dutra.

Viaduto Heitor Leite Franco.



Fonte: Arquivo familiar

3.3.2.2 Elevado Castelo Branco

Inaugurado em 12 de novembro de 1976, o Elevado Castelo Branco - ponte e viaduto sobre o Rio Paraíba, linha férrea e Via Sérgio Braga - com 300 metros de extensão, liga os bairros Belmonte a Ponte Alta. Era considerado uma das mais importantes obras do Anel Viário, que facilitaria o acesso de trânsito pesado da CSN, otimizando a circulação no perímetro urbano da cidade, porém não houve tempo para concretizar o anel viário, que também não foi concretizado nos governos sucessores.

Nelson Gonçalves e sua esposa, Gecy Gonçalves,
visitam a obra do Elevado Castelo Branco.



Fonte: Arquivo familiar

Inauguração do Elevado Castelo Branco.



Fonte: Arquivo familiar.

3.3.2.3 Ponte Presidente Médici (Atual Ponte D. Valdir Calheiros)

Ponte sobre o Rio Paraíba, com extensão de 180 metros e 14 metros de largura, liga a Av. 7 de setembro aos bairros Niterói e Aeroclub, compondo o eixo rodoviário de Volta Redonda (*Jornal do Brasil*, 15 abr. 1974). Foi inaugurada em 17 de julho de 1975, com a presença de várias autoridades.

Início da construção da Ponte Presidente Médici. Nelson Gonçalves com o Secretário de Obras, Paulo César Alves, e outros.



Fonte: Arquivo familiar

Inauguração da Ponte Presidente Médici.



Fonte: Arquivo familiar

3.3.2.4 Passarela sobre a via férrea

Em 1974, Nelson Gonçalves construiu a passarela sobre a via férrea, ligando a Av. Amaral Peixoto e a Av. Paulo de Frontin, dois centros comerciais da cidade. A passarela foi inaugurada no 20º aniversário de emancipação do município, no 2º ano do governo do prefeito. Na ocasião, houve também a execução de obras de águas pluviais na Avenida Paulo de Frontin. Em seu discurso, o prefeito afirmou: “a obra é apenas mais uma etapa de nossa administração. Outras, ainda, iremos cumprir, dentro de um esquema traçado para dar ao povo de Volta Redonda as obras que ele tanto necessita para o seu progresso.” (*A Voz da Cidade*, 12 out. 1974)

Obra de águas pluviais – Av. Paulo de Frontin.



Fonte: Arquivo familiar

Obra de águas pluviais – Av. Paulo de Frontin.



Fonte: Arquivo familiar

Inauguração da passarela sobre a via férrea.



Fonte: Arquivo familiar

Inauguração da passarela sobre a via férrea. Da esquerda para direita, Paulo César Alves, Secretário de Obras; Walter Bürger, Secretário de Saúde; Maria Luíza, esposa do chefe de gabinete; D. Gecy; Nelson Gonçalves e; Nicodemus Reis, assessor de gabinete.



Fonte: Arquivo familiar

3.3.2.5 Via Almirante Adalberto Nunes (Beira Rio)

Em 1974, Nelson Gonçalves iniciou as obras de infraestrutura, com aterro, implantação de galerias pluviais e asfaltamento na Avenida Beira Rio, importante via de acesso à Barra Mansa pela margem esquerda do Rio Paraíba, visando à melhoria do trânsito pesado da cidade. A obra foi executada a partir de um convênio com o Departamento de Estrada e Rodagem (DRE) (*O Corujão*, 10 ago. 1974). Com oito quilômetros de extensão, a avenida recebeu o nome do pai do Almirante Heleno Nunes, presidente da Arena-RJ e da Confederação Brasileira de Desportos (CDB), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e foi inaugurada em 12 de novembro de 1976.

Inauguração da Beira Rio. Da esquerda para direita, Nelson Gonçalves; Heleno Nunes, presidente da CBD (atual CBF) e; Vitorino James, Deputado Estadual.



Fonte: Arquivo familiar

Figura 71 – Inauguração da Beira Rio.



Fonte: Arquivo familiar

3.3.2.6 Estrada do Aço (atual Rodovia dos Metalúrgicos)

A Estrada do Aço é, até hoje, um dos principais acessos de Volta Redonda a Via Dutra. Com 12 quilômetros de extensão, possibilita que os motoristas da cidade cheguem, em poucos minutos, ao quilômetro 95 da Rodovia Presidente Dutra, ligação da Cidade do Aço à capital fluminense e, em direção contrária, à capital paulista. Foi inaugurada no dia 1º de maio de 1976, com a presença do Prefeito, Nelson Gonçalves, do Governador do Rio de Janeiro, Faria Lima, do Presidente Geisel, dos Ministros da Indústria e Comércio, Severo Gomes, e do Trabalho, Arnaldo Pietro, entre outras autoridades.

Nelson Gonçalves visita a construção da Rodovia do Aço (atual Rodovia dos Metalúrgicos).



Fonte: Arquivo familiar.

Inauguração da Estrada do Aço (Rodovia dos Metalúrgicos).



Fonte: Arquivo familiar.

Inauguração da Estrada do Aço (Rodovia dos Metalúrgicos).



Fonte: Arquivo familiar.

3.3.2.7 Saneamento básico e pavimentação asfáltica

Em quatro meses, o governo de Nelson Gonçalves realizou pavimentação e recapeamento asfáltico em ruas de vários bairros do município: Vila Americana, Jardim Amália, Voldac, Aero Clube, São João Batista, Santa Luzia (Castelinho), Limoeiro e Retiro (41.577m²); realizou pavimentação do solo nos bairros Aero Clube, Jardim Amália e Voldac (16.343m²), além de locação de meio-fio e nivelamento em várias ruas da cidade. No início do mandato também orçou e projetou várias obras de águas pluviais e pavimentação nos bairros São Cristóvão, Casa de Pedra, Aterrado, Ponte Alta, São João Batista, Voldac, Santa Luzia e Vila Americana (*Sul do Estado*, 8 jun. 1973).

Nelson Gonçalves em visita à obra no bairro Retiro. Da esquerda para direita, Nelson Gonçalves, Ysnaldo Gonçalves e Nelson Gonçalves Filho.



Fonte: Arquivo da PMVR

Nelson também construiu e pavimentou a Avenida Integração, que liga o bairro Vila Americana ao Aterrado, na época, uma via sem movimento. Atualmente, nessa rua, denominada Rua Desembargador Ellis Hermydio Figueira, estão localizados

importantes edifícios do município: o Ministério Público do Rio de Janeiro, o Fórum e a Universidade Federal Fluminense (UFF).

Inauguração da Av. Integração. Na foto, Nelson Gonçalves; D. Gecy; vereador Sebastião Gama; Deputado Federal Moacir Chiesse; vereador Silas Soares; Carlos Meira e Nelson Gonçalves Filho.



Fonte: Arquivo familiar.

A Av. Adeodato Pires, que liga os bairros Aterrado e Voldac, também foi construída e pavimentada no governo de Nelson Gonçalves, hoje, uma importante via de acesso aos bairros localizados na margem esquerda do Rio Paraíba.

Inauguração da Av. Adeodato Pires. Na foto, Nicolau Yabrudi, Bernardo Bemfeito, Deputado Federal Moacir Chiesse, Nelson Gonçalves e Ysnaldo Gonçalves.



Fonte: Arquivo familiar

O jornal *A Voz do Povo* (8 jun. 1973) destacou o sucesso dos primeiros 120 dias de governo de Nelson Gonçalves.

[...] já realizou, neste pequeno percurso de apenas 120 dias, obras de verdadeira importância para o município de Volta Redonda, atacando em só instante, vários setores do município, tais como: abertura de nova estrada, asfaltamento, meios-fios em várias ruas, reformas e construções em hospital, redes de esgoto, serviço de água, asfaltamento e calçamento a paralelepípedos em algumas ruas de bairros (*A Voz do Povo*, 8 jun. 1973).

Na esteira do saneamento básico, foram construídas as redes de água pluviais nos bairros Belmonte, Aero Clube, Voldac, Vila Americana, São João Batista, Jardim Amália, Santa Rita, Ponte Alta e Santa Luzia (*A Voz do Povo*, 30 jun. 1973).

Início da duplicação da Estação de Tratamento de Água do bairro Santa Rita. Na foto, Bernardo Bemfeito; Luiz Carlos de Almeida, presidente do SAAE; Nelson Gonçalves; Gecy Gonçalves; José Augusto da Costa, vice-prefeito e sua esposa, D. Clarinha; Nelson Gonçalves Filho e Carlos Meira.



Fonte: Arquivo familiar

Vale o registro que, na ocasião da inauguração da rede elétrica e de água do bairro Belmonte, no 19º aniversário de emancipação do município, o prefeito Nelson Gonçalves, ao discursar, abriu o registro e tomou banho, como registra o jornal *O Fluminense* (17 jul. 1973).

Vendo a água jorrar pela primeira vez no distante bairro, o prefeito Nelson Gonçalves, emocionado, ficou debaixo do jato d'água, tomando um verdadeiro banho. A população, contagiada pela euforia, também atirou-se à água, fazendo um verdadeiro carnaval (*O Fluminense*, 17 jul. 1973).

Na foto, ele aparece abraçado ao menino “Abacaxi” que, mais tarde, se tornou figura popular na cidade.

Nelson Gonçalves toma banho no Belmonte. Na foto, Nelson Gonçalves, Abacaxi, Ysnaldo Gonçalves.



Fonte: Arquivo familiar

No 20º aniversário de emancipação do município, 2º ano de governo de Nelson Gonçalves, outras obras de pavimentação asfáltica foram inauguradas nos bairros Vila Mury e Retiro. O prefeito também visitou obras em andamento nos bairros Santo Agostinho, São Luiz, Conforto, Santa Inez, São Cristóvão, São Carlos, Ponte Alta, São Geraldo, Monte Castelo, São João, Sessenta, Conforto e Minerlândia. Na ocasião, também visitou as obras da Estrada do Aço (atual Rodovia dos Metalúrgicos), Passarela sobre a linha férrea e a Ponte Presidente Médici (*A Cidade do Aço*, 18 jul. 1974).

Nelson Gonçalves marca o início da construção da passarela sobre a linha férrea.



Fonte: Arquivo da PMVR

Sobre o sucesso das obras inauguradas no 20º aniversário da cidade, *O Corujão* (20 jul. 1974) registrou:

O povo prestigiou maciçamente todos os eventos, consagrou, mais uma vez, o brilhante administrador Nelson dos Santos Gonçalves, que evidenciou de maneira inelutável que, antes de tudo, está a sua total dedicação à "Cidade do Aço", por quem tem trabalhado denotadamente, colocando-a definitivamente passo a passo com o progresso (*O Corujão*, 20 jul. 1974).

Em 1975, 3º ano de governo, os bairros Eucaliptal, Água Limpa, Retiro, São Luiz, Aterrado, Santo Agostinho, Dom Bosco, Ponte Alta, Sessenta e Conforto receberam obras de pavimentação, meio-fio, terraplenagem, galerias de águas pluviais e iluminação (*A Palavra*, maio 1975).

Obra na Praça Pandiá Calógeras. Na foto, Nelson Gonçalves e Luiz Guimarães, presidente da Câmara.



Fonte: Arquivo familiar

Inauguração de iluminação no bairro São Luiz. Da esquerda para direita, Flávio Gonçalves, Secretário de Serviços Públicos; Nelson Gonçalves e Ysnaldo Gonçalves.



Fonte: Arquivo familiar

No final de 1975, Nelson prestou conta de todos os benefícios de infraestrutura que a população de Volta Redonda recebeu.

Vencemos em grande parte o desafio da iluminação pública, dotando a cidade, notadamente os bairros mais distantes, de rede de energia elétrica, propiciando-lhes meios adequados para a ênfase do lazer e do progresso. Asfaltamos cerca de 15 mil metros quadrados de ruas, colocamos 68 mil metros lineares de meios-fios, 37 mil metros de rede de águas pluviais, 31 metros quadrados de pavimentação em paralelos e blocos de cimento, realizamos 170 mil metros cúbicos de terraplenagem; construímos 16 praças públicas, que representam o alargamento da área de lazer para o povo [...]; colocamos sinais luminosos em várias pontos da cidade; canalizamos, com paredes laterais de concreto, os rios Secades, Brandão e Coqueiros, além de manilhamento do riacho São Geraldo (s.n, 1975).

Resumo das grandes obras – 2º governo de Nelson Gonçalves.



Fonte: Arquivo familiar

Mapa da cidade e obras realizadas por bairro.



Fonte: Arquivo familiar

Canalização do Córrego Secades, no bairro 207.



Fonte: Arquivo da PMVR

Em 1976, último ano do segundo mandato, o governo tinha 44 frentes de obras, em 27 bairros da cidade: ruas pavimentadas em diversos bairros, galerias de águas pluviais, residências populares através de convênio do BNH - COHAB, urbanização de lotes, iluminação de praças e ruas, Centro de Lazer (rua de pedestres), salas de aula na Escola Mato Grosso, Centro Social no Morro São Carlos, postos de saúde, recapeamento asfáltico e iluminação na Via Sérgio Braga, Mirante da Torre de TV, entre outras obras. Entre os bairros contemplados, estavam: Centro, São João, Conforto, Retiro, Vila Brasília, Açude, Eucaliptal, Água Limpa, São Geraldo, 207, São Luiz, Santo Agostinho, Belmonte, Santa Rita, Vila Americana, Sessenta, Jardim Amália e Brasilândia (*Sul do Estado*, 29 out. 1976) (*O Globo*, 17 jul. 1976) (*A Voz da Cidade*, 24 jul. 1976).

Inauguração da Rua de Pedestres – Vila Santa Cecília.



Fonte: Arquivo da PMVR

3.3.3 Outras obras

3.3.3.1 Nova sede do SAAE

No 19º aniversário da cidade, Nelson Gonçalves inaugurou várias obras, entre elas, a da nova sede do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) que, até então, funcionava no prédio da prefeitura. O novo prédio, com 2 pavimentos, abriga várias repartições funcionais. Segundo o jornal *A Voz da Cidade* (31 maio 1973), “a obra a todos agradou pelo seu capricho total, quer no emprego de material de primeira em sua construção, quer no bom gosto que foi elaborada a planta para sua edificação.”

Sede do SAAE.



Fonte: Arquivo da PMVR.

Nelson Gonçalves, acompanhado da primeira-dama, inaugura a Sede do SAAE. Na foto, Luiz Carlos de Almeida, presidente do SAAE; Nelson Gonçalves; D. Gecy; Moacir Chiesse (ao fundo); Eder Gonçalves, sobrinho de Nelson e; Deputado Estadual Pedro Magalhães.



Fonte: Arquivo da PMVR

3.3.3.2 Fórum Municipal e Câmara de Vereadores

O governo de Nelson Gonçalves iniciou as obras da Câmara de Vereadores e do Fórum municipal, entretanto ambas as obras foram inauguradas posteriormente. Segundo o *site* da Câmara Municipal, a Câmara, que até então funcionava no Palácio 17 de Julho, foi inaugurada em 28 de agosto de 1980, no governo de Aluízio Campos Costa.

Construção da Câmara Municipal. Na foto, Nelson Gonçalves e Luiz Guimarães, presidente da Câmara.



Fonte: Arquivo familiar

Construção do Fórum Municipal.



Fonte: Arquivo familiar

Fórum finalizado.



Fonte: Arquivo da PMVR

3.3.3.3 Monumento à Bíblia

Inaugurado no dia 13 de junho de 1976, com a presença de 1500 representantes de diversas religiões, o Monumento à Bíblia foi erguido em homenagem aos cristãos do município. Na ocasião, Nelson, em seu discurso, afirmou:

Inauguração do Monumento à Bíblia. Na foto, Vereador Silas Soares, Deputado Federal Dasso Coimbra, Nelson Gonçalves e Gecy Gonçalves.



Fonte: Arquivo familiar

Como cristãos que somos, não poderíamos deixar de dirigir uma fraterna mensagem de fé a esse grande povo cristão, que é o povo brasileiro, na oportunidade em que se inaugura festivamente o Monumento à Bíblia. De nossa parte, sem discriminação de crenças, mas porque reconhecimentos a pureza dos atos e a grandeza de propósitos dos nossos irmãos evangélicos, sempre temos dado o nosso apoio às suas realizações e comemorações (*Conforto*, 8 jul. 1976).

3.3.3.4 Modernização da Rodoviária Francisco Torres

A Rodoviária Municipal foi construída no governo de Francisco Torres e inaugurada logo após seu falecimento. No governo de Nelson Gonçalves, foi remodelada, pois o prefeito tinha como objetivo transformá-la em um autêntico “cartão de visita”, como divulgado pelo jornal *O Corujão*, em 20 de abril de 1974. O edifício recebeu reforma elétrica, aparelhos de TV, cabines telefônicas, serviço de recepção e novas linhas de ônibus.

Rodoviária Prefeito Francisco Torres.

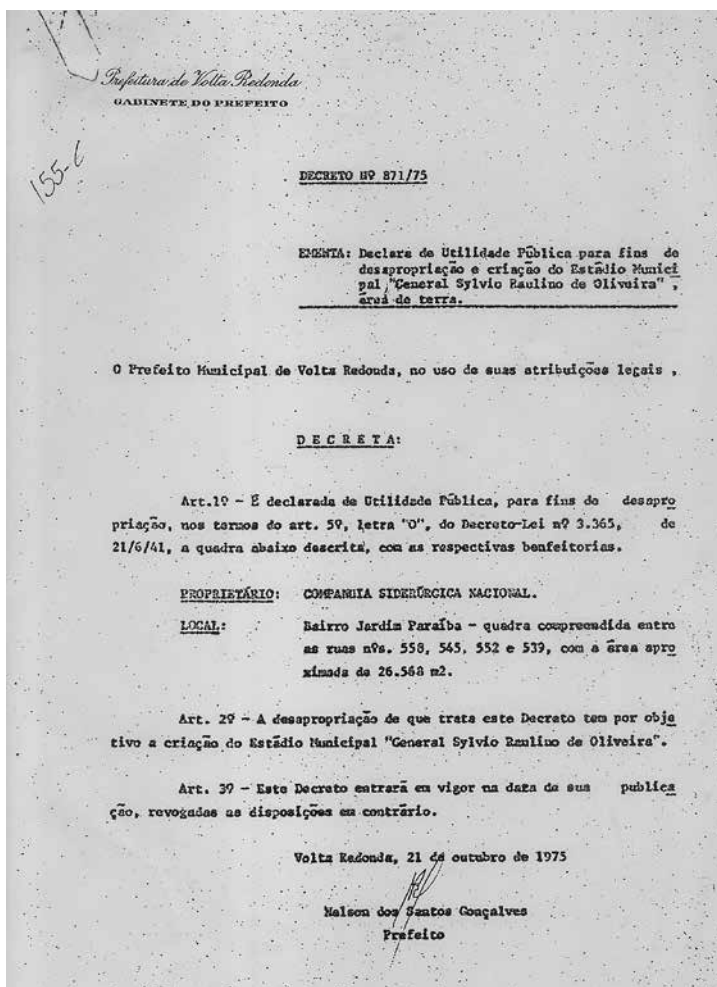


Fonte: Arquivo da PMVR

3.3.3.5 Reconstrução do Estádio Sylvio Raulino de Oliveira

O Estádio Sylvio Raulino de Oliveira pertencia à CSN e foi desapropriado pela prefeitura. A partir desse ato, o prefeito Nelson Gonçalves reconstruiu o estádio, de forma que o município pudesse participar dos campeonatos futebolísticos estadual e nacional. O estádio recebeu “arquibancada de cimento armado e estrutura metálica com capacidade efetiva para 25 mil pessoas [...] com modernos vestiários, além de tribunas especiais para as autoridades e imprensa escrita e falada” (*O Corujão*, 17 jan. 1976).

Decreto de Desapropriação do Estádio Sylvio Raulino de Oliveira.



Fonte: Arquivo da PMVR

Em visita ao estádio antes da inauguração, Nelson Gonçalves afirmou:

parece um sonho, mas conseguimos dar a Volta Redonda o estádio que ela merecia. Foram muitos dias de trabalho e noites sem dormir. Mas, no final, vendo o gigantismo desta obra, não podemos deixar de nos sentirmos orgulhosos e satisfeitos. [...] Só espero que Volta Redonda tenha muitas alegrias com este estádio (*Jornal dos Sports*, 14 mar. 1976).

Estádio Sylvio Raulino de Oliveira.



Fonte: Arquivo da PMVR

A inauguração oficial aconteceu no dia 1º de maio de 1976, momento em que os volta-redondenses assistiram à partida Flamengo X Volta Redonda, pelo campeonato carioca.

Presidente Geisel participa da inauguração do Estádio Raulino de Oliveira. Na foto, o Governador Faria Lima (de lado), Presidente Geisel, Nelson Gonçalves, Ministro Arnaldo Prieto e Jair Nogueira (segundo da direita para esquerda).



Fonte: Arquivo da PMVR

Voltaço entra em campo para o primeiro jogo: Voltaço X Botafogo.



Fonte: Arquivo da PMVR

3.3.3.6 Via Sérgio Braga

Inaugurada no primeiro governo de Nelson Gonçalves, a Via Sérgio Braga, importante ligação entre os municípios de Volta Redonda e Barra Mansa, recebeu, no segundo governo, obras de recapeamento asfáltico e moderno sistema de iluminação (*O Corujão*, 5 jun. 1976).

Asfaltamento e iluminação da Via Sérgio Braga.



Fonte: Arquivo da PMVR

3.3.3.7 Iluminação de ruas e praças e humanização do trânsito

O prefeito Nelson Gonçalves inaugurou, em 1974, a nova iluminação a vapor de mercúrio na Rua 33, onde foram instaladas 68 luminárias de 400 watts. Na ocasião, o morador mais antigo da rua, Tenente Mello Moraes, "foi convidado pelo prefeito para acionar a chave de inauguração, como homenagem aos moradores da Rua 33 e ruas transversais." (*Diário de Notícias*, 24 set. 1974). Após um mês, Nelson, acompanhado de seu irmão, Ysnaldo dos Santos Gonçalves, inaugurou a iluminação da

praça do Monte Castelo. Em um breve discurso, afirmou que, em sua administração, “nenhum bairro será esquecido (*O Corujão*, 26 out. 1974).

Em 1975, a prefeitura contabilizou o investimento de Cr\$1.154.627,35 com energia elétrica no município, o que colocou Volta Redonda no 7º lugar em consumo de energia elétrica no estado do Rio de Janeiro (*O Corujão*, 8 mar. 1975)

Os empreendimentos caminham num só sentido: o bem-estar. Esta é a grande meta do Governo Nelson Gonçalves, que trabalha inteiramente voltado para o desenvolvimento da ‘Cidade do Aço’ (*O Corujão*, 8 mar. 1975).

Inauguração da Praça do Laranjal. Na foto, o locutor Ubirajara Ramos (de lado), Nelson Gonçalves, D. Gecy Gonçalves e Nelson Gonçalves Filho.



Fonte: Arquivo familiar

Com o objetivo de humanizar o trânsito e facilitar o tráfego de veículos no município, inclusive o movimento pesado de entrada e saída de caminhões da CSN, o governo municipal instalou sinais luminosos em vários pontos movimentados da

cidade: Av. Amaral Peixoto, Av. Independência e Av. Lucas Evangelista (*O Corujão*, 25 maio 1974).

3.4 Educação e Cultura

No governo de Nelson Gonçalves, Volta Redonda contava com uma rede escolar com 12.500 estudantes do jardim da infância a 5ª série. A Fevre, autarquia municipal, tinha mais de seis mil alunos de primeiro e segundo graus, matriculados em 4 colégios: Getúlio Vargas, João XXIII, José Botelho de Athayde e o novo colégio Nelson Gonçalves (atual Themis de Almeida Vieira) (S.I). Segundo o jornal *O Corujão* (27 nov. 1976), o governo de Nelson Gonçalves sanou o problema de alunos excedentes do município, reformando e ampliando escolas.

Inauguração da reforma da Escola Municipal Bahia. Na foto, Nelson Gonçalves, D. Gecy Gonçalves, Clara Bemfeito e o vice-prefeito, José Augusto da Costa.



Fonte: Arquivo da PMVR.

Nelson Gonçalves com alunos de escola municipal em seu gabinete.



Fonte: Arquivo da PMVR

3.4.1 Auditório do Colégio Getúlio Vargas

Com estrutura de concreto aparente, cobertura em laje curva e área livre de 19m2 X 30m2, sem coluna, o auditório do Colégio Getúlio Vargas, construído no governo de Nelson Gonçalves, tinha capacidade para 600 pessoas, com palco de 100m2, cabine de projeção, camarins para artistas e ar condicionado central (*A Voz do Povo*, 30 jun. 1973). Recentemente, o auditório, atualmente denominado Teatro Maestro Franklin de Carvalho Júnior, foi totalmente reformado e tem sido palco para muitos eventos culturais.

Teatro Maestro Franklin de Carvalho Júnior. (Atual)



Fonte: Arquivo da PMVR

3.4.2 Colégio Municipal Nelson Gonçalves (Atual Professora Themis de Almeida Vieira)

Em 1975, o governo entregou à população o Colégio Municipal Nelson Gonçalves, no bairro Conforto. O espaço com 16 salas de aula e dependências custou aos cofres municipais Cr\$ 1.800.000,00, na época de sua construção. Vale ressaltar que o colégio recebeu o nome do prefeito a pedido da população local, pois era uma reivindicação antiga dos moradores do bairro que somente foi executada por Nelson Gonçalves.

Inauguração do Colégio Nelson Gonçalves.



Fonte: Arquivo familiar.

O Colégio Nelson Gonçalves, atual Colégio Professora Themis de Almeida é uma das quatro instituições que compõem a Fundação Educacional de Volta Redonda (Fevre), autarquia municipal, juntamente com o Colégio Getúlio Vargas, Colégio José Botelho de Athayde e Colégio João XXIII. Sobre a Fevre, Moreira (2004) registra:

A Fundação Educacional de Volta Redonda, instituição declarada de utilidade pública no governo de Nelson Gonçalves, estimulou a educação e a cultura através de grupos de teatro, encenação de peças com alunos e plano de música, com a fanfarra da Fundação, a primeira banda marcial do Brasil em várias competições, além de incentivar o esporte nas escolas. A Fevre também criou uma cooperativa que fornecia a preços de custo, roupas e material escolar, entre outros itens, à população da região (Moreira, 2004).

Cabe ainda registrar que o Conselho Municipal de Educação foi criado no governo de Nelson Gonçalves, importante passo para a supervisão da educação na cidade.

3.4.3 Fanfarra da Fevre

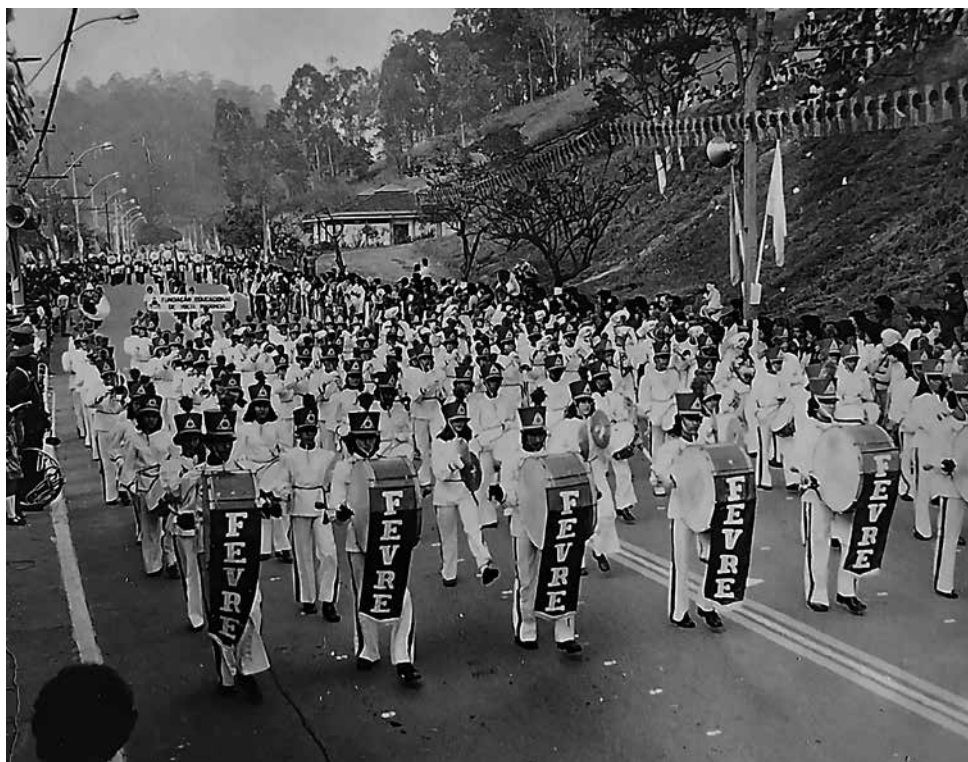
Em 1974, o governo Nelson Gonçalves implementou o projeto de música nas escolas da Fevre, coordenado pelo professor Nicolau Martins de Oliveira. O projeto alcançou grande sucesso na cidade e cresceu, com apresentações nacionais e internacionais. Atualmente, é denominado “Volta Redonda – Cidade da Música”, com sede no bairro Vila Mury, e abarca também as escolas da rede municipal. Cabe ressaltar que a sede foi construída quando a filha de Nelson, Therezinha Gonçalves, era Secretária de Educação e o neto, Nelsinho Gonçalves, era vice-prefeito do município.

Criação da Banda de Música da Fevre. Na foto, Wayner Gonçalves (ao fundo), Ubirajara Ramos, Nelson Gonçalves, Dr. Walter Bürger e o Prof. Nicolau Martins.



Fonte: Arquivo da PMVR

Fanfarra da Fevre em exibição.



Fonte: Arquivo da PMVR

3.4.4 Casa Infantil Perpétua Gonçalves – Fundação Beatriz Gama

Em 1974, Nelson Gonçalves inaugurou o dormitório da Fundação Beatriz Gama, com capacidade para abrigar 26 crianças. O dormitório recebeu o nome da mãe de Nelson, Sra. Perpétua Gonçalves. No evento de inauguração, o vice-prefeito, Sr. José Augusto da Costa, afirmou que “a Casa Infantil Perpétua Gonçalves constitui a concretização de mais uma das metas traçadas em nosso programa de trabalho, que prevê outros melhoramentos, alguns já projetados, inclusive” (*O Corujão*, 17 ago. 1974).

Na ocasião, Nelson Gonçalves, “emocionado, agradeceu a homenagem tributada a sua saudosa genitora e ressaltou o magnífico trabalho que os dirigentes da FBG vem realizando.” (*O Corujão*, 17 ago. 1974)

Inauguração da Casa Infantil Perpétua Gonçalves – Fundação Beatriz Gama. Na foto, D. Clara Bemfeito, Cel. Citadino e esposa, Nelson Gonçalves, D. Gecy Gonçalves (ao fundo), Ubirajara Ramos e José Augusto da Costa.



Fonte: Arquivo da PMVR

Cabe registrar que a Fundação Beatriz Gama, presidida pelo vice-prefeito José Augusto da Costa, recebeu, do governo de Nelson Gonçalves, atenção especial, principalmente no que se refere à metodologia de acolhimento ao menor atendido pela instituição (*A Voz da Cidade*, 5 ago. 1975).

Nelson Gonçalves em visita à Fundação Beatriz Gama. Da esquerda para direita, Ysnaldo Gonçalves, Nelson Gonçalves, José Augusto da Costa, César Augusto, filho do vice-prefeito, Paulo César Alves e vereador Firmino Gomes.



Fonte: Arquivo da PMVR

3.4.5 Convênio com o Mobral

O prefeito assinou, em 1974, convênio com o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), com cadastramento de analfabetos nos bairros Açude, Belmonte, Cidade do Aço, Vila Mury e Siderlândia, totalizando quase 3 mil pessoas, sendo 80% adultos (*O Corujão*, 24 ago. 1974).

3.4.6 Eventos culturais

3.4.6.1 Jogos universitários

Em maio de 1973, Volta Redonda sediou o VI Jogos Universitários, com a participação de 9 municípios: Volta Redonda, Petrópolis, Teresópolis, Niterói, Valença, Barra do Piraí, Barra Mansa, Campos e Vassouras. O evento foi promovido pela Prefeitura de Volta Redonda, juntamente com a Federação Universitária Fluminense de Esportes, Diretórios Unidos das Escolas Superiores de Volta Redonda e o Departamento de Educação Física da Fundação Oswaldo Aranha. Os jogos foram

realizados no Recreio do Trabalhador, Aero Clube, Umuarama e Funcionários. Os participantes ficaram alojados nas Escolas Rio Grande do Sul e Miguel Couto e as refeições foram fornecidas pelo restaurante da CSN (*A Voz da Cidade*, 31 maio 1973).

Cabe registrar que Nelson Gonçalves também foi um grande incentivador do esporte amador na cidade.

Nelson em visita ao time de basquetebol municipal.



Fonte: Arquivo da PMVR.

3.4.6.2 VII Festival de Música Popular de Volta Redonda

Em outubro de 1973, o governo de Nelson Gonçalves apoiou o VII Festival de Música Popular, uma iniciativa de Clube Umuarama, que teve, como jurado, entre vários artistas, o próprio prefeito. O evento teve mais de cem músicas inscritas de compositores de várias cidades do Sul Fluminense e 40 canções foram selecionadas. A noite contou com um show de Ivan Lins e a participação de vários artistas, como Lucinha Lins, Tibério Gaspar, Dina Sfat, Artur da Távola, Paulo Cesar Pinheiro, entre outros (*O Corujão*, 6 outb.1973). O vencedor da noite foi o intérprete Milton Carlos, com a canção “Alegria de poder cantar”.

Após o evento, Nelson Gonçalves registrou a importância do festival para a cultura do município.

Estou vivamente impressionado com este festival, que serviu para mostrar a pujança de nossa juventude, sempre voltada para a cultura. Nosso governo não poderia, nunca, deixar de apoiar esta magnífica promoção, pois entendemos que música é cultura, é alegria, é desenvolvimento, metas que figuram no plano de realizações de nossa Administração (*O Corujão*, 20 out. 1973).

VII Festival de Música de Volta Redonda.



Fonte: Arquivo familiar

3.4.6.3 Ornamentação da cidade para o Carnaval e Natal

O governo de Nelson Gonçalves investia em ornamentação de datas festivas, como Carnaval e Natal, trabalho produzido e realizado pelos funcionários públicos do município. Em 1974, o tema escolhido foi “Carnaval Antigo”; em 1975, “Brasil

1.500”, que “retratou a chegada das caravelas portuguesas em nosso país e; em 1976, “Carmem Miranda, a pequena notável.” O evento, na Vila Santa Cecília, contava com desfile de blocos, escolas de samba e de frevo (*O Fluminense*, 15 jan. 1975).

Decoração de Carnaval na Vila Santa Cecília.



Fonte: Arquivo familiar

Nelson Gonçalves brincando carnaval com o povo.



Fonte: Arquivo familiar

Em dezembro, o movimento de ornamentação se repetia. A Vila Santa Cecília e ruas adjacentes recebiam adereços para as comemorações do Natal. Em 1975, a Praça Brasil recebeu um grande presépio e o Papai Noel chegou à cidade no dia 21 de dezembro, sendo recebido no Estádio Raulino de Oliveira.

3.4.6.4 Desfile cívico-militar de Volta Redonda

Durante o governo de Nelson Gonçalves, o povo de Volta Redonda lotava a Av. Independência para assistir ao Desfile Cívico-militar em comemoração ao aniversário de independência do Brasil. Militares e estudantes desfilavam no evento, que também contava com a presença da Banda de Música da CSN e fanfarras dos colégios do município.

Palanque do Desfile em 7 de setembro de 1974. Na foto, Ysnaldo Gonçalves; Nelson Gonçalves; Joaquim Ramos, presidente da Câmara e militares.



Fonte: Arquivo familiar

Em 1975, de acordo com o jornal *A Voz da Cidade* (9 set. 1975), 60 mil pessoas assistiram ao desfile cívico-militar, que teve a participação de 16 mil estudantes e militares. O destaque ficou por conta das fanfarras da Escola Pandiá Calógeras e Fevre, que foram aplaudidas pela população presente no evento. Várias autoridades, incluindo o prefeito, militares e o presidente da CSN estiveram presentes, ocupando o palanque montado na Av. Independência.

3.4.6.5 Apoio à Feira da Primavera

Com o apoio da prefeitura, foi realizada nos dias 27 a 29 de setembro de 1974 a III Feira da Primavera. A abertura do evento contou com a participação de fanfarras, carros alegóricos e representação de diversas entidades. Além disso, houve exposição de arte popular, no Pavilhão Cultural, shows infantis, demonstrações de ginástica e danças típicas e apresentação de filmes culturais e recreativos. Diversas entidades participaram do evento com barracas, como a Legião da Boa Vontade, Fundação Beatriz Gama, diversos centros sociais, comunidades eclesiais, centros espíritas, igrejas metodistas e Mobral (*A Gaivota*, out. 1974).

À esquerda, Therezinha Gonçalves, eleita Princesa da Feira da Primavera, representando a Fundação Beatriz Gama.



Fonte: Arquivo familiar

3.4.6.6 Investimentos em comunicação: televisão e frequência FM

Em 1975, durante prestação de contas do seu governo, Nelson informou sobre os investimentos em comunicação.

Melhoramos a torre repetidora de som e imagem de TV, colocamos no ar o Canal 13 – TV Rio, instalamos a aparelhagem para retransmissão em FM, já fizemos o necessário pedido de autorização para o funcionamento regular, ao Ministério das Comunicações; colocamos um funcionário para cuidar da estação repetidora situada em Paulo de Frontin, a fim de melhorar a recepção dos canais da capital (S.I, 1975).

Em 1976, durante as festividades do 22º aniversário de emancipação da cidade, o prefeito Nelson Gonçalves e sua esposa, Gecy Gonçalves, inauguraram o Mirante do Morro da TV, considerado, na época, um ponto turístico do município (Moreira, 2004).

3.5 Saúde

3.5.1 Ampliação do Hospital São João Batista

Foram construídas, na parte superior, 2 enfermarias, com 10 leitos cada; 6 apartamentos particulares; dependências para o atendimento e acesso por rampa e escada. No andar inferior, foram reformadas a sala de cirurgia, sala da Diretoria, Banco de Sangue e 2 laboratórios; alojamentos masculino e feminino, sala dos médicos, enfermaria com banheiro e uma sala. No acesso ao pavimento superior, foram construídas rampas com 3 metros de largura, com inclinação para deslocamento de macas e escada de serviço (*A Voz da Cidade*, 31 maio 1973). Além disso, um moderno centro de tratamento intensivo (CTI) foi instalado, equipado com modernos aparelhos importados da Alemanha. O CTI era composto de 3 setores: atendimento para pacientes em estado grave, atendimento para pacientes cirúrgicos e atendimento para pacientes em processo de recuperação (*O Corujão*, 24 maio 1975). Na época, o hospital era considerado um dos mais bem equipados no estado do Rio de Janeiro.

Ampliação do Hospital São João Batista.



Fonte: Arquivo familiar.

Nelson Gonçalves visita obra do Hospital São João Batista. Na foto, Nelson Gonçalves e Ysnaldo Gonçalves (à frente).



Fonte: Arquivo familiar

3.5.2 Pronto-socorro Municipal

O governo entregou à população o Pronto-socorro Municipal, em 1º de maio de 1976. Até então, o serviço funcionava em um prédio alugado na Av. Paulo de Frontin. A inauguração contou com a presença do Presidente Ernesto Geisel, que estava na cidade para a inauguração do 3º alto-forno da CSN. Além dele, estiveram presentes o Ministro da Indústria e Comércio, Severo Gomes, o Governador Faria Lima, o presidente da CSN, Eng. Plínio Cantanhede, e outras autoridades. Após a inauguração, Nelson Gonçalves “assinou um convênio entre o Pronto-socorro Municipal e o Instituto Nacional de Previdência Social, com o objetivo de ampliar a assistência médico-odontológica a toda a comunidade gratuitamente” (Moreira, 2004). A assinatura do convênio reuniu vários políticos e lideranças médicas da cidade (*O Corujão*, 15 maio 1976).

Pronto-socorro Municipal.



Fonte: Arquivo da PMVR

Inauguração do Pronto-socorro.



Fonte: Arquivo familiar.

Da esquerda para direita, o Governador Faria Lima, Nelson Gonçalves e o ex-presidente Geisel, na inauguração do Pronto-socorro.



Fonte: Arquivo familiar

Nelson Gonçalves apresenta as dependências do Pronto-socorro aos convidados. Na foto, Dr. Walter Bürger, Dr. Dião, Nelson Gonçalves, Dr. Júlio Gomes e Lincoln Ribeiro, chefe de gabinete.



Fonte: Arquivo da PMVR

Sala de atendimento do Pronto-socorro Municipal.



Fonte: Arquivo da PMVR

No projeto inicial, constava também a construção do Hospital Municipal anexo ao Pronto-socorro, obra que chegou a ser iniciada em 1976, porém foi descontinuada pelo governo sucessor.

Fundação do Hospital Municipal.



Fonte: Arquivo da PMVR

O povo de Volta Redonda recebe Nelson Gonçalves no local de construção do Hospital Municipal.



Fonte: Arquivo familiar

Nelson Gonçalves discursa no local de construção do Hospital Municipal.



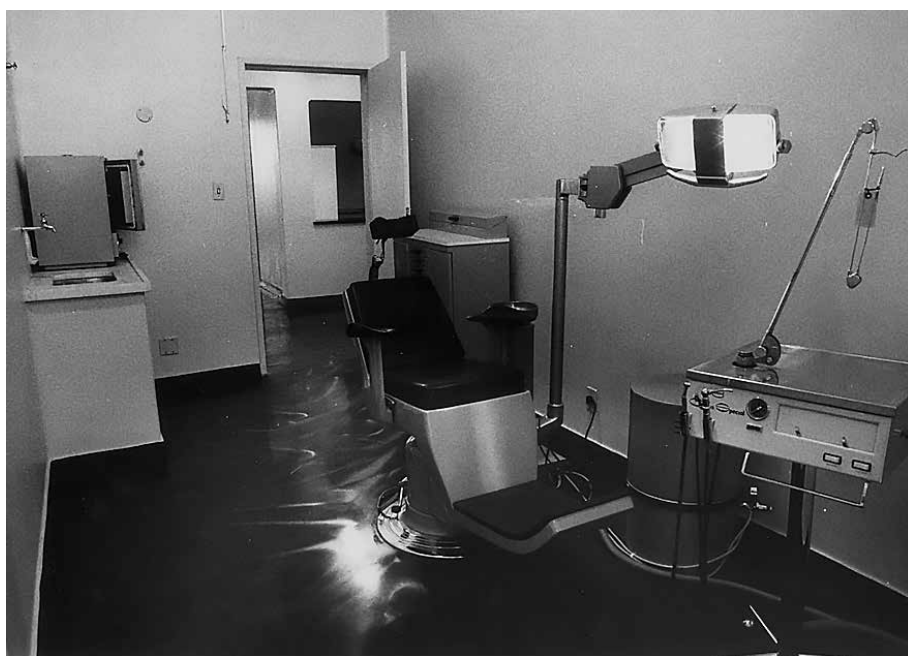
Fonte: Arquivo familiar

3.5.3 Serviço Odontológico

O Serviço Odontológico municipal atendeu, em 1974, 27.551 pacientes (estudantes, funcionários municipais e seus dependentes). Após a inauguração do Pronto-socorro, em 1976, o serviço foi ampliado, já que o espaço possuía gabinete odontológico funcionando 24 horas por dia (*O Corujão*, 18 jan. 1975). Além disso, mais tarde

um acordo foi selado com a Escola de Odontologia de Volta Redonda para ceder gabinetes dentários por cinco anos para um programa odontológico-sanitário voltado para os alunos das escolas municipais. Vagas de estágio remunerado foram abertas na prefeitura para estudantes da Escola de Medicina e Odontologia de Volta Redonda (Moreira, 2004).

Gabinete odontológico do Pronto-socorro Municipal.



Fonte: Arquivo da PMVR

3.5.4 Vacinação contra meningite

Por iniciativa do prefeito, em convênio com a Secretaria de Saúde do Estado, em fevereiro de 1975, foi realizada a vacinação de 98% da população contra meningite. Para isso, a prefeitura designou nove postos de saúde para o atendimento ao público (*O Corujão*, 22 fev. 1975).

O médico Nelson Gonçalves vacina a população.



Fonte: Arquivo da PMVR

Nelson Gonçalves é vacinado contra meningite.



Fonte: Arquivo da PMVR

3.6 Sucessão do governo municipal

Em 31 de janeiro de 1977, Nelson Gonçalves passou a administração da cidade a Georges Leonardos, do Arena (1977 a 1979), prefeito nomeado pelo governador do estado do Rio de Janeiro e sancionado pelo presidente da república, visto que Volta Redonda era Área de Segurança Nacional.

Nelson Gonçalves, último prefeito eleito antes do município se tornar Área de Segurança Nacional, encerrou as atividades do segundo governo publicando, nos jornais locais, uma mensagem aos cidadãos de Volta Redonda, em 31 de janeiro de 1977, conforme registra o jornal *A Voz da Cidade*.

[...] É certo que não fizemos milagres nem conseguimos agradar a todos, mas é inegável que conseguimos realizar mais do que prometemos em nossa Campanha Eleitoral, procurando retribuir, com trabalho e obras, a confiança em nós depositada e a honra de dirigir uma comunidade a que nos integramos e a qual temos dedicado o melhor de nossa vida. Auguramos ao nosso sucessor êxito e tranquilidade para com a sua reconhecida capacidade continuar dando a Volta Redonda o melhor que sua gente merece.

Nelson recebeu Georges Leonardos na escada do Palácio 17 de Julho. Em seu discurso, muito emocionado, resumiu os resultados do seu governo:

[...] Bairro por bairro, nossa presença, sem qualquer ufanismo, foi marcada pelo trabalho. As realizações do Governo se encontram em todos os cantos da cidade. Infra-estrutura e saneamento, muros de arrimo, galerias de águas pluviais, esgoto, água, meio-fio e asfalto, nas ruas e nos morros, limpeza pública, praças, jardins e *play-grounds*, iluminação moderna, recreação e serviço social ativo. Eis, senhores, a nova Volta Redonda, a cidade que planejamos, como fruto do trabalho coordenado em todos os recantos, nos bairros, nos morros, nos centros urbanos dos mais próximos aos mais distantes.

Posteriormente, a cidade foi administrada por Aluísio Campos Costa (1979 a 1982) e Benevenuto dos Santos (1982 a 1985), também nomeados. Volta Redonda voltou a ter eleições diretas com a abertura política, em 1985, quando elegeu Marino Clinger, do PDT.

Na eleição de 1986, Nelson Gonçalves também concorreu, mas não saiu vitorioso do pleito. Segundo Nelson Gonçalves Filho, ocorreram vários episódios durante a campanha e a apuração dos votos que impactaram sensivelmente seu pai. Em entrevista para esta pesquisa, ele relata que

algumas ações interferiram no resultado eleitoral, quando ele perdeu a eleição, a última que disputou. Por exemplo, na divisão de horários de televisão, papai tinha a maior coligação, dando a proporcionalidade maior do horário de televisão pra ele. A Justiça (Eleitoral) determinou que os horários fossem iguais pra todos os candidatos, o que foi uma intervenção que prejudicou a candidatura dele. Durante a campanha, às vezes, nosso diretório era invadido pela polícia militar, para investigar se tinha

alguma propaganda ilegal [...] não existia nada disso, mas era um argumento para intimidar a gente, não só a família, mas também todos os companheiros da época que participavam dessa eleição (Gonçalves Filho, 2025f).

Nelson Filho continua seu depoimento, abordando sobre o dia da eleição, no momento da apuração dos votos.

E o mais grave, foi no dia da apuração dos votos. Era uma eleição só para prefeito, na época da abertura (política), primeira eleição para prefeito pós área de segurança de Volta Redonda. Como meu pai tinha a maior coligação, ele tinha dois números na cédula. Era cédula que marcava X. A coligação dele permitia que ele tivesse dois quadrinhos. Ele era o único que tinha dois quadrinhos (25 do PFL e 14 do PTB). A lei falava que você (o eleitor) podia votar só no 14, só no 25 ou no 14 e 25, que valeria o voto. Só que, na apuração, houve um desentendimento, talvez uma falta de informação, que, em um primeiro momento, quando o voto apurado vinha nos dois quadrinhos, era anulado. Não era o que falava a lei. Havia recurso e nós fizemos o recurso, porém demorava muito pra decidir, e a apuração continuando. Então, depois de duas horas, a justiça definia que realmente estava errado, que só valeria o voto se marcasse os dois quadrinhos. Com isso, a apuração passou quase a manhã com essas diferenças de condutas, esses critérios, que, sem dúvida nenhuma, prejudicaram muito o resultado eleitoral. A eleição foi decidida com uma margem muito pequena de votos e nós, não apenas da família, mas também os companheiros da época, atribuímos a derrota dele a esse critério que foi adotado na apuração (Gonçalves Filho, 2025f).

Nelson Filho registra que, após a derrota, era comum ver o pai tristonho e pensativo, sem compreender o ocorrido.

Meu pai ficou muito triste. Perder ou ganhar eleição era do jogo, mas a maneira como ele perdeu o deixou muito triste, não como pessoa, mas com o destino da cidade. Meu pai tinha um projeto ainda para concluir na cidade de Volta Redonda que, infelizmente, não foi concluído. Hoje, é muito difícil que isso aconteça. Ele tinha um projeto deanel viário [...]. Ficou faltando uma estrada que saíria da Ponte Alta, do Elevado Castelo Branco, até a Dutra no quilômetro 102 e a Rodovia do Contorno, que, depois de anos, foi construída com um trajeto diferente [...], o

hospital municipal que tinha iniciado, com 241 leitos, ao lado do pronto-socorro, a infraestrutura toda pronta, não foi concluído pelo seu sucessor. A “não vitória”, não sei se pode chamar dessa maneira, não permitiu isso, que Volta Redonda tivesse essa evolução, tivesse esses investimentos pra melhorar a qualidade de vida da nossa cidade (Gonçalves Filho, 2025f).

Nelson Gonçalves faleceu em 13 de setembro de 1986, cerca de um ano após a derrota, em decorrência de um infarto, no dia do casamento de sua filha, Therezinha Gonçalves, com o aviador Luís Paulo Assumpção.

A cerimônia religiosa, evidentemente, não ocorreu na data prevista, sendo realizada uma semana após o falecimento de Nelson, no dia 20 de setembro de 1986, na residência da família, pelo Padre Sano.

Therezinha e Luís Paulo recebem as bênçãos de Padre Sano.



Fonte: Arquivo familiar

De acordo com Nelson Filho, Ysnaldo Gonçalves, irmão e companheiro de vida política de Nelson, também ficou muito impactado com a derrota, vindo a

falecer quatro meses após a morte do irmão, no dia 16 de janeiro de 1987, também por problemas cardíacos.

Após esses dramáticos acontecimentos, o legado político deixado por Nelson Gonçalves permaneceu na família, com a atuação de Nelsinho Gonçalves Filho, como deputado estadual por seis mandatos; Therezinha Gonçalves, como Secretária de Educação do município por quatorze anos e; Nelsinho Kruschewsky dos Santos Gonçalves, neto de Nelson Gonçalves e filho de Nelson Filho, como vice-prefeito por dois mandatos, tendo atuado como prefeito durante o período de licença de Gothardo Netto, em 2005.

Capítulo 4 - Volta Redonda Futebol Clube: a construção de um sonho popular

“Volta Redonda precisava de um time à altura da sua gente. O Voltaço nasceu do coração do povo e da vontade de fazer história.” – Nelson Gonçalves

Este capítulo é dedicado ao Volta Redonda Futebol Clube (VRFC) — o Voltaço, alma esportista de uma cidade moldada em aço e sonho. Compreender que esse time foi constituído por um compasso de memória e paixão permite que os fios do tempo sejam organizados em cinco seções que revelam não apenas a história de um clube, mas o pulsar de um grande político, Nelson Gonçalves, para atender uma comunidade inteira. As seções foram assim organizadas: Origem do estádio: campo do Guarani Esporte Clube; Desafio dos 60 dias: articulações e compromissos; Fundação do Voltaço: um clube forjado no coração popular; Grande jogo: a vitória histórica contra o Botafogo; Outros momentos: a construção de uma identidade.

4.1 Origem do estádio: campo do Guarani Esporte Clube

Antes que o amarelo reluzente como ouro brilhasse sob os refletores, havia apenas o campo – o chão batido da esperança. Era nesse espaço que o Guarani Esporte Clube, fundado nas primeiras décadas da cidade, fincava as traves do sonho esportivo local. O estádio General Sylvio Raulino de Oliveira, que funcionava desde 15 de abril de 1951, 10 anos após a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), e que foi usado pelo time do Guarani, já era ponto de encontro da juventude e dos trabalhadores que enxergavam no futebol uma forma legítima de expressão, união e pertencimento.

Volta Redonda, caminhando para a emancipação como município, já respirava futebol. Entre os operários da CSN e suas famílias, o esporte era paixão consolidada. E o campo do Guarani, com sua modesta estrutura, servia como principal palco para os torneios amadores que movimentavam a cidade. Era ali, entre o barro e o suor, que nascia o sentimento de um time que ainda viria e seria a paixão popular na cidade.

Imagem do campo sede do Guarani.



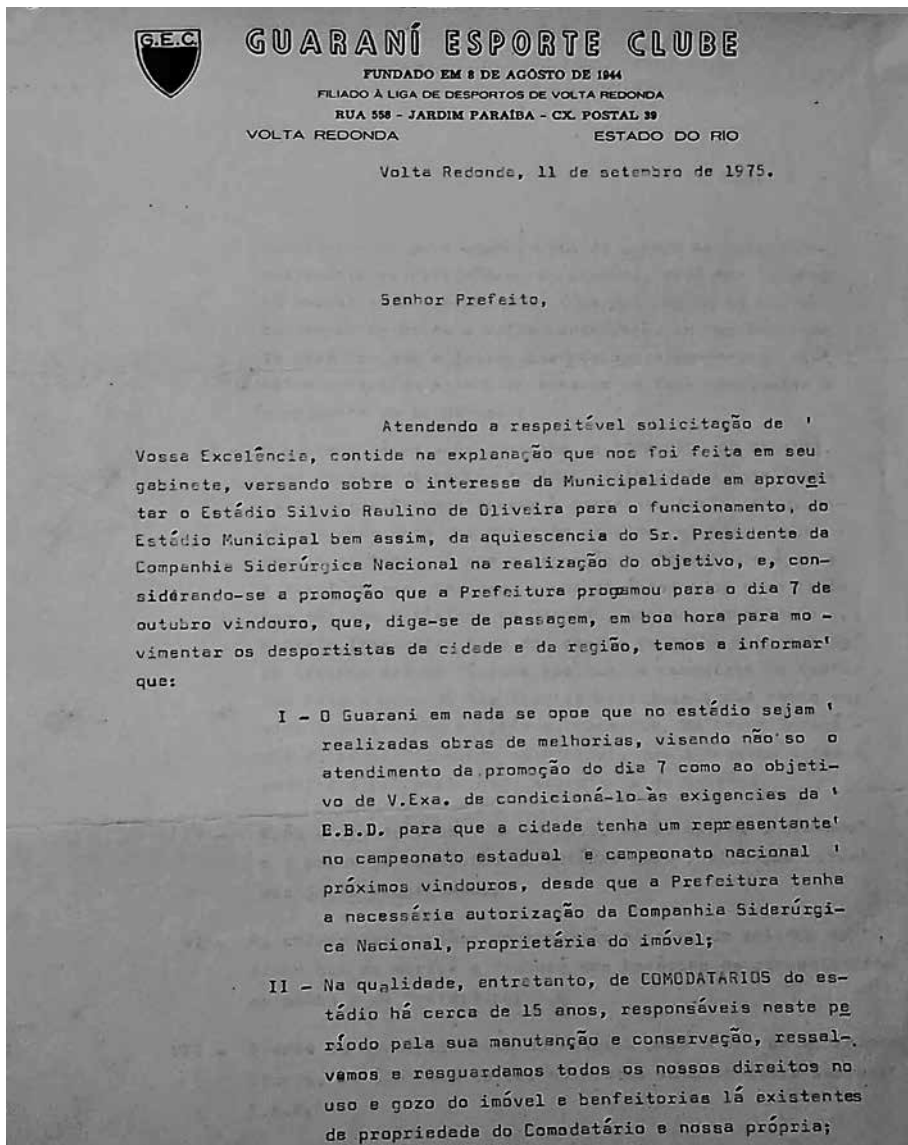
Fonte: Arquivo da PMVR.

A transição desse espaço para a era do futebol profissional, na qual o Voltaço seria o protagonista, foi marcada por tensões institucionais e simbólicas. Um documento decisivo nesse processo foi o ofício datado de 11 de setembro de 1975, enviado pelo Guarani Esporte Clube ao prefeito Nelson dos Santos Gonçalves. Nele, o clube não se opunha à proposta da Prefeitura de utilizar o Estádio Sylvio Raulino de Oliveira como sede dos jogos do novo time profissional — mas exigia que essa utilização respeitasse sua história e sua atuação institucional como principal responsável pela conservação e manutenção do estádio ao longo dos últimos quinze anos.

O Guarani reivindicava o reconhecimento de sua condição de comodatário e a preservação de seus direitos adquiridos, como a coordenação do calendário de jogos, a manutenção dos portões sob responsabilidade do zelador do clube e a não cessão definitiva do patrimônio. A carta, assinada pelo presidente Dr. Jonas de Carvalho

e por Gilson Carlos de Paula, presidente do Conselho Deliberativo, ainda indicava que cópias seriam enviadas à presidência da CSN, demonstrando a intenção de dar peso institucional à manifestação.

Ofício do Guarani Esporte Clube à Prefeitura sobre o uso do Estádio Raulino de Oliveira.



Fonte: Arquivo familiar.

Ofício do Guarani Esporte Clube à Prefeitura sobre o uso do Estádio Raulino de Oliveira, na íntegra.



Fonte: Arquivo familiar.

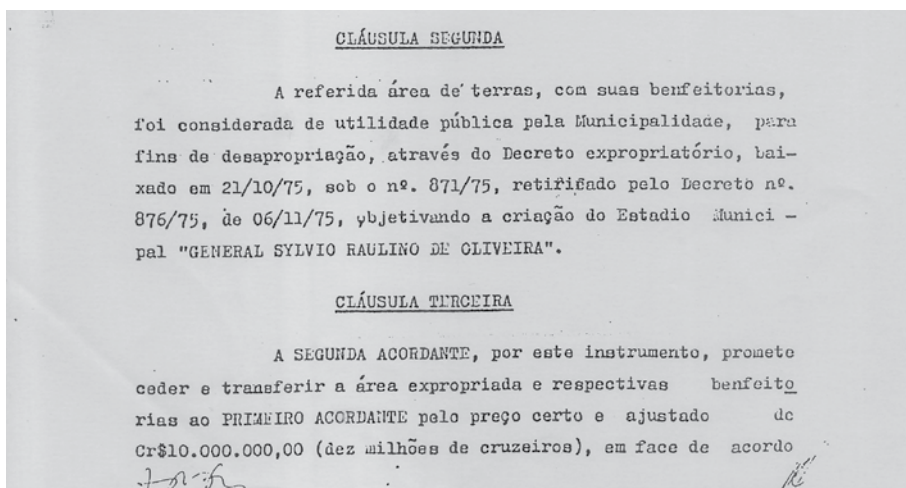
Esse posicionamento é, hoje, interpretado como um ponto de inflexão. Muitos enxergam nele o impulso final que levou à decisão do prefeito de desapropriar o estádio e encerrar o impasse, garantindo as condições políticas e operacionais para a criação de um novo clube, verdadeiramente representativo da cidade e com apoio irrestrito do poder público. A desapropriação do estádio, viabilizada pela CSN, representou o início de uma nova era para o futebol local.

Segundo Nelson dos Santos Gonçalves Filho,

o campo foi desapropriado por seu pai, o então Prefeito Nelson Gonçalves, com apoio decisivo de Plínio Cantanhede, presidente da CSN. O valor simbólico de 10 mil cruzeiros — quase metafórico — dizia menos sobre cifras e mais sobre compromissos” (Gonçalves Filho, 2025f).

O gesto, mais que administrativo, foi estratégico para o desenvolvimento da cidade: selava uma aliança entre poder público e comunidade.

Documento oficial de desapropriação do estádio Guarani.



Fonte: Arquivo familiar.

Desapropriação do estádio Guarani, na íntegra.



Fonte: Arquivo familiar.

Esse movimento visionário se inscreve em um projeto maior, como já indicava a imprensa da época: "Volta Redonda terá, no curto prazo, o seu Estádio Municipal e participará, em 1976, do Campeonato Nacional de Futebol" (*O Corujão*, 13 set. 1975). A declaração revela não só a ambição esportiva, mas também o desejo de consolidar a identidade de Volta Redonda como polo urbano, industrial e cultural, unindo o aço da economia ao fervor da arquibancada.

O mesmo jornal ainda antecipava que o futuro Estádio Raulino de Oliveira seria mais que uma arena esportiva: “uma obra municipalizada com ampla capacidade, capaz de atrair grandes jogos de futebol para a cidade” (*O Corujão*, 13 set. 1975). Assim, a proposta ganhava contornos de política pública, com implicações simbólicas e estruturais para o município.

A cobertura jornalística daquele período reforça o caráter transformador do projeto. Como destacou matéria do jornal *O Fluminense*, “Volta Redonda vive clima de festa e prepara estádio” — enfatizando o envolvimento popular e a atmosfera de mobilização que tomou conta da cidade nos dias que antecederam a construção do novo espaço esportivo (*O Fluminense*, 12 set. 1975).

Além disso, o jornal relatava que a praça de esportes, reformada pela prefeitura, ganharia nova estrutura e capacidade para 25 mil pessoas. “Homens e máquinas da Prefeitura entraram em ação poucas horas após o estádio ser desapropriado pela própria Prefeitura junto à CSN”, informava a reportagem, demonstrando o caráter emergencial e coletivo da empreitada (*O Fluminense*, 12 set. 1975).

Funcionários da PMVR na preparação do novo estádio.



Fonte: Arquivo da PMVR

Máquinas da PMVR na preparação do novo estádio.



Fonte: Arquivo da PMVR

Também chamava a atenção o simbolismo da entrega do estádio como marco de uma revolução urbana. “Volta Redonda vai entrar no cenário esportivo nacional”, dizia a matéria, em tom de celebração — prenunciando o nascimento de um clube que viria a representar mais que um time: um sentimento de pertencimento coletivo (*O Fluminense*, 12 set. 1975).

Daquele solo simples, nasceria o fundamento de um projeto maior: a criação de um clube que carregaria o nome, o orgulho e o espírito de Volta Redonda. Mesmo sem arquibancadas definitivas, sem iluminação ou gramado adequado, o campo do Guarani mantinha uma aura própria — construída a cada chute, a cada aplauso, a cada sonho coletivo. Era ali, naquele terreno de histórias e suor, que se lançavam as raízes do Voltaço.

Desde o momento em que o estádio passou da CSN para a Prefeitura, o futebol tomou forma de uma febre epidêmica em toda a cidade. Ninguém fala em planos, esquece tribos, nas ruas, só se ouve: Alegria é Edinho, jogador do Comercial. O outro é Jairinho, do Guarani (Hill, 1975).

4.2 Desafio dos 60 dias: articulações políticas e compromissos sociais

Em uma reunião decisiva no Rio de Janeiro, na Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), três figuras moldaram um capítulo audacioso da história esportiva de Volta Redonda: Nelson Gonçalves, prefeito da cidade; Octávio Pinto Guimarães, presidente da Federação Carioca de Futebol (FCF); e Heleno Nunes, então presidente da CBD. Ali, diante de olhares incrédulos, Nelson, que tinha fogo nos olhos e aço na palavra, lançou o impossível como proposta e transformou o improvável em meta: em apenas 60 dias, entregaria um clube estruturado e um estádio pronto para sediar jogos do campeonato estadual.

Reunião na antiga CBD. À esquerda, Nelson Gonçalves; no centro, Otávio Pinto Guimarães, presidente da FCF; e à direita, Heleno Nunes, presidente da CBD.



Fonte: Arquivo familiar.

Mais do que uma promessa administrativa, o compromisso era uma declaração de amor à cidade. Para os dirigentes esportivos, soava como loucura. Para Nelson, era apenas mais uma meta — ousada, sim, mas plenamente factível. Ele confiava na força de sua articulação política e na mobilização da máquina pública e da própria população.

Segundo seu filho, Nelson dos Santos Gonçalves Filho, o prefeito “era um visionário”. Costumava afirmar, com convicção e bom humor, que “o estádio e o time já estavam prontos antes mesmo da primeira pá de terra ser movida” (Gonçalves Filho, 2025f). Em um almoço de família, seu pai criou um suspense ao contar que havia recebido um telefonema de Heleno Nunes. Intrigado, Nelson Filho perguntou sobre o assunto. O pai respondeu com naturalidade: “Ele, Heleno Nunes, queria saber se Volta Redonda tinha um time e um estádio para participar do Campeonato Carioca e do Nacional”. O filho, curioso, perguntou: “E o que o senhor disse?” – ele respondeu de forma tranquila: “Disse que sim, que já tínhamos o time e o estádio.” Surpreso, Nelson Filho questionou, diante desse desafio: “Mas como você vai fazer isso?” E o pai, sereno, revelou: “Ele me deu 60 dias para apresentar esse projeto.” (Gonçalves Filho, 2025f)

Registro feito por Therezinha dos Santos Gonçalves
Assumpção, filha do Prefeito Nelson Gonçalves.

Em 1976, o prefeito Nelson Gonçalves fundou o Voltaço e construiu o Estádio Paulino de Oliveira com o objetivo de dar oportunidade ~~de~~ aos craques de V. Redonda.

Com a criação do Voltaço e a construção do Estádio ~~de~~ Paulino de Oliveira, meu pai, o prefeito Nelson Gonçalves sonhava em trazer grandes craques do futebol para o povo de V.R. assistir em casa.

Quando o meu pai, na década de 70, construiu o Estádio Paulino de Oliveira e fundou o Voltaço, ~~sonhava~~ ^{sonhou} em trazer grandes craques nacionais de times consagrados, pois isso só era possível vindo do Rio de Janeiro e também dar oportunidade aos novos talentos da nossa região. Mas não poderia imaginar que um dia aqui seria ~~desse~~ jogado a final do campeonato Carioca. Valeu pai. Tudo começou com a ^{1ª} ~~sua~~ ^{divisão} ~~divisão~~.

Fonte: Arquivo familiar.

E assim foi: sem recorrer a empreiteiras ou licitações tradicionais, Nelson mobilizou os recursos da própria prefeitura. Máquinas e servidores públicos trabalharam intensamente para erguer arquibancadas de madeira, instalar andaimes, preparar o campo e pavimentar o sonho.

Reconstrução do estádio sob o vapor das máquinas e
entusiasmo dos funcionários da PMVR.



Fonte: Arquivo da PMVR.

A obra ficou sob responsabilidade de seu irmão, Flávio Gonçalves, enquanto Nelson se dividia entre as vistorias e a gestão administrativa da cidade. Como destacou o *Jornal dos Sports*, a construção do estádio foi feita com “muito amor” e grande envolvimento emocional do prefeito e dos operários da cidade (*Jornal dos Sports*, 14 mar. 1976).

Dia de vistoria no Estádio Raulino de Oliveira. Nelson ao centro da foto vendo o caminhar das obras.



Fonte: Arquivo da PMVR.

O jornal ressaltava que “o Prefeito Nelson Gonçalves, no quarto de sacos de cimento, tomava decisões administrativas com a mesma precisão com que acompanhava as vigas da arquibancada” — uma imagem poderosa do engajamento pessoal do chefe do Executivo na obra (*Jornal dos Sports*, 14 mar. 1976).

A ousadia do projeto já ganhava visibilidade nos jornais da época. Conforme reportado: “Nelson dos Santos Gonçalves anunciou que Volta Redonda terá, em março de 1976, o Estádio Raulino de Oliveira e que será inscrito para participar do Campeonato Nacional” (*O Corujão*, 13 set. 1975).

Essa declaração confirma que o plano não era um impulso isolado, mas parte de uma estratégia articulada junto às instâncias esportivas nacionais. Outras matérias davam ênfase à dimensão do desafio. “Em apenas dois meses, a praça de esportes da cidade estará completamente transformada”, destacava *O Fluminense*, referindo-se

à reforma e expansão da estrutura que viraria o novo estádio (*O Fluminense*, 12 set. 1975).

O texto evidenciava ainda que “o prefeito municipal assumiu, perante a CBD, o compromisso de transformar a praça esportiva para a disputa do Campeonato Carioca”. O jornal frisava a confiança de Nelson: “o prefeito acredita que o cronograma será cumprido sem maiores dificuldades” (*O Fluminense*, 12 set. 1975).

Estádio Raulino de Oliveira já apresentando a configuração desejada pela população de Volta Redonda.



Fonte: Arquivo da PMVR.

A imprensa da época reforçou esse caráter institucional. O Jornal *O Corujão* publicou: “a Prefeitura assumirá toda a responsabilidade da obra.” (*O Corujão*, 13 set. 1975). Essa articulação com os dirigentes esportivos reforçava o caráter institucional e estratégico da fundação do Voltaço.

Já *O Fluminense* destacou: “Volta Redonda não terá apenas um estádio. Terá um clube à altura da sua gente, com organização e estrutura para representar a cidade no futebol do Rio de Janeiro” (*O Fluminense*, 12 set. 1975).

A qualidade da estrutura foi destacada inclusive pela empresa Mills, responsável pelas arquibancadas metálicas, que divulgou que o projeto foi planejado para resistir à vibração de 35 mil torcedores pulando em uníssono. “Mais segurança, conforto e economia é impossível”, dizia a publicidade institucional da empresa, que se orgulhava de ter entregado a estrutura em apenas 60 dias — um recorde para a época (*Revista Mills*, 1976).

Arquibancadas metálicas do Estádio Raulino de Oliveira, projetadas pela Mills.



Fonte: Mills (1976)

Era o início de uma epopeia esportiva e política — com prazo curto, mas ambição de gigante. O desafio dos 60 dias se tornaria um dos marcos fundadores da identidade do clube e da própria cidade.

Esse processo, contudo, não se sustentava apenas em decisões de gabinete. Era resultado também de um espírito coletivo presente na prefeitura da época,

como relatou Paulo Groke, servidor público que ingressou por concurso em 1969 e permaneceu na instituição por 52 anos. “Nelson era um paizão para os funcionários. Sempre firme, mas muito justo. Jogava bola com a gente na hora do almoço, tratava todos com respeito. A prefeitura parecia uma família”, relatou Paulo (Groke, 2025).

O depoimento revela a atmosfera de união e corresponsabilidade entre o prefeito e seus colaboradores — ambiente que foi essencial para o sucesso da empreitada. Com a prefeitura mobilizada para a construção do estádio e a organização do clube, os funcionários públicos tornaram-se operários da esperança esportiva. O envolvimento direto e humano de Nelson Gonçalves ajudava a transformar a missão institucional em projeto compartilhado de orgulho cívico.

4.3 A fundação do Voltaço: um clube com alma de aço

No dia 9 de fevereiro de 1976, a história de Volta Redonda ganhou um novo capítulo. Na sede da Federação Carioca de Futebol (FCF), representantes da cidade se reuniram para formalizar a criação de um clube que representasse o município no futebol profissional. A presença de nomes como Otávio Pinto, então presidente da FCF, e lideranças políticas e esportivas de Volta Redonda marcou o início simbólico do Volta Redonda Futebol Clube, fruto da mobilização da comunidade local.

Reunião na sede da FCF, em 9 de fevereiro de 1976, data oficial da fundação do Volta Redonda Futebol Clube. À direita, Otávio Pinto Guimarães, presidente da FCF (à direita de paletó branco) e Nelson Gonçalves (no meio).



Fonte: Arquivo da PMVR.

Na ocasião, foi lavrada a ata oficial de fundação do Volta Redonda Futebol Clube, documento que selava de forma jurídica e institucional, o nascimento da agremiação esportiva. Mais do que um texto legal, a ata representava a materialização de um símbolo coletivo — forjado no desejo de um povo e nas ambições de uma cidade moldada em aço.

Cópia da ata da fundação do Volta Redonda Futebol Clube.

Ata de Fundação do Volta Redonda Futebol Clube

Aos nove dias do mês de fevereiro de mil novecentos e setenta e seis, na sede da Federação Carioca de Futebol, reuniram-se os desportistas de Volta Redonda, abaixo assinados, que, por convite do Senhor Prefeito Municipal, resolveram, com o apoio do Clube de Regatas Volta Redonda, ex-Clube de Regatas Flamengo, e com a colaboração e apoio do Presidente, Vice-presidente e dirigentes da Associação Atlética Comercial de Volta Redonda, fundar uma nova associação desportiva com o nome de Volta Redonda Futebol Clube.

Usou da palavra o Senhor Prefeito Municipal, que propôs a fundação do Clube, o qual seria dirigido por um Presidente e um Conselho Diretor, composto pelos Presidentes e Vice-presidentes dos dois Clubes, ou seus representantes devidamente credenciados, além de dois elementos indicados pelo Executivo Municipal.

Este Conselho terá a função de elaborar o Estatuto no prazo de cinco dias e adotar as providências iniciais para a instituição da nova agremiação. Ficou entendido que a duração do Clube seria de onze meses, a contar desta data, salvo outra decisão a ser tomada pela Assembleia Geral.

Usaram também da palavra, corroborando as medidas propostas, os Senhores Presidentes do Clube de Regatas Flamengo de Volta Redonda e da Associação Atlética Comercial de Volta Redonda, o Presidente em exercício da Federação Fluminense de Desportos e o Presidente da Federação Carioca de Futebol.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual eu, Farid Feres José, secretário da reunião, lavrei a presente ata, que segue assinada por todos os participantes e fundadores do novo clube de Volta Redonda.

Assinam:

Nelson dos Santos Gonçalves – Prefeito Municipal
Guaná de Souza Rocha – Presidente do C.R. Flamengo
José Marques Simões – Presidente da A.A. Comercial
Walter Burger – Vice-presidente do C.R. Flamengo
Octávio Pinto Guimarães – Presidente da F.C.F.
Eduardo Augusto V. da Silva – Presidente em exercício da F.F.D.
Carlos Alberto Imbruglia
Maurílio Barbosa de Souza Filho
Ysnaldo dos Santos Gonçalves
José Floriano Ferreira
Ialdo João S. Coutinho
Renato José da Silva
Ronald Jarbas M. Victoria
Dário Andrade de Paula
Inácio Machado
Paulo César Gomes

Fonte: Arquivo da VRFC.

Dário de Paula, jornalista, radialista e figura emblemática da comunicação esportiva em Volta Redonda, foi testemunha ativa da fundação do clube. O comunicador revelou: “Eu ainda guardo, com orgulho, uma cópia da ata oficial daquele dia histórico” (Paula, 2025). À época, ele exercia o cargo de Diretor Social do Flamengo de Volta Redonda, clube criado por Dr. Guanayr de Souza Horts, médico da CSN e flamenguista declarado.

Desde o início, o Voltaço mostrava que era mais do que um experimento esportivo — era um projeto com ambição e visão de futuro. A escolha da comissão técnica refletia essa seriedade: nomes de peso, como Flávio Costa, que comandou a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950, davam ao clube recém-nascido a credibilidade necessária para se firmar. Ao aceitar o desafio de orientar o Volta Redonda, Flávio Costa não apenas emprestava sua experiência, mas também reforçava o compromisso de transformar o time em uma verdadeira referência desde os primeiros passos.

Reunião entre Joaquim Ramos, Dário de Paula e Nelson Gonçalves, com a comissão técnica - Paulinho de Almeida e Flávio Costa – e Ubirajara Ramos.



Fonte: Arquivo da PMVR.

Antes da fundação oficial do Voltaço, o Dr. Guanayr de Souza Horts tentou profissionalizar o Flamengo local, inscrevendo-o na Federação Fluminense de Futebol com o apoio da Associação Recreativa Atlética (ARA). A inscrição chegou a ser homologada, o que, em tese, garantiria à cidade um representante no futebol profissional. No entanto, o gesto provocou forte reação.

Foto histórica com a primeira proposta de nome do VRFC: Clube de Regatas Volta Redonda, em alusão ao Flamengo.

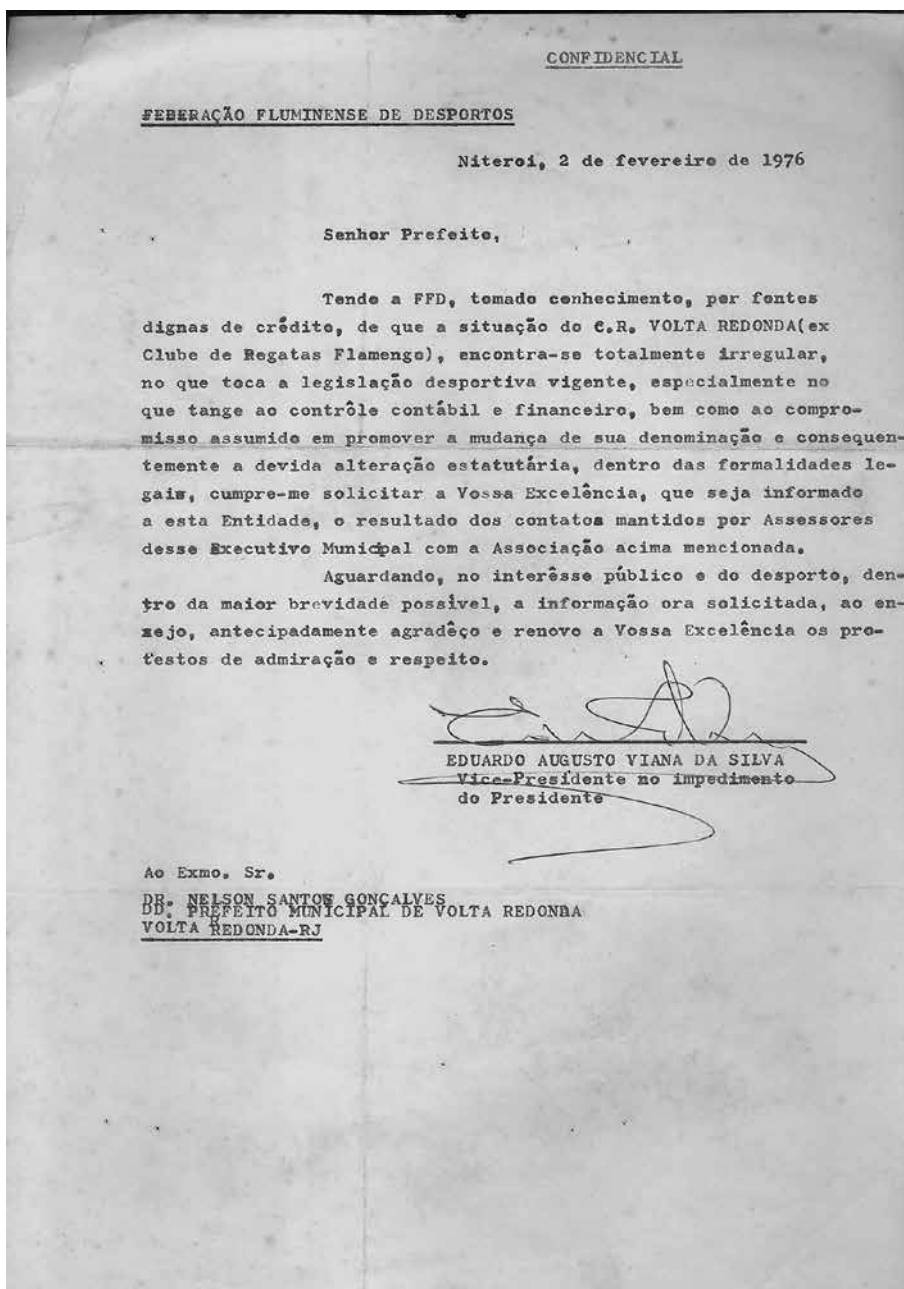


Fonte: Arquivo da PMVR.

A Associação Atlética Comercial, tradicional clube da cidade, sentiu-se preterida, enquanto torcedores e lideranças locais questionavam a legitimidade de um clube que não emergia de uma base popular. O prefeito Nelson Gonçalves posicionou-se publicamente contra em apoiar uma agremiação que não representasse toda a comunidade.

A rejeição ao chamado “Flamenguinho” ganhou contornos jurídicos e administrativos. Em 2 de fevereiro de 1976, um ofício de impugnação foi encaminhado ao município pela Federação Fluminense de Desporto, denunciando que o clube de Guanayr de Souza Horts não atendia aos critérios legais exigidos para filiação plena à entidade, apontando a ausência de registro contábil regular e de estatuto, conforme a legislação esportiva, e de respaldo financeiro transparente. Tais irregularidades inviabilizaram a continuidade do projeto e consolidaram sua exclusão formal.

Ofício que confirma a impugnação do Clube de Regatas Flamengo.



Fonte: Arquivo familiar.

Vejam o documento completo a seguir:

Documento oficial completo de desapropriação do estádio Guarani.



Fonte: Arquivo familiar.

Diante do impasse, Nelson Gonçalves iniciou articulações para fundar uma nova agremiação que fosse, de fato, representativa e viável. Em uma reunião decisiva no Rio de Janeiro, estiveram presentes lideranças como Otávio Pinto Guimarães (presidente da FCF), o almirante Heleno Nunes (presidente da CBD), além de representantes da prefeitura, da CSN, da imprensa e da sociedade civil organizada. A convocação oficial para a reunião foi assinada por 29 pessoas — entre autoridades municipais, empresários, jornalistas e lideranças comunitárias — o que reforça o caráter plural, democrático e legítimo do nascimento do Voltaço.

Nelson dos Santos Gonçalves Filho conta com bom humor que, para quem conhecia seu pai, sabia que ele estava tenso, só pelo seu semblante. “Clima de disputas” (Gonçalves Filho, 2025f). Afinal, o jogo de estreia já estava na tabela para o dia 14 de março de 1976 e ele precisava definir com urgência qual seria o time participante do campeonato.

Reunião de urgência na Federação Carioca de Futebol, Nelson Gonçalves entre Otávio Pinto Guimarães (presidente da FCF).

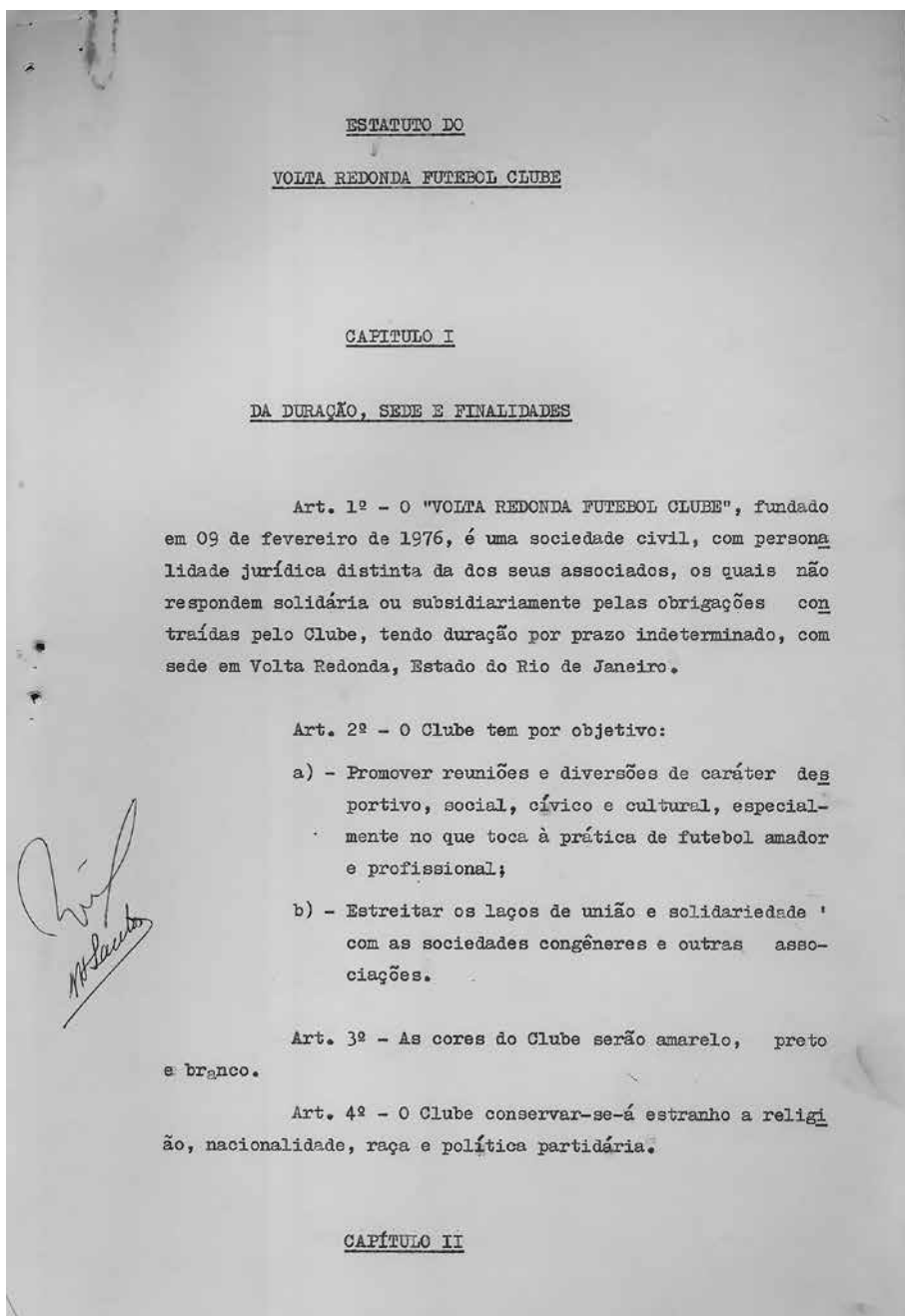


Fonte: Arquivo da PMVR.

Foi decidido que o novo clube teria estatuto próprio, a ser elaborado em até cinco dias, e que não se aproveitaria nome, sede, patrimônio ou estrutura de qualquer agremiação preexistente. A escolha do nome refletia a intenção direta e abrangente: Volta Redonda Futebol Clube.

Há relatos, inclusive mencionados por Nelson dos Santos Gonçalves Filho, de que o então Presidente Geisel teria sugerido o nome do time durante uma visita à cidade. No entanto, como essa visita ocorreu apenas em 1º de maio, o nome já estava definido oficialmente, conforme registrado no estatuto do clube. “Esses relatos são inverdades e consolidam ainda mais o feito da escolha pelo nome ser do Prefeito Nelson Gonçalves, como homenagem à população de Volta Redonda.” (Gonçalves Filho, 2025f)

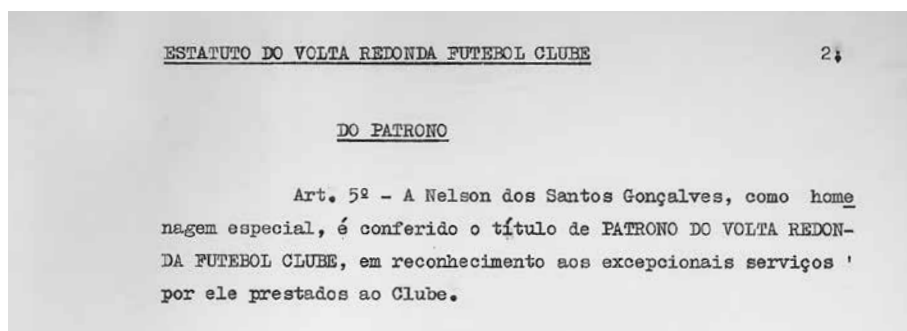
Cópia de trecho do Estatuto elaborado para o Volta Redonda Futebol Clube.



Fonte: Estatuto do VRFC (1976).

O apelido “Voltaço” brotou das arquibancadas e das ruas, como um grito de identidade. Era aumentativo de pertencimento, expressão de grandeza e símbolo de orgulho coletivo. Cada elemento — nome, escudo, cores — representava a força de uma cidade forjada no trabalho e na coragem do seu povo. E seu patrono seria Nelson Gonçalves.

Registro do Patrono do VRFC no Estatuto.



Fonte: Estatuto do VRFC (1976).

As primeiras semanas do clube foram marcadas por entusiasmo e expectativa. O *Jornal dos Sports*, em 14 de março de 1976, celebrava: “Estes são os nomes e personalidades que, generosamente, se identificaram com os fundamentos e filosofia do Volta Redonda”. Nomes como Mauro, Adécio, Paulo César, Adelmo e Valdir ilustravam esse novo começo, apresentado como “o tricolor de aço”, expressão de “esforço, confiança e amor dos seus filhos”.

Naquele fevereiro de 1976, o que nascia era muito mais que um time. Era um sentimento, uma bandeira, uma forma de resistir e de pertencer. O Voltaço surgia como reflexo direto da história, dos conflitos e da união de Volta Redonda.

4.4 O grande jogo: a vitória histórica contra o Botafogo

O dia 14 de março de 1976 amanheceu diferente em Volta Redonda. Pela primeira vez, a cidade se preparava para receber, em seu próprio campo, um dos gigantes do futebol carioca. Ainda com cheiro de cimento fresco e arquibancadas de madeira improvisadas, o Estádio Raulino de Oliveira se tornaria palco de um duelo que ultrapassaria as quatro linhas e entraria para a história do esporte.

Em suplemento especial, o *Jornal dos Sports* descreveu o dia como uma “festa da cidade” e destacou o público que lotou o estádio. A matéria ressaltava que “a Cidade do Aço amanheceu em festa”, com torcedores formando caravanas e filas para assistir à estreia do clube contra o Botafogo. (*Jornal dos Sports*, 14 mar. 1976).

Estádio Sylvio Raulino de Oliveira lotado.



Fonte: Arquivo da PMVR.

O adversário era o Botafogo, clube tradicional e multicampeão, acostumado aos grandes palcos e craques consagrados. O Volta Redonda Futebol Clube, por outro lado, estreava oficialmente no Campeonato Carioca. Era o primeiro jogo de sua existência. A lógica apontava favoritismo alvinegro, mas ela não entra em campo quando a paixão é o combustível.

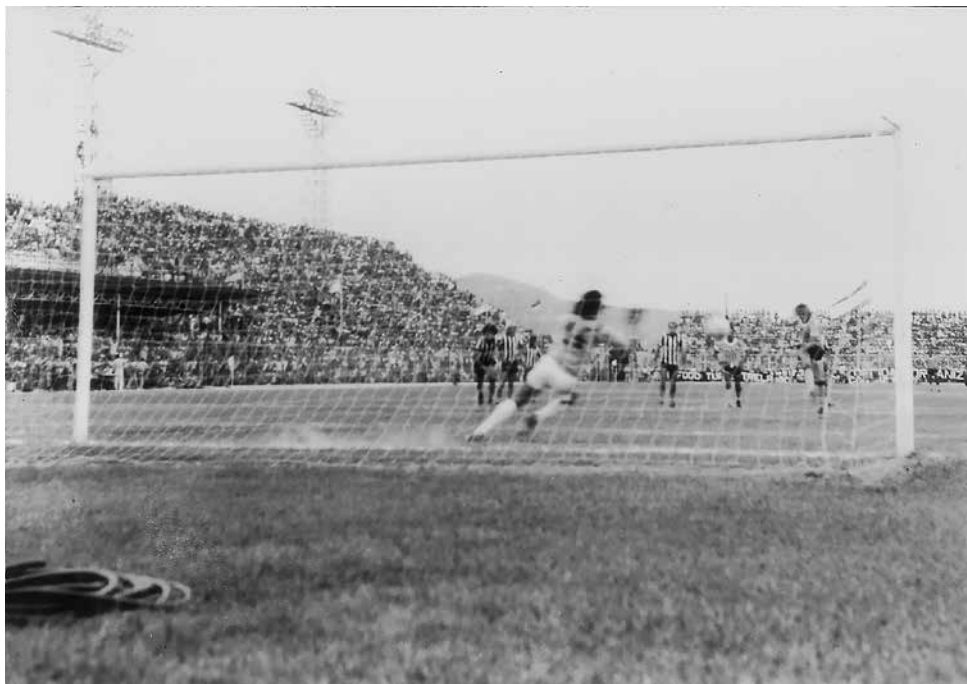
Fernando – o zagueiro do Voltaço – em lance contra o Botafogo.



Fonte: Arquivo da PMVR.

As arquibancadas estavam lotadas. Tomadas por operários, famílias inteiras, comerciantes e estudantes, todos, com olhares incrédulos, pulsavam como coração coletivo e se misturavam em um mesmo coro de expectativa. E ali, no meio de tudo, brilhou um nome que seria eternizado: **Mauro**. Em uma atuação memorável, o atacante marcou os três gols da vitória por 3 a 2. A cada bola na rede, o estádio vibrava como se a cidade inteira estivesse rompendo com o impossível.

Primeiro gol do Voltaço por Mauro num 3x2 contra o Botafogo pelo Campeonato Carioca.



Fonte: Arquivo da PMVR.

Aquela vitória foi mais do que uma estreia. Foi uma afirmação, um gesto simbólico que dizia: “estamos aqui e viemos para ficar.” Para os torcedores, não se tratava apenas de um clube vencendo um jogo. Era Volta Redonda impondo-se entre os grandes, mostrando que, mesmo sem tradição ou elenco estrelado, podia competir — e vencer.

Final do primeiro tempo. Voltaço 2 e Botafogo 0.



Fonte: Arquivo da PMVR.

A imprensa reconheceu a façanha. No dia seguinte, o jornal *O Fluminense* noticiava em letras firmes: “o Volta Redonda Futebol Clube venceu o Botafogo por 3 a 2, no Estádio Raulino de Oliveira, em partida válida pelo Campeonato Carioca. Os gols do Volta Redonda foram marcados por Mauro.” (*O Fluminense*, 15 mar. 1976).

O placar contra o Botafogo virou bordão nas ruas, memória viva nas famílias e marco identitário para o clube. Era a certidão emocional de nascimento do Voltaço. O *Jornal dos Sports* publicou extensa cobertura com imagens do estádio lotado, bandeiras nas arquibancadas e o time vibrando em campo — reforçando o impacto da vitória não apenas no esporte, mas no imaginário da cidade. A torcida, organizada em caravanas, mostrou força e mobilização, ocupando cada canto das arquibancadas com entusiasmo inédito até então.

Manchete da imprensa registrando que o improvável aconteceu.



Fonte: Arquivo familiar.

O Raulino de Oliveira, nascido a toque de caixa, ganhava alma naquele momento. Tornava-se um templo — não só esportivo, mas simbólico — onde a cidade inteira se encontrava para celebrar o que construiu com as próprias mãos (*O Fluminense*, 15 mar. 1976).

4.5 Outros momentos: a construção de uma identidade

A construção do Voltaço como clube e símbolo popular não se fez apenas com vitórias. Desde os primeiros jogos, o sentimento de pertencimento e orgulho era evidente, mesmo sem camisas oficiais ou estrutura consolidada. Em 1975, em um amistoso contra o Vasco, os jogadores do Volta Redonda entraram em campo com uniformes emprestados do Comercial, tradicional clube da cidade — um gesto que não diminuía o projeto, mas o engrandecia. O improviso virou símbolo de coragem.

Partida amistosa entre Voltaço e Vasco da Gama no Raulino de Oliveira.



Fonte: Arquivo da PMVR.

Vista por um outro ângulo do mesmo jogo.



Fonte: Arquivo da PMVR.

A comissão técnica reforçava o compromisso com a seriedade: Flávio Costa, ex-treinador da Seleção Brasileira e vice-campeão mundial em 1950, liderava o time.

Primeira comissão técnica do Voltaço com Flávio Costa.



Fonte: Arquivo da PMVR.

Ao lado de Flávio Costa, nomes como Paulinho de Almeida – técnico do time e o jogador Espanta-Neném ajudavam a esculpir uma identidade competitiva, com disciplina e propósito. O Voltaço queria ser grande — e não apenas em espírito.

Espanta-Neném (à esquerda), Nelson e Ademir (à direita) em amistoso contra o Vasco, com uniforme emprestado pelo Comercial.



Fonte: Arquivo da PMVR

Nas arquibancadas, a resposta da cidade foi imediata. Os trabalhadores que haviam ajudado a reerguer o estádio agora voltavam como torcedores. Pais levavam os filhos pela primeira vez a um jogo. Comerciantes doavam materiais, serviços e apoio. Era como se cada vitória pertencesse a todos, e cada dificuldade fosse um desafio coletivo. A torcida não foi criada — ela emergiu, espontânea, a partir do chão da cidade.

Torcida nos primeiros jogos da cidade.



Fonte: Arquivo familiar.

Logo nos primeiros jogos, esse entusiasmo já se transformava em organização. Surgia uma torcida jovem, aguerrida e apaixonada, que ajudaria a construir a identidade do clube. Ela foi fundada por Ricardo dos Santos Gonçalves e Edson “Trombada”, dois torcedores entusiastas e determinados. A primeira bandeira, inclusive, foi confeccionada por Ricardo, para ser usada no amistoso entre o Voltaço e o Vasco, em 1975.

Torcida Jovem liderada por Ricardo Santos Gonçalves, seu fundador (4º da direita para a esquerda em pé).



Fonte: Arquivo familiar.

Era comum ver cenas como esta, em que o prefeito, ao lado da população, empunhava a bandeira do time como um símbolo de pertencimento e orgulho. O gesto não era institucional — era pessoal, emocional, comunitário. E foi esse espírito coletivo que foi consolidando a imagem do Voltaço.

Nelson empunhando a bandeira junto da torcida no jogo de estreia contra o Botafogo.



Fonte: Arquivo familiar.

Havia um movimento que se tornaria símbolo da paixão pelo clube. A organização espontânea e comprometida dos jovens deu vida ao Voltaço fora das quatro linhas. A presença constante da população nos jogos revelava a rápida adesão popular ao projeto. A arquibancada se tornou um espaço de celebração coletiva — uma festa democrática do esporte local. Essa paixão era também política — no melhor sentido da palavra. A torcida reconhecia quem esteve ao lado do esporte desde o princípio. A faixa confeccionada à mão dizia tudo.

Torcida Jovem do Voltaço com a faixa “Obrigada prefeito. Incentivador do nosso esporte.”



Fonte: Arquivo familiar.

Mais do que gratidão, a mensagem revelava um entendimento coletivo de que o esporte era uma construção cidadã. O futebol, em Volta Redonda, era feito com cimento, suor e afeto. E, assim, o clube ganhava corpo e alma nos pequenos gestos: treinos em campos de terra, partidas com superação, arquibancadas cheias de trabalhadores que viam no time um espelho de suas próprias lutas.

A fundação do Volta Redonda Futebol Clube foi, para muitos moradores, um momento inesquecível — como um raio que corta o céu sem aviso. É assim que Flávio, conhecido como “Fubá da Torcida do Voltaço”, descreve sua sensação ao receber a notícia: “Foi como um relâmpago. De repente, surgiu: ‘vai ter clube!’” (Braga, 2025). A cidade parecia tomada por uma energia nova. Em cerca de 40 dias, o time foi formado, o estádio construído com trabalhadores em ritmo intenso, dia e noite. As pessoas lotavam o campo para ver os jogadores chegarem e o entusiasmo era contagiante.

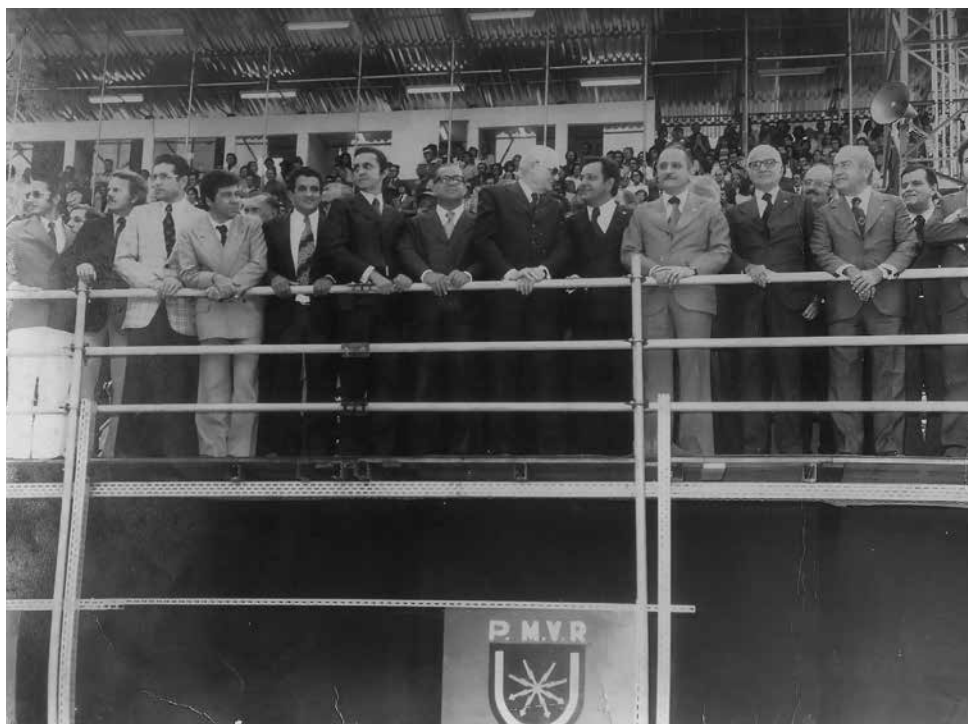
Flávio fez parte da criação da Saciaço, a primeira torcida organizada do Voltaço, formada por operários da CSN. As camisas foram feitas dentro da própria usina, com a ajuda de um pintor amigo. Mais tarde, em Salvador, onde passou a trabalhar em uma siderúrgica, conheceu o chefe da torcida do Bahia, o Loirinho, que usava buzinas de caminhão trazidas da Colômbia para animar os jogos. A ideia o inspirou. Trouxe o conceito para Volta Redonda, adaptou o som às arquibancadas locais e ajudou a moldar a identidade sonora da torcida. O nome “Fubá” crescia junto com a paixão do povo.

Mais do que torcedor, tornou-se parte viva da história do clube. Ao relembrar o papel de Nelson Gonçalves, não economiza no reconhecimento.

O Doutor Nelson foi um homem hiper corajoso. As pessoas confiavam nele: o presidente da CBD, da Federação Carioca, e, principalmente, o povo de Volta Redonda. Ele foi, é e sempre será o patrono eterno do Voltaço. Sua visão de futuro e amor pela cidade transformaram tudo (Braga, 2025).

Essa energia comunitária culminou na inauguração oficial e simbólica, como um ato cerimonial complementar frente ao governo Federal, do Estádio Raulino de Oliveira, em 1º de maio de 1976 — Dia do Trabalhador — com a presença do então presidente Ernesto Geisel, durante um jogo entre Voltaço e Flamengo (1x1).

Presidente Geisel ao lado de Nelson Gonçalves no Raulino.



Fonte: Arquivo da PMVR.

A identidade do Volta Redonda foi sendo lapidada nesses detalhes. O escudo exaltava o nome da cidade. As cores — especialmente o amarelo vibrante — homenageavam clubes locais e simbolizavam luz e presença. O apelido “Voltaço”, nascido das arquibancadas, era expressão de força e orgulho.

Mesmo em jogos menores, o time carregava a responsabilidade de representar um novo tempo. Cada passe em campo era também um passo rumo à consolidação de um clube coletivo e ambicioso. A imprensa da época reconhecia esse espírito de construção, destacando o envolvimento direto da população com o novo time.

Nelson Gonçalves, apaixonado por futebol, esteve com jogadores emblemáticos, como o lendário ponta-direita da Copa de 1970 – Jairzinho, que, em 29 de janeiro de 1977, após deixar o Cruzeiro, participou de um amistoso vestindo a camisa do Voltaço, jogando contra o Botafogo em uma partida no Raulino que terminou em 0 a 0.

Encontro de Nelson e Jairzinho que vestia a camisa do Voltaço.



Fonte: Arquivo da PMVR.

No dia 31 de março de 1976, o Volta Redonda Futebol Clube entrou em campo, pela primeira vez, no estádio do Maracanã, enfrentando o Fluminense. A partida terminou com vitória do time carioca por 2 a 1, marcando a primeira derrota do Voltaço no Campeonato Carioca daquele ano.

Na imagem, é possível ver o jogador Paulo César Caju, do Fluminense, com a camisa branca, ao lado dos atletas do Voltaço Paulo César “Espanta Neném” e Mauro, que representavam o novo clube com garra diante do gigante do futebol carioca.

Estreia do Voltaço no Maracanã.



Fonte: Arquivo da PMVR.

Até ídolos, como Pelé, se encontraram com Nelson Gonçalves, o que reforçava o estreitamento de laços simbólicos entre o clube e o imaginário nacional.

Encontro com Pelé.



Fonte: Arquivo da PMVR.

O papel da imprensa também foi essencial nesse processo de construção simbólica da imagem do Voltaço. Como reconheceu o próprio prefeito à época, os veículos de comunicação que dialogavam com o povo e com o poder público cumpriam uma missão cívica: “informavam os esforços que as autoridades constituídas têm feito para o desenvolvimento do Brasil e o bem-estar da população” (*O Corujão*, 13 set. 1975). Assim, o Voltaço era mais do que notícia — era exemplo e referência de transformação.

Esses momentos fundadores — marcados por jogos amistosos, treinamentos improvisados e camisas emprestadas — revelavam algo maior que um time: denunciavam o nascimento de uma identidade coletiva. O Voltaço se inscrevia no cotidiano de Volta Redonda como uma extensão da própria cidade. Sua formação não foi apenas esportiva — foi emocional, cultural e política. O time carregava, desde o apito inicial, o espírito da Cidade do Aço: forjado na marra, moldado pela união, movido à esperança.

4.6 Quando o sonho se veste de ouro

O nascimento do Volta Redonda Futebol Clube foi mais do que a criação de um time de futebol. Foi a concretização de um desejo coletivo de pertencimento, orgulho e afirmação. Cada martelada nas arquibancadas de madeira, cada facho de luz dos refletores recém-instalados, cada chute nos campos de terra e cada grito vindo das arquibancadas traduziam a formação de um símbolo: o Voltaço.

Refletores do Raulino de Oliveira após a reforma.



Fonte: Arquivo da PMVR.

Sob a liderança de Nelson Gonçalves e o esforço incansável de trabalhadores, servidores e apaixonados por futebol, a Cidade do Aço deu vida a um clube que, desde os seus primeiros dias, mostrou-se maior do que qualquer estrutura física. Detalhes aparentemente simples estavam carregados de sentido, emoção e memória.

Nelson Gonçalves acompanhando treino do Voltaço com a população.



Fonte: Arquivo familiar.

O Voltaço não nasceu para ser coadjuvante. Sua origem foi marcada pela urgência do calendário, mas conduzida com a serenidade de quem sabia que a fundação do clube era algo muito maior do que onze jogadores em campo. Representava um legado de coragem de uma cidade que decidiu escrever sua própria história nos gramados do estado do Rio de Janeiro e que teve como protagonista seu patrono: Nelson Gonçalves, que não se limitava a ficar fora do campo.

Entre os episódios marcantes, houve até um jogo simbólico entre artistas da Globo e veteranos da cidade, em que Nelson jogou pelo Voltaço, ao lado de outros funcionários da prefeitura, um retrato vívido da integração entre o clube, seu prefeito e a comunidade.

Nelson Gonçalves, pelos veteranos do Voltaço, em amistoso contra o time da TV Globo.



Fonte: Arquivo familiar.

Jogo do Voltaço com artistas da Globo. Nelson Gonçalves no centro (agachado).



Fonte: Arquivo PMVR.

Ao recordar esse percurso, Dário de Paula compartilhou uma lembrança que resume bem a força política e o carisma de Nelson Gonçalves: “Na eleição em que foi escolhido vice-prefeito, Nelson teve mais votos que os dois outros vices e três prefeitos somados.” (Paula, 2025)

Essa confiança popular também se traduziu na construção do estádio, no suor das obras, no entusiasmo das arquibancadas e no orgulho de um povo que viu no Voltaço o reflexo da sua própria trajetória.

O sonho se vestiu de ouro. E, nas tardes de domingo, continua reluzindo nos cantos da arquibancada e no coração de quem acredita que o impossível só precisa de vontade de um líder como Nelson Gonçalves, união — e camisa amarela e preta — para acontecer.

Posfácio

Gostaria de registrar, com grande respeito e admiração, o legado do Doutor Nelson dos Santos Gonçalves, figura essencial na história de Volta Redonda e cuja trajetória se entrelaça com o desenvolvimento social, urbano e educacional da nossa cidade.

Homem de coragem, visão e compromisso público, doutor Nelson foi mais do que um líder político: foi um verdadeiro construtor do futuro. Sua atuação firme, sensível e sempre voltada para o bem comum deixou marcas profundas — não apenas nas obras físicas que transformaram Volta Redonda, mas sobretudo na memória afetiva e no coração das pessoas que com ele conviveram.

É impossível falar sobre o crescimento da nossa cidade sem reconhecer sua contribuição para a criação de condições que permitiram o florescimento de instituições como a própria FOA, mantenedora do UniFOA, cuja fundação em 1967 — com o pioneirismo do curso de Medicina — marcou um novo tempo para a educação superior na região. Doutor Nelson compreendia o papel estratégico da educação como pilar de desenvolvimento, e, nesse sentido, sua visão se alinhava aos ideais que moldaram a missão da FOA.

Hoje, ao celebrarmos e resgatarmos a história de homens públicos como Nelson Gonçalves, também reafirmamos os valores que sustentam o trabalho da FOA: compromisso social, valorização da educação e respeito ao cidadão.

Deixo aqui minha homenagem a esse homem que fez da política uma forma de servir — e cuja lembrança continua nos inspirando a construir uma Volta Redonda mais justa, digna e humana.

Eduardo Guimarães Prado
Presidente da Fundação Oswaldo Aranha (FOA)

Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição Vicente de. **Cidade, política e memória: o quebra-quebra das barcas em Niterói, RJ – 1959**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

ALVES, Manoel. O mais carismático político que Volta Redonda já teve. [Entrevista concedida a] Angélica Arieira, Arthur Ramos, Felipe Esteves Duque, Gabriel Uehara e Maria Spolidoro. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 14 maio 2025. Entrevista [gravação].

ALVES, Lídia Costa. Ninguém contra ele. [Entrevista concedida a] Angélica Aparecida Silva Arieira. **UniFOA**. Jornalismo, Volta Redonda, 29 mai. Entrevista [gravação]

APELA também para a Justiça o prefeito de Volta Redonda. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 3 fev. 1960, edição 12.089, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&Pesq=%22C%c3%a9sar%20Lemos%22&pagfis=1007 Acesso em: 10 abr. 2025.

ASSESSORIA de Comunicação, Divulgação e Turismo: Administração Nelson Gonçalves é uma realidade. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 27 out. 1973.

BARBOSA, Ioná Souza. **Reflexos do amanhã: ocupações urbanas e resiliência social em Volta Redonda Brasil**. 2024. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2024.

BASILE, Rodrigo. A revolta das Barcas Rio-Niterói. **Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, 22 maio 2020. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/revolta-barcas-rio-niteroi>. Acesso em: 26 jun. 2025.

BRAGA, Flávio Augusto Rosa (Fubá). O eco das arquibancadas e da memória popular de Volta Redonda. [Entrevista concedida a] Arthur Ramos, Douglas Baltazar Gonçalves, Gabriel Uehara e Ivanete da Rosa Silva de Oliveira. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 2 jul. 2025. Entrevista [gravação].

CÂMARA abrirá inquérito contra prefeito de Volta Redonda, **O Jornal**, Rio de Janeiro, 30 dez. 1959. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22C%C3%89SAR%20LEMO%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=140 Acesso em: 10 abr. 2025.

CÂMARA de Volta Redonda vai decidir a sorte do prefeito. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 3 fev. 1960, n. 12.089. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22Cesar%20Lemos%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1013 Acesso em: 10 abr. 2025.

CÂMARA MUNICIPAL DE VOLTA REDONDA. **Generalidades históricas**.

Disponível em: <https://www.voltaredonda.rj.leg.br/institucional/historia/historia-camara/generalidades-historicas>. Acesso em: 5 maio 2025.

CARMEM Miranda será tema do carnaval - 76 em VR. **A Voz da Cidade**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 16 jan. 1976.

CARVALHO, Nelson Rojas de. Urban politics in Brazil and the US: state, economic actors and local development scenarios. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 19, n. 39, p. 583-608, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=402852160010>. Acesso em: 20 maio 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2017-3910>.

COM APOIO municipal, a III Feira da Primavera foi sucesso em V. Redonda. **A Gaivota**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 5 out. 1974.

CONTINUA a greve em Volta Redonda. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 22 dez. 1959, edição 12.054, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=82220 Acesso em: 10 abr. 2025.

COSTA, Alkindar. **Volta Redonda Interativa**: ontem e hoje. Volta Redonda: Ideia Central, 1999. CD-ROM.

DE LUTO a U.F.E.: falecimento do acadêmico Walter dos Santos Gonçalves. **O Fluminense**, Niterói, p. 3, 23 maio 1959. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=100439_09&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=15981. Acesso em: 21 jun. 2025.

DINIUS, Oliver. **Brazil's steel city**: developmentalism, strategic power, and industrial relations in Volta Redonda, 1941-1964. Stanford: Stanford University Press, 2010.

DIRETOR protesta contra o massacre do estudante. **Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 3, 29 maio 1959. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&pesq=%22walter%20dos%20santos%20gon%C3%A7alves%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=55018>. Acesso: 21 jun. 2025.

DOIS dias de festa e inauguração. **A Voz da Cidade**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 24 jul. 1976.

EM ESTUDO o impeachment do prefeito de Volta Redonda. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 24 jan. 1960, edição 12.081, p. 16. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22C%C3%89SAR%20LEMO%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=140. Acesso em: 10 abr. 2025.

EM QUATRO meses o prefeito Nelson Gonçalves realizou obras correspondentes a 1 ano de administração. **A Voz do Povo**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 30 jun. 1973.

FERNANDES, Marlene. **Volta Redonda: Imaginários, Memória e Identidades**. 2001. 115p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

FERNANDES, Sérgio. Carta manuscrita de condolência aos familiares de Nelson Gonçalves. 2 folhas. Manuscrito. Volta Redonda: Acervo da família Gonçalves, 19 set. 1986.

FORA interferir visando ao término da brutal chacina. **O Fluminense**, Niterói, p. 1, 24 maio 1959. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=100439_09&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=15981. Acesso: 21 jun. 2025.

FUNDAÇÃO Beatriz Gama: orgulho de um governo. **A Voz da Cidade**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 5 ago. 1975.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GONÇALVES FILHO, Nelson dos Santos. Onde a história começa. [Entrevista concedida a] Angélica Arieira. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 18 fev. 2025. 2025a. Entrevista [gravação].

GONÇALVES FILHO, Nelson dos Santos. A infância e a juventude. [Entrevista concedida a] Angélica Arieira. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 19 fev. 2025. 2025b. Entrevista [gravação].

GONÇALVES FILHO, Nelson dos Santos. As surpresas felizes e tristes. [Entrevista concedida a] Angélica Arieira, Arthur Moreira e Gabriel Uehara. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 13 mar. 2025. 2025c. Entrevista [gravação].

GONÇALVES FILHO, Nelson dos Santos. O legado familiar. [Entrevista concedida a] Angélica Arieira, Arthur Moreira e Gabriel Uehara. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 9 abr. 2025. 2025d. Entrevista [gravação].

GONÇALVES FILHO, Nelson dos Santos. Memórias de bastidores: a entrada de Nelson na política pelas palavras do filho. [Entrevista concedida a] Fabíola Amaral Tomé de Souza. Volta Redonda, 9 maio 2025. 2025e. Entrevista [gravação e transcrição em arquivo particular].

GONÇALVES FILHO, Nelson dos Santos. Derrota de Nelson Gonçalves no processo eleitoral de 1985. [Entrevista concedida a] Arthur Ramos, Gabriel Uehara e Maria Aparecida Rocha Gouvêa. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 16 jun. 2025. 2025f. Entrevista [gravação].

GONÇALVES FILHO, Nelson dos Santos. História do Voltaço. [Entrevista concedida a] Arthur Ramos, Felipe Esteves Duque, Gabriel Uehara e Ivanete da Rosa Silva de Oliveira. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 16 maio 2025. 2025g. Entrevista [gravação].

GONÇALVES FILHO, Nelson dos Santos. **Coletânea de fotografias da família Gonçalves**. Arquivo familiar. Volta Redonda, RJ, 2025. [fotografias].

GONÇALVES, Aline Kruschewsky dos Santos. A bicicletinha mágica. [Entrevista concedida a] Arthur Moreira e Gabriel Uehara. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 8 maio 2025. Entrevista [gravação].

GONÇALVES, Nelson dos Santos. **Discurso de posse como vice-prefeito de Volta Redonda**. [manuscrito]. Volta Redonda, 1959. [Arquivo particular da família Gonçalves].

GONÇALVES, Nelson Kruschewsky dos Santos; ASSUMPÇÃO, Thiago dos Santos Gonçalves. A responsabilidade de um nome. [Entrevista concedida a] Angélica Arieira. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 6 maio 2025. Entrevista [gravação].

GONÇALVES, Ricardo dos Santos. O pai sacana e parceiro. [Entrevista concedida a] Angélica Arieira, Arthur Moreira e Gabriel Uehara. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 7 maio 2025. Entrevista [gravação].

GOVERNO estadual deve quase 160 milhões a Volta Redonda. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 22 dez. 1959, edição 12.054. p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=82220 Acesso em: 10 abr. 2025.

GROKE, Paulo. Nelsista com toda certeza. [Entrevista cedida a] Angélica Arieira e Arthur Ramos **UniFOA**, Jornalismo, Estúdio FOA, Volta Redonda, 5 maio 2025. Entrevista [gravação].

GUARANI ESPORTE CLUBE. **Ofício ao Prefeito Municipal de Volta Redonda sobre uso do Estádio Sylvio Raulino de Oliveira**. Volta Redonda, 11 set. 1975. Arquivo pessoal da família Gonçalves. [Documento digitalizado].

HILL, Maurício. **Volta Redonda vive clima de festa e prepara estádio**. Santa Fé, 1975. Recorte de jornal. [Acervo pessoal].

IMPEACHMENT do prefeito de Volta Redonda: povo sambou depois da decisão dos vereadores. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 10 fev. 1960, edição 12.095, p.5. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22Cesar%20Lemos%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1224 Acesso em: 10 abr. 2025.

J. J. & J. FLAGRANTES. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 set. 1958. Edição 20089. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=%22C%C3%89sAR%20LEMOs%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=96621. Acesso em: 22 jun. 2025.

LAMARÃO, Cláudio. **Volta Redonda**: o sonho do aço, a cidade do trabalho. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1990.

MATEUS, Aloísio Alves (Mexerica). 50 anos de lealdade à cidade e ao legado de Doutor Nelson. [Entrevista concedida a] Arthur Ramos, Douglas Baltazar Gonçalves, Gabriel Uehara e Ivanete da Rosa Silva de Oliveira. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 2 jul. 2025. Entrevista [gravação].

MÉDICI vai inaugurar ponte em Volta Redonda. **Diário de Notícias**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 24 set. 1974.

MENSAGEM do Prefeito Nelson dos Santos Gonçalves. **A Voz da Cidade**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 31 jan. 1977.

MERCEARIAS NACIONAIS; SUPERMERCADO MERCI. **Homenagem ao Prefeito Nelson dos Santos Gonçalves**. Rio de Janeiro: Volta Redonda: vídeo de veiculação restrita, 1961.

METCALF, Bruna Paiva Gonçalves. O discurso de orgulho e amor. [Entrevista concedida a] Angélica Arieira, Arthur Moreira e Gabriel Uehara. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 8 maio 2025. Entrevista [gravação].

MICHELONI, Valdemir (Tio Mica). A lealdade inabalável de Nelson Gonçalves aos interesses da cidade. [Entrevista concedida a] Arthur Ramos. **UniFOA**, Jornalismo, Volta Redonda, 4 jul. 2025. Entrevista [gravação].

MILLS. **Revista Mills**. Rio de Janeiro: Mills Estruturas Metálicas, 1976. [Publicidade institucional].

MINISTRO Severo Gomes abre as comemorações do 20º aniversário de Volta Redonda. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 6 jan. 1974.

MOREIRA, Edir Maurício (Coord.). **Nelson Gonçalves: o mestre das grandes obras**. Volta Redonda, RJ: Editora Valença, 2004. 74p.

MOREL, Regina Lúcia de Moraes. **A Ferro e Fogo – Construção e Crise da “Família Siderúrgica”: o caso de Volta Redonda (1941 – 1988)** 1989. 506p. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

NELSON anuncia novas inaugurações em V. Redonda. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 5 jun. 1976.

NELSON aumenta servidor em janeiro. **O Fluminense**, Niterói, Rio de Janeiro, 2 out. 1973.

NELSON concederá aumento de 30% ao funcionalismo de V. Redonda. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro 16 nov. 1974.

NELSON construirá mais duas pontes sobre o Rio Paraíba. **O Corujão**, Volta Redonda, RJ, 9 de junho de 1973.

NELSON cria comissões de valorização do trabalhador e de concursos. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 5 abr. 1975.

NELSON decretou aumento para as professoras. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 23 jun. 1973.

NELSON diz o que fez. **Sul do Estado**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 8 jun. 1973.

NELSON foi homenageado pelos servidores municipais. **O Corujão**, Volta

Redonda, Rio de Janeiro, 14 fev. 1976.

NELSON Gonçalves aplicou mais de Cr\$ 1 bilhão em energia elétrica. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 8 mar. 1975.

NELSON GONÇALVES aumenta frota de viaturas de Volta Redonda. **Sul do Estado**, Volta Redonda, Rio de Janeiro 3 out. 1974.

NELSON Gonçalves comemora 1º aniversário com grandes conquistas. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 26 jan. 1974.

NELSON Gonçalves firmou convênio PS – INPS. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 15 maio 1976.

NELSON Gonçalves moderniza o Hospital São João Batista. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 24 maio 1975.

NELSON homenageou funcionalismo municipal. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 2 nov. 1974.

NELSON inaugurou nova iluminação da Praça Castelo Branco. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro 26 out. 1974.

NELSON inaugurou rede de água tomando um banho. **O Fluminense**, Niterói, Rio de Janeiro, 17 jul. 1973.

NELSON inicia plantões nos bairros. **O Fluminense**, Niterói, Rio de Janeiro, 15 jan. 1975.

NELSON sai às ruas e abre diálogo com o povo. **O Fluminense**, Niterói, Rio de Janeiro, 8 jun. 1973.

NELSON: Beira Rio recebe obras de infra-estrutura. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 10 ago. 1974.

NELSON: Vacinação contra meningite em Volta Redonda. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 22 fev. 1975.

NELSON: VR ganha mais sinais luminosos. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 25 maio 1974.

NELSON: VR terá Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 2 fev. 1974.

NORMAS de segurança para os servidores de Volta Redonda. **Sul do Estado**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 15 nov. 1974.

O MAIS lindo monumento à Bíblia foi inaugurado em Volta Redonda. **Conforto**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 8 jul. 1976.

OBRAS municipais modernizam e criam novas opções viárias em Volta Redonda. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 15 abr. 1974.

OPOSIÇÃO elogia Nelson e Flávio Gonçalves. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 15 mar. 1975.

PACHECO, Beatriz. **A Construção do Discurso Nacionalista: Volta Redonda - da Modernidade Sólida à Líquida**. 2001. 115p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

PAIVA, Aurélio. Documento secreto revela por que Volta Redonda sofreu intervenção política. **Diário do Vale**. Volta Redonda, Rio de Janeiro, 26 jul. 2015. Disponível em: <https://diariodovale.com.br/colunas/documento-secreto-revela-por-que-vr-sofreu-intervencao-politica/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

PANTALEÃO aplaude decisão do prefeito. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 10 maio 1975.

PASSARELA - festa para o povo. **A Voz da Cidade**, Volta Redonda, Rio de Janeiro 12 out. 1974.

PAULA, Dário de. O surgimento de uma paixão. [Entrevista concedida a] Arthur Ramos e Gabriel Uehara. **UniFOA**, Jornalismo. Volta Redonda, 19 maio 2025. Entrevista [gravação].

PINTO, Iram Natividade. O médico do povo. [Entrevista concedida a] Angélica Arieira e Arthur Ramos. **UniFOA**, Jornalismo, Estúdio FOA, Volta Redonda, 5 maio 2025. Entrevista [gravação].

POVO em Volta Redonda pede o afastamento do prefeito. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 23 dez. 1959, edição 12.053, p. 10. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=82256. Acesso em: 10 abr. 2025.

POVO quer depor prefeito que mandou matar o líder sindical. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 18 jan. 1960, n. 2.930. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&pesq=%22C%C3%89SAR%20LEMO%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=59094>. Acesso em: 21 jun. 2025.

PREFEITO assina novo convênio com o Mobral. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 24 ago. 1974.

PREFEITO concede 45% de aumento a todo o funcionalismo. **O Fluminense**, Niterói, Rio de Janeiro, 3 out. 1976.

PREFEITO de Volta Redonda vai ser afastado do cargo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 30 mar. 1960, edição 12.135, p. 8. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&Pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pagfis=2734 Acesso em: 10 abr. 2025.

PREFEITO elogia o VII Festival do Umuarama. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 20 out. 1973.

PREFEITO foragido: o ódio e o desejo de vingança dos trabalhadores. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 19 jan. 1960, edição 12.076, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&Pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pagfis=2734

br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=542 Acesso em: 10 abr. 2025.

PREFEITO no júri do VII Festival de Música Popular. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 6 out. 1973.

PREFEITO retornou prometendo pagar. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 30 dez. 1959, edição 12.060, p. 3. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pesq=%22C%C3%A9sar%20Lemos%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=82447. Acesso em: 10 abr. 2025.

PREFEITO tem cinco dias de prazo para fazer a sua defesa. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28 jan. 1960, edição 12.084, p. 7. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22Cesar%20Lemos%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=787 Acesso em: 10 abr. 2025.

PREFEITURA faz “raio x” de V.R. **O Fluminense**, Niterói, Rio de Janeiro, 11 dez. 1974.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VOLTA REDONDA. **Coletânea de fotografias do governo Nelson Gonçalves**. Arquivo institucional. Volta Redonda, RJ, 1973. [fotografias].

RÁDIO NACIONAL. **Homenagem ao Ex-prefeito Nelson dos Santos Gonçalves**. [gravação de programa de rádio]. Volta Redonda: vídeo de veiculação restrita, 1987.

REALIZAÇÕES de Nelson Gonçalves marcaram o 20º aniversário de VR. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 13 jul. 1974.

REVOLTA DAS BARCAS, em Niterói, completa 60 anos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 maio 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/revolta-das-barcas-em-niteroi-completa-60-anos-23701860>. Acesso em: 26 jun. 2025.

RUSH de obras inauguradas e outras em acelerado andamento promove administração municipal. **A Cidade do Aço**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 18 jul. 1974.

SANTANA, Marco Aurélio; MOLLONA, Massimiliano. Trabalho e ação coletiva: memória, espaço e identidade sociais na Cidade do Aço. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 125-148, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/nrg7g9jCXbtZsMQSZJbBZJh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 maio 2025.

SANTOS, Valéria Braga dos. CSN e Volta Redonda: Planejamento Urbano e Regional numa perspectiva histórica. **Anais do Simpósio Latino-Americano de Estudos de Desenvolvimento Regional**, IJUÍ - RS - BRASIL, v. 2, n. 2, 2021. P. 1-16. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/slaedr/article/view/21127>. Acesso em: 18 maio 2025.

SERÁ declarada vaga a função de prefeito em Volta Redonda. **O Jornal**, Rio

de Janeiro, 21 jan. 1960, edição 12.078. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22Cesar%20Lemos%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=579 Acesso em: 10 abr. 2025.

SERVIÇO odontológico da PMVR atendeu 27 mil pacientes em 74. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 18 jan. 1975.

SILVA, Eduardo Ângelo da; SILVA, Leonardo Ângelo da. Industrialização, urbanização e formação de classe em Volta Redonda (1945-1979): do fim do Estado Novo aos tempos da ditadura. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 86-113, 2022. DOI: 10.5007/1984-9222.2011v3n5p86. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2011v3n5p86>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SILVA, Leonardo Ângelo da. **Industrialização, relações de classe e participação política: da criação da CSN à emancipação de Volta Redonda (1941-1954)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar, Programa de Pós-Graduação em História, Nova Iguaçu, 2010.

SOUZA, Cláudia Virgínia Cabral de. **Pelo Espaço da Cidade: aspectos da vida e do conflito urbano em Volta Redonda**. 1992. 183p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

TÉCNICOS anunciam mudança total no trânsito de Volta Redonda. **O Fluminense**, Niterói, Rio de Janeiro, 16 jun. 1973.

UM ESTÁDIO construído com muito amor. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 14 mar. 1976.

VIANNA, Sílvia Regina Alves. Resumo da história de vida de Nelson. [Entrevista cedida a] Angélica Aparecida Silva Arieira. **UniFOA**. Jornalismo, Volta Redonda, 5 jun. Entrevista [gravação]

V. REDONDA tem Conselho Municipal de Esportes. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 17 jan. 1976.

VOLTA REDONDA assistiu o melhor desfile escolar. **Sul do Estado**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 13 set. 1974.

VOLTA REDONDA cidade limpa e iluminada. **Sul do Estado**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 30 ago. 1974.

VOLTA REDONDA estreia com vitória. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 14 mar. 1976. [Suplemento esportivo].

VOLTA REDONDA FUTEBOL CLUBE (VRFC). **Ata de fundação**. Rio de Janeiro: Federação Carioca de Futebol, 9 fev. 1976. 1 documento manuscrito. [Arquivo pessoal da família de Nelson Gonçalves].

VOLTA REDONDA terá estádio municipal. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 13 set. 1975.

VOLTA REDONDA vence o Botafogo por 3 a 2. **O Fluminense**, Niterói, Rio de Janeiro, 15 mar. 1976.

VOLTA REDONDA vive clima de festa e prepara estádio. **O Fluminense**, Niterói, Rio de Janeiro, 12 set. 1975.

VOLTA REDONDA: ano 22. **O Globo**, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 17 jul. 1976.

VR cresce em ritmo de Brasil grande. **O Corujão**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 27 nov. 1976.

VR tem 44 frentes de obras em 27 bairros. **Sul do Estado**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 29 out. 1976.

VR: Fazenda dá redução de 50% nos impostos. **Sul do Estado**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 29 out. 1976.

VR: jogos universitários começam hoje às 20 horas. **A Voz da Cidade**, Volta Redonda, Rio de Janeiro, 31 maio 1973.

SOARES, Paulo Célio. **Encontros e confrontos na frágua: Igreja, esquerdas e militares em Volta Redonda (1967-1979)**. 2019. 231 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019.

VEREADORES de Volta Redonda pedem deposição do prefeito. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 31 jan. 1960, edição 12.093, p. 18. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22Cesar%20Lemos%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1108 Acesso em: 10 abr. 2025.

Vozes que ecoam o nome de Nelson Gonçalves

“Temos uma pressão grande para entregar à cidade e às pessoas tudo que ele entregou. Eu nunca seria capaz.”

Bruna Paiva Gonçalves Metcalf (neta)

“Meu pai era meu ídolo. Muito preocupado conosco. Um paizão, presente em todas as possibilidades.”

Ricardo Gonçalves (filho)

“A foto do meu avô pendurada aqui na prefeitura me faz lembrar de toda a responsabilidade que ele teve com a população e como devemos segui-lo.”

Thiago Assumpção (neto)

“Eu era muito pequeno, não participei do velório, mas lembro de ter ouvido que havia 10 mil pessoas no cortejo do caminhão de bombeiros. Não há comparação que eu me lembre de comoção tão grande na cidade”.

Nelsinho Gonçalves (neto)

“Ele tinha uma característica muito boa. Ele conseguia pensar grande, no maior, no melhor para a cidade.”

Iran Natividade (amigo)

“Nelson deixou uma marca, fez a união do funcionalismo. Trouxe o ser humano que era como médico para a administração pública. Fez uma revolução em Volta Redonda.”

Paulo Groke (ex-funcionário e amigo de Nelson)

“Talvez tenha sido o político mais carismático que Volta Redonda já teve. Ele era aceito por todos os lados. Era um conciliador. Convivia bem tanto com a situação como com a oposição. Para além da política, era uma pessoa de coração enorme.”

Manoel Alves (último jornalista a entrevistar Nelson Gonçalves)

“Trouxe a buzina da Colômbia pra arquibancada de Volta Redonda, mas quem dava o som mais alto mesmo era o Doutor Nelson. Ele fez o povo vibrar com orgulho da cidade.”

Flávio Augusto Rosa Braga - “Fubá” (torcedor histórico do VRFC)

“Ele via lá na frente. Tinha visão de águia. Foi o melhor prefeito para o funcionalismo. Tratava a gente com respeito, com carinho. Preparou a cidade para o futuro.”

Aloísio Alves Mateus - “Mexerica” (funcionário público e amigo de Nelson)

“Recusou dinheiro, recusou vantagem. Disse: ‘tudo que for contra Volta Redonda, eu não faço acordo com ninguém’. Arrepiei. Era um homem leal, de princípios. Tive orgulho de ser amigo dele.”

Valdemir Micheloni - “Tio Mica” (comunicador e amigo pessoal)

“Nelson Gonçalves deixou um legado tão importante e tão positivo que acompanhará Volta Redonda ao longo de toda sua história. Era, sobretudo, um realizador, que sempre colocou nossa cidade em primeiro plano. Defendeu nossos interesses com retidão inabalável, tornando-se um exemplo a ser seguido por todos aqueles que vieram depois dele.”

Antônio Francisco Neto (prefeito de Volta Redonda)

“Resumindo, se é que pode resumir a história de vida de Nelson, ele foi um ótimo marido, excelente pai. Um amigo incrível, excelente médico, político. [...] E pena que ele nos deixou tão cedo, deixou saudades grandes.”

Sílvia Regina Alves Vianna (prima e afilhada de Gecy Vieira Gonçalves, esposa de Nelson)

“Sempre uma pessoa educada, bem tratável. Pessoa bem-querida de todos. Era atencioso. Carinhoso com todo mundo. Ninguém tinha nada contra ele.”

Lídia Costa Alves (cunhada de Nelson)

“Aprendi a respeitá-lo fazendo-lhe oposição; e com o tempo fui compreendendo o porquê do grande carinho que desfrutava junto à população de Volta Redonda, especialmente entre os humildes. Sua imensa vocação política...”

Sérgio Fernandes (presidente do PDT, em carta manuscrita de condolências aos familiares de Nelson Gonçalves)



Leia a carta na íntegra:

Galeria de fotos

Família Gonçalves: pais, irmãos e cunhados. As crianças:
Nelson Filho e Marildinha. Niterói (1956).



Fonte: Arquivo familiar.

Em pé, Nelson Gonçalves, D. Gecy, irmãos de Nelson, Reinaldo, Eder. Sentados, irmão Wayner, Ricardo Gonçalves, Nelson Filho, Waltinho (filho do irmão Walter), D. Perpétua Gonçalves e Marildinha (filha do irmão Walter) (1960).



Fonte: Arquivo familiar.

Nelson Gonçalves palestrando no Centro de Estudos Paulo Mendes.



Fonte: Arquivo familiar.

D. Agnelo Rossi, Nelson Gonçalves e freira do Colégio Rosário (1º governo).



Fonte: Arquivo familiar.

Discurso de posse como vice-prefeito (1959).



Fonte: Arquivo familiar.

Nelson Gonçalves e Juscelino Kubistschek (1960).



Fonte: Arquivo familiar.

Aniversário de Nelson Gonçalves. Da esquerda para direita, Vereador Silvestre Rosa, Alindar da Costa, Nelson Gonçalves e Antonieta Bastos (1º governo).



Fonte: Arquivo PMVR.

Transmissão de cargo para o novo prefeito João Pio. Da esquerda para direita, Vereador Francisco Maciel, Francisco Torres, João Pio, Nelson Gonçalves, Olívio José e Nélio Andrade (1963).



Fonte: Arquivo PMVR.

Da esquerda para direita, Marechal Lott e Nelson Gonçalves.



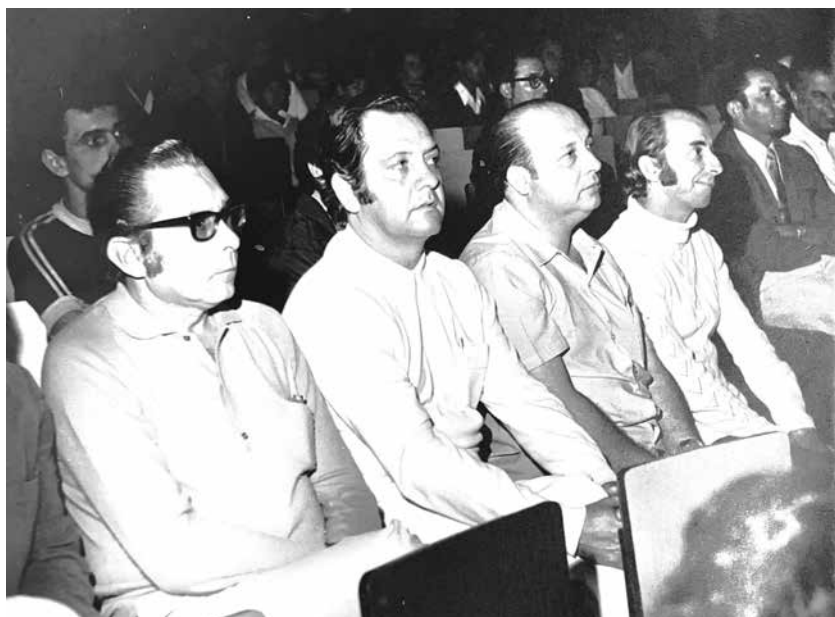
Fonte: Arquivo familiar.

Foto da família. Da esquerda para direita, Luciana Ribeiro, Ricardo Gonçalves, D. Gecy, Nelson Gonçalves e Therezinha Gonçalves (1968).



Fonte: Arquivo familiar.

Figura 181 – Reunião de Campanha: José Augusto da Costa (vice-prefeito), Nelson Gonçalves, Deputado Federal Moacyr Chiesse e Alfredo Bougleux (1972).



Fonte: Arquivo familiar.

Comício na campanha para prefeito (1972).



Fonte: Arquivo familiar.

Comemoração da vitória, na sala de sua casa. Da esquerda para direita, Natalino José Dias, Nelson Gonçalves e Sebastião Vidigal (1972).



Fonte: Arquivo familiar.

Dia da Vitória, Recreio do Trabalhador, 2º governo (1972).



Fonte: Arquivo familiar.

Comemoração da vitória (2º governo) - Recreio dos Trabalhadores (1972).



Fonte: Arquivo familiar.

Dia da posse: José Augusto, vice-prefeito e, prefeito Nelson Gonçalves (1973).



Fonte: Arquivo PMVR.

Transmissão de cargo para prefeito Nelson Gonçalves. Da esquerda para direita, Dr. Walter Bürger, Iran Natividade, Nelson Gonçalves, Therezinha Gonçalves, D. Gecy (1973).



Fonte: Arquivo PMVR.

Inauguração da Sede do SAAE. Da esquerda para direita: Luís Carlos de Almeida, Ysnaldo Gonçalves e Nelson Gonçalves (1974).



Fonte: Arquivo PMVR.

Nelson Gonçalves no Programa Aerton Perlingeiro (1974).



Fonte: Arquivo familiar.

Nelson Gonçalves e o senador Paulo Torres (1974).



Fonte: Arquivo PMVR.

Local escolhido para construir a ponte Presidente Médici (atual D. Valdir Calheiros). Na foto, Paulo César Alves, Secretário de Obras, Nelson Gonçalves e motorista Milton (1974) .



Fonte: Arquivo PMVR.

Em primeiro plano, Ysnaldo Gonçalves, Nelson Gonçalves e Senador Vasconcelos Torres. Ao fundo, Wayne Gonçalves (1974).



Fonte: Arquivo PMVR.

Reforma da Escola Lions, no bairro Vila Brasília. Em destaque,
Irmã Assumpção e Nelson Gonçalves (1974).



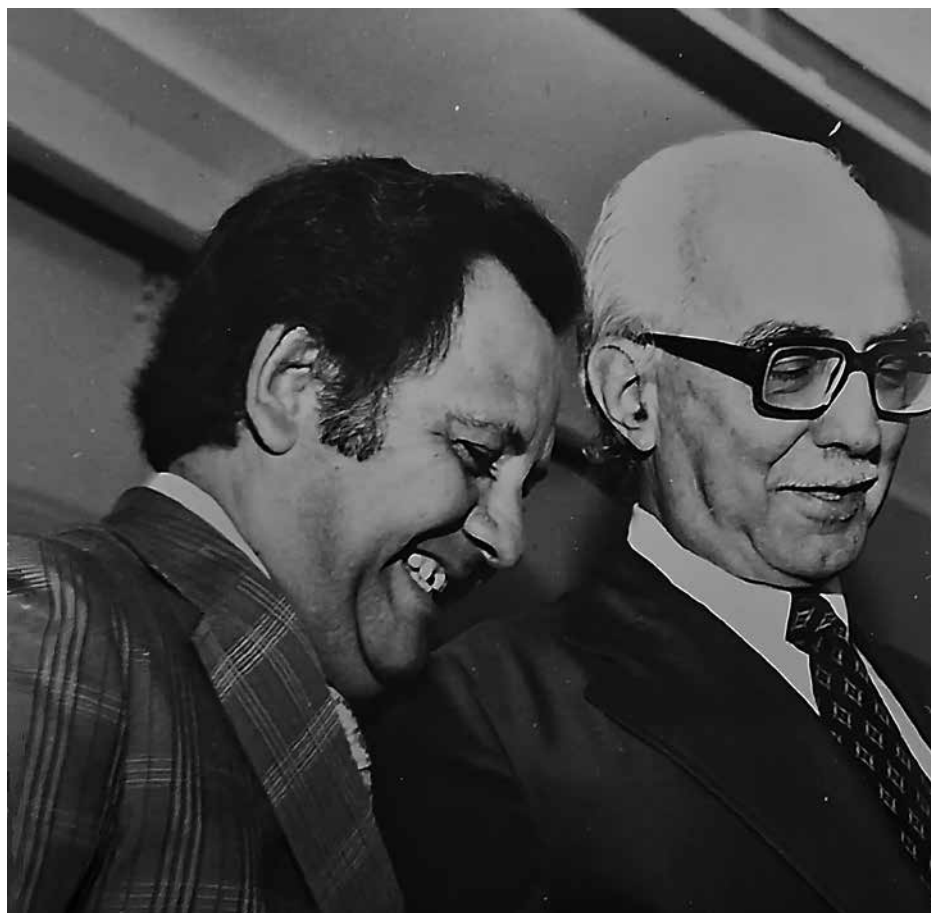
Fonte: Arquivo PMVR.

Início da construção da Rodovia dos Metalúrgicos. Da direita para esquerda, Nelson Gonçalves é o sexto (1974).



Fonte: Arquivo PMVR.

Nelson Gonçalves e Plínio Cantanhede, presidente da CSN (1975).



Fonte: Arquivo PMVR.

Em reunião para a fundação do Voltaço. Da esquerda para direita, vereador Joaquim Ramos; Heleno Nunes, presidente da CBD; Ysnaldo Gonçalves, primeiro presidente do Voltaço; Nelson Gonçalves (1975).



Fonte: Arquivo familiar.

Primeira Comissão Técnica do Voltaço. Da esquerda para direita, Flávio Costa, Paulinho de Almeida com Nelson Gonçalves (1975).



Fonte: Arquivo familiar.

Nelson Gonçalves, Pelé e Ney Braga, Ministro da Educação (1975).



Fonte: Arquivo PMVR.

Nelson Gonçalves e Otávio Pinto Guimarães, presidente da Federação Carioca de Futebol (1975).



Fonte: Arquivo familiar.

Da esquerda para direita, Agartino Gomes, presidente do Vasco da Gama, Nelson Gonçalves e Ysnaldo Gonçalves (1975).



Fonte: Arquivo familiar.

Ator Francisco Cuoco e Nelson Gonçalves (1975).



Fonte: Arquivo familiar.

Visita à obra da Rodovia dos Metalúrgicos (1975).



Fonte: Arquivo PMVR.

Nelson Gonçalves em visita à obra da Rodovia dos Metalúrgicos (1975).



Fonte: Arquivo PMVR.

Obra do Pronto-socorro Municipal (1975).



Fonte: Arquivo PMVR.

Visita à obra do Elevado Castelo Branco (1975).



Fonte: Arquivo PMVR.

Obra do viaduto Heitor Leite Franco (1975).



Fonte: Arquivo PMVR.

Nelson Gonçalves visita a obra do viaduto Heitor Leite Franco (1975).



Fonte: Arquivo PMVR.

Nelson Gonçalves e Washington Rodrigues (Apolinho) (1976).



Fonte: Arquivo familiar.

Inauguração da Rodovia dos Metalúrgicos (Tancredo Neves) (1976).



Fonte: Arquivo PMVR.

João Saldanha e Nelson Gonçalves (1976).



Fonte: Arquivo familiar.

Presidente do Botafogo, Charles Borer, e Nelson Gonçalves (1976).



Fonte: Arquivo familiar.

Nelson Gonçalves com crianças no Estádio Raulino de Oliveira (1976).



Fonte: Arquivo PMVR.

Nelson Gonçalves visita obra da Av. Beira Rio (1976).



Fonte: Arquivo PMVR.

Torcida Charanga do Fubá - Voltaço (1982)



Fonte: Arquivo Familiar.

Formatura de Therezinha Gonçalves (1983).



Fonte: Arquivo familiar.

Nelson Gonçalves e o Vice-presidente Aureliano Chaves (1984).



Fonte: Arquivo familiar.

Convenção do PFL Nacional para escolha da chapa Tancredo e Sarney. Da esquerda para direita, José Sarney, Aureliano Chaves, Tancredo Neves, ao centro (em pé) Nelson Gonçalves, Afonso Arinos, Ulisses Guimarães (1984).



Fonte: Arquivo familiar.

Tancredo Neves e Nelson Gonçalves (1984).



Fonte: Arquivo familiar.

Deputado Federal Márcio Macedo (à esquerda); no centro, Governador Chagas Freitas e Nelson Gonçalves; à direita, D. Gecy e vereador Jorge Pantaleão (1985).



Fonte: Arquivo PMVR.

Currículo autoras e colaboradores

Sobre as autoras



Angélica Aparecida Silva Arieira

Graduada em Jornalismo com 18 anos de atuação, sendo, pelo menos, sete deles em editorias de política. É especialista em Comunicação Empresarial tendo estado à frente de assessorias de campanhas eleitorais e em agências de comunicação. Trabalhou em diversos veículos regionais, tanto na área audiovisual como em emissoras radiofônicas e jornais impressos. É coordenadora do curso de Jornalismo do UniFOA, instituição em que também foi Chefe de Departamento da área de Ciências Sociais Aplicadas. Possui, como segunda graduação, a licenciatura em Letras (Português/Literaturas) pela UFF (Universidade Federal Fluminense). Na área de educação, é especialista em planejamento, implementação e gestão da educação a distância (UFF). Atua como docente de Língua Portuguesa e produção textual nos municípios de Volta Redonda e Pinheiral, neste último, sendo coordenadora do segundo segmento da Educação Básica. Possui título de Mestre em Ensino em Saúde e Meio Ambiente pelo UniFOA (Centro Universitário de Volta Redonda).



Beatriz Pacheco

Formada em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1987), Especialista em Literatura Infantil e Juvenil (1991) e em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (2015) e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) com pesquisa intitulada “A Construção do Discurso Nacionalista: Volta Redonda - Da Modernidade Sólida à Líquida”. Tem experiência na área de Letras e Comunicação, com ênfase em Redação. É tutora e conteudista de EaD desde 2010. É autora do livro “Leitura: Um Jogo de Estratégias” (2017), publicado pela Editora. É professora do Centro Universitário de Barra Mansa (UBM) e foi professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino de Volta Redonda por 25 anos com uma longa trajetória também na rede particular de ensino (Colégio Verbo Divino, Colégio Interativo e Colégio Macedo Soares). É revisora de periódicos como *Ubm Notícias* e *UBM News* há mais de 20 anos. Participa também da banca examinadora do projeto da TVRiosul, Redação Nota 10, anualmente.



Fabíola Amaral Tomé de Souza

Doutora em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestre em História Social pela Universidade Severino Sombra (USS) - Bolsista CAPES. Graduada em Ciências Sociais. Graduada em História - Licenciatura pelo Centro Universitário de Barra Mansa (2007). Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Política e História Social da UFRRJ e Grupo de Estudos Mundos do Trabalho e o Pós-abolição da UFRRJ. Professora Assistente do UNIFOA - Centro Universitário de Volta Redonda - RJ. Professora I - Ensino Médio - ministrando aulas de História e Sociologia - Secretaria de Estado e Educação do Rio de Janeiro-RJ. Atuou como professora substituta no Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ, ministrando aulas de História.



Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

Doutora em Educação (Políticas Públicas, UERJ) e Mestre em Educação Física (subjetividades e atividade física, UGF). Possui pós-graduação em Gerontologia (UniFOA), em Docência Superior e em Psicopedagogia Inclusiva (UGF) e em Orientação, Supervisão e Administração Escolar (UniRedentor), além de licenciaturas em Pedagogia (UNIRIO) e Educação Física (UniFOA). Leciona na rede pública desde 1983, atuando na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, inclusive no curso de magistério, e atuou como Assessora da Secretaria de Educação (Pinheiral). No UniFOA, desde 1997, exerce as cargas de Reitora (desde março/2023), Docente, Procuradora, Pesquisadora Institucional e Coordenadora do Programa de Iniciação à Docência (CAPES/2013-2022). Integra o Diretório Nacional do Forpibid-RP, o Banco de Avaliadores Ad Hoc do MEC e é Presidente da Associação Nacional de Pesquisadores Institucionais (ANPI-IES). Leciona também em pós-graduação (UNIFOA) e é autora de publicações sobre Educação, Ensino Superior, Avaliação Institucional, Didática, Formação Docente, Educação Física Escolar e Gerontologia, com destaque para o Atlas do Esporte Nacional, e para os livros Políticas Públicas de Avaliação - Impacto e (re)configuração da Educação Superior Brasileira (2004-2014) (2016) e Educação e Políticas Inclusivas: ressignificando a diversidade (2020).



Maria Aparecida Rocha Gouvêa

Doutora em Língua Portuguesa (UERJ); Mestre em Linguística Aplicada (UNITAU); Pós-graduada em Visão Discursiva (UFRJ) e em Língua Portuguesa (FERP); Graduada em Letras (FERP) e em Pedagogia (FERP). É professora no Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA há 23 anos, onde exerceu a coordenação do Núcleo de Apoio ao Discente e Docente - NADD e lecionou nos cursos de Letras, História, Administração, Nutrição, Engenharia de Produção e Medicina. Atua como Editora da Seção de Ciências Humanas, é membro do Comitê Editorial e Revisora de Língua Portuguesa do Cadernos UniFOA - Editora FOA. Atuou também como professora de Língua Portuguesa da rede municipal de Volta Redonda por 29 anos. Tem experiência na área de gestão pedagógica do ensino superior e na área de Letras, abordando principalmente os seguintes temas: música, ethos discursivo no período da ditadura militar, interdiscursividade/intertextualidade e produção de textos científicos e biográficos. É autora do livro “Música de protesto e ethos discursivo no período da ditadura militar: a arte de dizer o proibido”, publicado pela Editora Appris, além de artigos e capítulos de livros.

Sobre os colaboradores



Arthur Moreira Ramos

Concluiu o Ensino Médio no Colégio Professor Dary Ferreira Pinto de Oliveira (Barra Mansa – RJ, 2020). Estudante de Jornalismo no UniFOA. Atuou como redator e repórter no Jornal *Correio Sul Fluminense*, onde realizou estágio de abril de 2023 a abril de 2024.



Douglas Baltazar Gonçalves

Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo UBM, pós-graduado em Comunicação Empresarial (UBM) e mestre em História pela USS. Atualmente é coordenador do curso de Publicidade e Propaganda no UniFOA. Também atua como Diretor Geral da Rádio Sintonia do Vale FM, emissora das Dioceses de Barra do Piraí e Volta Redonda (RJ).



Felipe Esteves Duque

Concluiu o Ensino Médio no Colégio Espaço Ativo (Vassouras – RJ, 2021). Estudante do último período de Jornalismo no UniFOA. Também atua como fotógrafo, editor de áudio e vídeo, escritor e roteirista cinematográfico — tendo sido premiado no Rio Web Fest 2023. É formado pelo CCAA Teacher’s Course e trabalha como professor de Inglês desde 2021, idioma no qual é fluente.



Gabriel Uehara

Concluiu o Ensino Médio no Colégio Miranda (Angra dos Reis – RJ, 2018). Estudante do último ano do curso de Jornalismo no UniFOA. Atuou como repórter, editor e social media no Jornal *A Cidade*, com foco em cobertura de eventos e esportes.



Maria Luiza de Lima Spolidoro

Concluiu o Ensino Médio na Firjan Sesi (Volta Redonda – RJ, 2020). Formada em Publicidade e Propaganda pelo UniFOA (2024), atualmente, cursa Jornalismo na mesma instituição. Atuou como estagiária na área de comunicação entre abril e dezembro de 2023, com experiência como *social media* e redatora de conteúdo para *blog*. É fluente em inglês e espanhol.

Longe de esgotarmos uma vida tão repleta de significados humanos e políticos, esperamos que esta obra seja uma referência histórica para os cidadãos volta-redondenses e, principalmente, para pesquisadores interessados na construção do município.

As autoras



PREFEITURA MUNICIPAL DE
**VOLTA
REDONDA**
COM O POVO HONESTIDADE
E COMPETÊNCIA

